009

7

SOMA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

HAPPY HOLIDAYS

FROM VOLCOM

Volcom São Paulo BRASIL

Al. Lorena, 1835 São Paulo SP

Assembling the atomic jigsaw

VOLCOM

VOLCOM.COM

SUPER-X PRO

Conscious by Nature

A ELEMENT MANTÉM UM COMPROMISSO PERMANENTE DE CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL E AMBIENTAL

Photo by Element Advocate Brian Gaberman | elementskateboards.com/advocates

elementskateboards.com

+SOMA . #9

“É engraçado deixar de ser filho e passar a ser pai.”
Quem disse essa frase foi nosso editor, Tiago Moraes, e, de forma muito profunda, ela cristalizou-se em minha mente e me persegue desde então. Corte rápido.

Nossa nona edição teve uma gestação atribulada, para se dizer o mínimo. Não creio que valha a pena expormos nossos problemas do dia-a-dia, mas seria legal compartilhar com nossos leitores algumas informações sobre o funcionamento da revista.

Primeiro: ela é feita com amor e empenho de nossos colaboradores, sejam os esporádicos ou os fixos (inclusive, gostaríamos de agradecer profundamente ao Tiago Nicolas, que nos acompanhou por nove edições com sua coluna Shuffle e despede-se nesta edição). Segundo: por incrível que pareça, ela é tocada por um staff - que varia entre três a seis pessoas - que bota a mão na massa pra valer, e acreditem: é como se um time de salão jogasse 90 minutos de uma partida de futebol contra a seleção brasileira de campo. O mais incrível é que costumamos vencer. E terceiro: contrariando as estatísticas, estamos firmes e fortes, e indo cada vez com mais sede ao pote. Por isso, não dá para ficar se lamentando - o momento é de agradecer a todos vocês e comemorar mais um ano que passa, desejando boas novas, saúde, paz, amor e descontração para todo mundo.

A revista completa um ano e meio de existência, deixou de engatinhar e já dá seus primeiros passos por aí. Curioso é que ainda não cansamos de lamber a cria. O primeiro trimestre de 2009 ainda guarda algumas ótimas novidades, mas vamos esperar um pouco antes de divulgá-las. Podem esperar, e sentem para não cair. Mas ainda temos um motivo extra de felicidade para compartilhar com vocês.

Voltemos ao parágrafo inicial. Tiago é casado com a Fernanda, responsável pelo tão elogiado projeto gráfico da revista. Acontece que o primeiro filho do casal, Martim, nasceu no dia 7 de dezembro de 2009. Firme e forte. E muito grande, diga-se de passagem. Pode parecer um chavão bobo (leiam a coluna do Mini nesta edição), mas o nascimento de uma criança traz a maior esperança e felicidade do mundo. Quem teve a felicidade de acompanhar o nascimento de uma criança sabe do que estou dizendo.

O que o staff da +Soma quer dizer para o Tiago e a Fernanda é: sim, é engraçado deixar de ser filho e tornar-se pai. Em certa medida, nos tornamos cientes disso acompanhando e “alimentando” a revista.

Feliz 2009!

STAFF +SOMA

Detalhe de Gravura . Gilvan Samico

NIXON

THE CERAMIC PLAYER

BREAK ON THROUGH

nixonnow.com

+CONTEÚDO

Shuffle.....14
Do Killing Chainsaw ao Grenade.....16
As Sete Faces do Dr. MZK.....24
10 anos de Hurtmold.....34
Gilvan Samico.....40
Hybrids - Klaus Thymann.....48
Brigando Com Desenhos.....56
Mudhoney 20 anos.....66
Novos Nomes da Fotografia.....68
Vestígios do Dia.....74
Deus Das Pequenas Danças.....80
A Filial de $1,99.....82
Bonnie Prince Billy.....86
Endurecer Sem Perder a Ternura.....90
Momo, Existencialismo e Esperança.....94
Reviews.....97
Clichês.....102
Dias de um Fantasma Suicida.....104

CHECK OUT HER RAP SHEET AT:
VONZIPPER.COM/MOSTWANTED

O projeto +**Soma** é uma iniciativa da **Kultur,**
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: www.maissoma.com

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #9
Janeiro 2009

Fundadores . **Kultur**
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Editor . **Tiago Moraes**

Redação . **Arthur Dantas**
Mateus Potumati

Revisão . **Marcelo Y. Salles**

Projeto gráfico . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini, Tiago Moraes e Rodolfo Herrera**

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Tiago Nicolas e Breno Tamura

Gostariamos de agradecer a Fernanda Couto & Studio SP, staff Auditório Ibirapuera, Akin, Bernardo Pacheco, Marcos Boffa, Prila Paiva, Renata Lourenço & Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães, André Barcinski, Cia de Foto, Breno Rotatori, Jéssica Mangaba, Choque Photos, Talita Virginia, Ênio Cesar, Estação Pinacoteca, Lauro Mesquita, Inker Produções, Mozine, Rafael Jacinto e Cia de Foto, Sérgio Ugeda & Tronco Produções, Katia & Alavanca Produções, a todos que enviaram material para resenha, anunciantes e aos pontos de distribuição da revista. Nosso mais sincero muito obrigado e feliz 2009!

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. A todos os colaboradores de texto, foto, arte, e a todos da **Cia de Foto**.

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Publicidade . **Cristiana Namur Moraes**
T. 55 11 3849.2045 . cris@kulturstudio.com

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3842.6717** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**

Capa
MZK

Periodicidade . **Bimestral**
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, galerias de arte, museus, centros culturais, shows, eventos e casas noturnas.
Veja os endereços em: **www.maissoma.com/info**
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares

BONECOS UM POUQUINHO
DIFERENTES DO SEU ÚLTIMO BONECO.

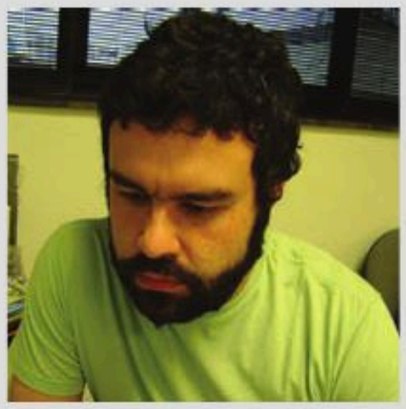
PLASTIK™

F/NAZCA S&S

www.plastiksp.com.br

Rua Dr. Melo Alves, 459
São Paulo - Brasil
55 11. 30812056 - 55 11 30811714

+COLABORADORES

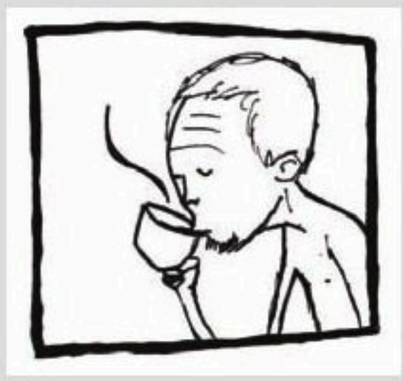


Dagoberto Donato

Ou só Dago, é editor-chefe da TramaVirtual. Além disso, finge que é DJ e agora inventou de abrir uma balada. Foi babá do Dan Deacon durante sua passagem por São Paulo.

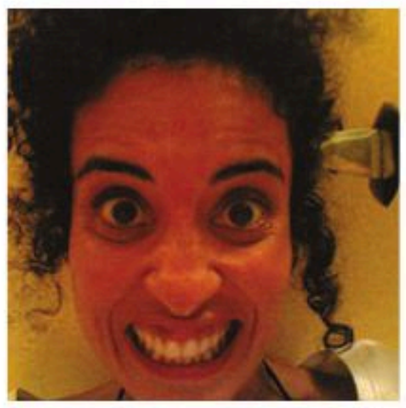
Helena Sasseron

Produtora e stylist
nascida em SP, acredita no
"cada um com seu cada qual".
Filmes e arte sempre que
sobra um tempo.
Música o tempo todo.



Tiago Lacerda

É natural de Volta Redonda
e mora no Rio há dez anos.
Formado em design, trabalha
com animação e ilustração.
Influência e vício de quadrinhos
europeus.
el-cerdo.blogspot.com



Alexandra Martins

É jornalista incombustível de alta voltagem, de Belo Horizonte, com pegadas em Londres, Belfast, Bilbao e São Paulo. Seu disco duro só guarda felicidade. Embora não saiba, se daria bem como atriz. Depois de sete anos fora, trabalha como redatora do jornal *O Tempo*, na capital mineira.

Fernando Martins

É skatista e fotógrafo
autodidata.
Nasceu no Rio de Janeiro,
mas escolheu a cidade
de São Paulo para viver.

Pedro Bruno

É repórter da TramaVirtual e se reveza nos instrumentos e vocais do Holger. Teve a sorte de estar com a máquina fotográfica no show surpresa do Dan Deacon.

Tiago Mesquita

Tiago nasceu em Pouso Alegre (MG). Trabalha como crítico de arte desde 1999. Escreveu ensaios para livros sobre artistas como Cassio Michalany, Jorge Guinle, Fábio Miguez, Sérgio Sister, entre outros.
Atualmente faz mestrado no departamento de Filosofia USP.
Seu retrato é de Ana Prata.

Archie Kent Fink

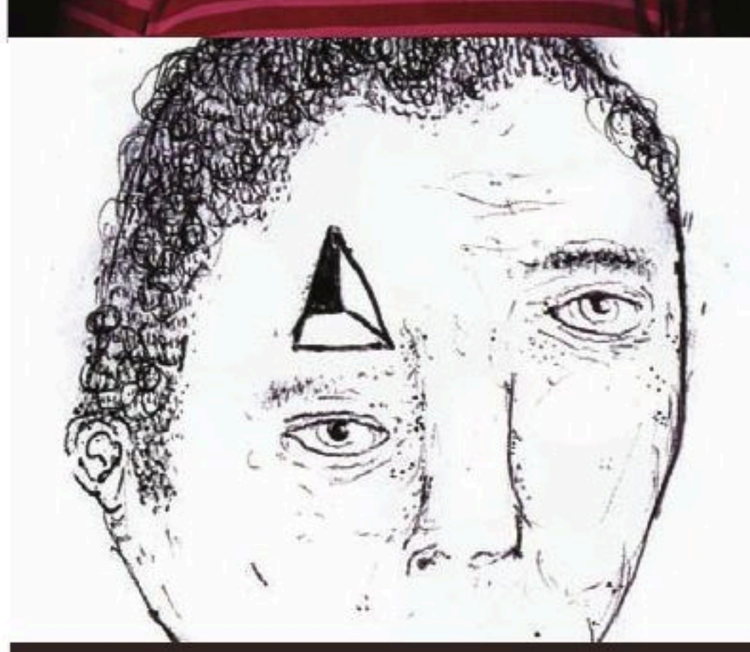
Nosso repórter fanfarrão esteve sumido desde nossa terceira edição. Neste meio tempo, criou uma produtora especializada em vídeos "de amor" com nativas da selva amazônica colombiana. A experiência não deu lá muito certo.

Rafael Spoladore

Nasceu em Londrina, tem 27 anos, atualmente mora em São Paulo e trabalha com a tal da internet.

Cia de Foto

A Cia de Foto é parceira da +Soma desde o primeiro número. Um dos bons nomes de coletivos fotográficos do momento, contribuíram nesta edição apresentando novos fotógrafos.
www.ciadefoto.com.br



Entrevista completa com Grenade, trechos do bate-papo com MZK, galeria virtual Renan Cruz e Bruno Kurru, vídeo Bonnie Prince Billy e som exclusivo da A Filial.

Cobertura de shows. Lançamentos . Exposições . Somacasts exclusivos . Top 5 com convidados . Expo Virtual . e muito mais...

WWW.MAISSOMA.COM
Sua dose diária de cultura independente

SUPER-X PRO

5HUFFL&

POR TIAGO NICOLAS

Fotos Fernando Martins

Se o Hurtmold, Eternals e o Rob Mazurek (no Brasil) tivessem uma casa ou chácara, o Fred seria o caseiro. Esse mineiro de Belzonte é o queijo com goiabada da produção independente brasileira. Há dez anos, Frederico Finelli acreditou e fundou a Submarine Records e lançou seu primeiro petardo na praça, a coletânea *Some Songs, Some Places, Some Feelings*. Passada essa década de glória e fortuna, Fred vai nos falar a respeito do catálogo da Submarine e um pouco do seu gosto pessoal; mas bem pouco mesmo, porque a coluna só tem dez perguntas e uma delas eu que escolho, uai sô.

Com qual disco você conseguiu comprar mais vacas leiteiras para a produção do puro queijo minas?
Fora a terrinha que eu comprei pra cultivo de café, né? O disco que mais saiu até o momento e teve mais edições lançadas fora do Brasil, com músicas utilizadas em vídeos, filmes etc., foi o *Mestro*, do **Hurtmold**. O mais novo deles já tá ali na bota também.

Qual disco da Submarine você considera tão forte quanto uma bomba do Nelinho?
Boa! Me emociona lembrar de ter ido várias vezes no Mineirão nos anos 80 ver o Nelinho jogando no Atlético. Um disco que considero um torpedo é o *Heavy International*, dos **Eternals**.

Qual é o próximo lançamento da Submarine?
Estamos trabalhando no lançamento de um disco solo do **Rob Mazurek**, o nosso Maza. Ele tem alguns discos solo lançados, mas este será o primeiro que sairá no Brasil. Está previsto para o primeiro trimestre de 2009.

Um disco da Sub que deveria ser adotado pelo MEC para material escolar.
Acho que o mais recente do **São Paulo Underground**, *The Principle of Intrusive Relationships*. A capa já é um texto (ler, interpretar, dar asas à imaginação, né, Nicolas...) e pode ensinar que é importante não se esquecer de revisar a arte. E o conteúdo musical ali dentro é uma bela pedrada na idéia, pra molecada fritar na sala de aula. Que pergunta foi essa? E a resposta? (risos.)

Qual disco te deixou mais rico espiritualmente?
O disco do **Bodes & Elefantes**. O trampo do Gui (Guilherme Granado) foi uma bela surpresa pra mim. Usou a pegada punk, rústica de fazer as coisas e foi que foi. A gente ficou muito junto fritando para ver como pôr o trampo na rua etc. Este lançamento fez bem pra minha cabeça e para o selo.

Um disco que você gosta de ouvir patinando no gelo, em dupla.
Tem vários, mas vou pegar exatamente o disco que estou ouvindo direto esta semana aqui e cai como uma luva nessa sua pergunta: *Breaking Point*, do **Freddie Hubbard**.

Um disco da Cogumelo (histórico selo do metal mineiro).
Sepultura, *Schizophrenia*.

Qual disco nacional você gostaria de ter lançado?
Um disco do **AUTO** (banda paulistana da virada dos 2000, responsável por um art punk agressivo).

Qual disco gringo?
Acho que seria legal ter toda a discografia dos **Eternals** lançada aqui também.

Meu disco preferido da Submarine?
Pô, **Eternals**. *Rawar Style*, né, tio?

OUFICINA
TRASMITAÇÃO
ESTA OUFICINA
E TRASMITIDA
DO CEU AQUI
NA TERRA A
OS MEUS PODER
DE FASER
O QUE VIER
SERA FEITO
COM OS
PODER DE
DEUS TUDO
SERA FEITO
DUOVOX

DO KILLING CHAINSAW AO GRENADE.

PECADO E REDENÇÃO DE RODRIGO GUEDES

Por Mateus Potumati . Imagens Acervo

Houve um momento, no começo dos anos 90, em que o rock independente parecia ter emplacado no Brasil. Inspirados pela onda grunge, grandes gravadoras, produtores e a imprensa resolveram apostar em nomes desconhecidos, com referências musicais até então indigestas ao grande público. Bandas como Garage Fuzz, Little Quail, Second Come e Pin Ups ensaiavam uma iminente nova explosão do rock brasileiro. Entre elas, um quarteto de Piracicaba (164 km de São Paulo) chamava a atenção pelos shows intensos e pelas influências bem equilibradas do indie rock norte-americano, de Mudhoney a Sonic Youth. O disco de lançamento homônimo do Killing Chainsaw foi visto até nas mãos de Kurt Cobain – que o ouviu e elogiou. Mas a bolha indie brasileira não sobreviveu ao teste da realidade. Entre tropeços, amadorismo e megalomania inconseqüente, o artificialismo da empreitada logo ficou evidente: discos encalhavam nas lojas, rádios não sabiam o que fazer com as músicas e o circuito de shows não crescia. A rebordosa foi inevitável e implacável. O Killing Chainsaw, um dos principais prejudicados, acabou jogando seus integrantes em um hiato criativo de anos – forçado em parte por um contrato mal articulado com a Roadrunner, sua gravadora. ⏩

SAÍ DE BRASÍLIA COM UMA
FITINHA: DINOSAUR JR.
DE UM LADO E VIOLENT
FEMMES DO OUTRO.
E ENCONTREI CARAS
IGUAIS EM PIRACICABA.

Quando a tormenta passou, Rodrigo Guedes estava devidamente longe dos holofotes - o suficiente para repensar sua vida, sua música, seus objetivos. E, então, surgiu o Grenade. Inicialmente experimento lo-fi de um homem só, o Grenade evoluiu para um projeto mais sólido e refinado, como o Killing Chainsaw jamais havia sido. No tortuoso caminho de saída das entranhas da besta, Guedes conquistou a liberdade para produzir pérolas do rock - agora sim - independente. Hoje, aos 36 anos, ele mora em Londrina com sua segunda mulher e seu filho, também Rodrigo, de 17 anos. Nesta entrevista para a *+Soma*, ele fala sobre a infância em Brasília, sonhos de grandeza adolescente, experiências fora do corpo, sua época de Tim Maia Racional, Neutral Milk Hotel, a vida como pecador e, enfim, sua redenção. Confira.

QUANDO VOCÊ COMEÇOU A OUVIR SOM?

Eu tinha 13, 14 anos em 85, né? Era natural você ser moleque e ouvir rock em Brasília. Onde você ia tinha um cara tocando. Vi desde Lobão, Léo Jaime, Legião, Capital, Plebe, RPM, até as bandas locais mais obscuras: Arte no Escuro, Escola de Escândalos, Detrito Federal. Comecei a curtir ali e já passei a comprar vinil: qualquer graninha que eu ganhava, ia pra loja. E lá já tinha loja especializada em independente. O Conic, que hoje é o lugar onde ficam os travestis e as putas em Brasília, era uma galeria underground. Ataque Frontal, Be-Bop, Baratos Afins, era tudo distribuído lá. Eu comprava desde *Não São Paulo*, os primeiros do Hojerizah, Kafka, essas coisas que depois nem vingaram, e muito punk nacional, até rock inglês, que em Brasília era forte - Smiths, Cure, Echo, Joy Division. Nessa época, de 14 pra 15, eu ganhei a minha primeira guitarra. E aí eu comecei a tocar, mas nunca fiz aula: o lance era ir na banquinha e comprar revista de cifra. Foi assim que aprendi a tocar, tirando aquelas porcarias. E aí, quando eu estava com 15 pra 16, mudei pra Piracicaba. Pra mim foi um puta choque: Brasília é uma ilha, quem mora lá acha que o resto do mundo é roça. Mas aí quando cheguei em Piracicaba foi foda - pelo lado positivo -, porque as pessoas encaravam as coisas de forma completamente diferente. Brasília é uma cidade fria, onde todo mundo caminha pro mesmo lado, não tem diversidade. É tudo uma coisa só, as pessoas são meio iguais. E existia um elitismo. Eu morava no Lago Sul e na Asa Sul, lá ninguém tinha respeito com lei, a molecada era retardada, gostava de sair pra brigar. E aí, quando eu fui pro interior de São Paulo, conheci uma galera diferente, amigos de verdade - aquele camarada do dia-a-dia, que ouve som porque é bravo com a vida, não porque acha bonitinho, entendeu?

E EM PIRACICABA TEM MUITO ROQUEIRO TAMBÉM, NÉ?

Sempre teve, desde o metaleiro básico do interior de São Paulo, que você acha em qualquer esquina, até os caras que ouviam as coisas antes dos outros. Eu tive a sorte de andar sempre com gente antenada. Saí de Brasília com uma fitinha: Dinosaur Jr. de um lado e Violent Femmes do outro. E encontrei caras iguais em Piracicaba.

COMO SURGIU O KILLING CHAINSAW?

O meu vizinho, Rodrigo, virou um puta amigo meu. Um dia, ele decidiu tocar bateria e a gente começou a arranhar juntos. Tocávamos o dia inteiro, não tínhamos nada pra fazer. Até que ele aprendeu e virou o primeiro batera do Killing. Gravou as demos que viraram nosso primeiro registro em vinil [na coletânea *Enquanto Isso*, produzida por Alex Antunes, RH Jackson e Akira S]. E aí a gente se juntou com o Gérson, que foi baixista do Killing a vida inteira. Só depois de um tempo é que conhecemos o Gozo.

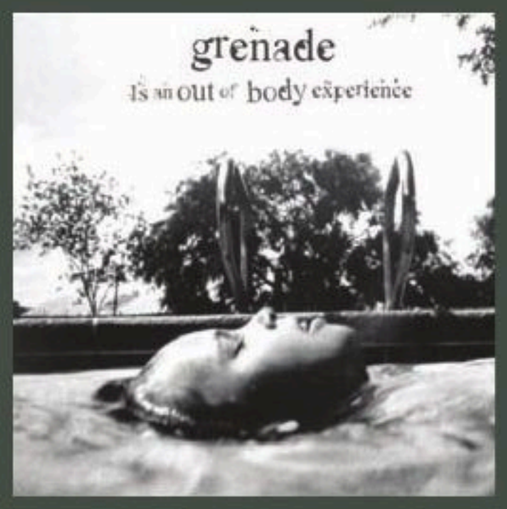
Um dia eu fui pra aula com uma camiseta do Bauhaus, que tinha escrito só Peter Murphy, não tinha nem escrito o nome da banda. E aí eu cheguei na escola e o cara: "Porra, Bauhaus!" Pensei: "puta cara estranho!" (risos). Ele ouvia umas coisas esquisitas, gostava de AC/DC e Duran Duran, Bauhaus e Van Halen, era fã de Madonna e gostava de tocar metal, entendeu? (risos) E aí a gente ficou amigaço, de cara. Trocamos muita idéia, ele disse que tocava guitarra e em três semanas já estava na banda. E virou meu parceiro de composição com o Killing a vida inteira. Depois o Rodrigo foi embora, e o Pedro entrou. E aí foi o Killing Chainsaw que ficou mesmo, que gravou os dois discos [*Killing Chainsaw*, de 1992, e *Slim Fast Formula*, de 1994].

E QUANDO VOCÊS COMEÇARAM A IR PARA SÃO PAULO? TEVE AQUELA HISTÓRIA QUE VOCÊS TROMBARAM OS PIN-UPS LÁ NO SHOW DO JESUS AND MARY CHAIN.

Nessa época as três demos do Killing já estavam gravadas. A gente lia a *Bizz*, e lá tinha o endereço pra mandar fita. Mandamos e descobrimos o [selo independente carioca] Midsummer Madness. O Rodrigo [Lariú, dono do selo] ouviu a demo, pirou e lançou. Quando a gente viu, estávamos recebendo cinqüenta cartas por mês! Manaus, Rondônia, o escambau. Eles mandavam a grana por carta e a gente mandava a fita. Nessa, algumas pessoas em São Paulo começaram a prestar atenção. Naquela época não tinha banda indie, né? Se tinha uma banda em Piracicaba fazendo esse som, o cara queria pelo menos ouvir. E aí a gente foi pro show do Jesus [em 1990]. Lá, eu cruzei os caras do Pin-Ups e eles estavam vestidos igual ao Jesus and Mary Chain (risos). Era a coisa mais engraçada, eles de couro preto até aqui em cima. Já colamos neles, o Zé e o Luiz. Trocamos fitas e virou uma amizade. Em dois meses, os caras estavam indo pra Piracicaba todo fim de semana. Aí, eles deram um toque pro Roberto do Retrô

DISCOGRAFIA:

A CHILD'S INTRODUCTION TO SQUARE DANCING - 1998



IS AN OUT OF BODY EXPERIENCE - 1999

SHORTWAVE YOUNGLOVE KINGDOM - 1999

[histórica casa de shows de São Paulo], e os caras chamaram a gente pra tocar. Fizemos o primeiro show lá em 90, e foi do caralho. Depois, veio o Armageddon, o Madame Satã, mais tarde o Aeroanta. A banda começou a crescer, e num desses shows no Retrô estava o Alex Antunes, que a gente já conhecia.

ELE E O PAULO MIKLOS.

Isso. O Alex já estava interessado, e depois do show o Paulo Miklos virou pra ele e disse: "Você não tá procurando uma banda? Achou". E pronto, fomos fazer o disco. Ficamos uma semana em São Paulo, entramos no estúdio e gravamos. Lembro que o João Gordo foi lá, deu força, produziu, gritou em umas músicas (risos). Aí esse disco saiu e a banda começou a crescer. Pouco tempo depois, a Alê [do Pin-Ups assumiu como o A&R (executiva de Artistas e Repertório) da Roadrunner, que tinha acabado de entrar no Brasil, e ela chamou a gente e o Garage Fuzz.

NESSA ÉPOCA ELES SÓ TINHAM SEPULTURA E RATOS, NÉ?

Isso, só os dois. E ela assumiu pra pegar uma praia diferente. Era a época em que o grunge começou a entrar em evidência, e os caras queriam bandas naquela linha. Aí, fomos, assinamos o contrato... e nos fodemos. Foi um contrato muito picareta. Era uma gravadora nova, inexperiente. O cara era um holandês, achou que aqui era a mesma coisa, só jogar na loja e pronto. Mas era outro mercado, tinha que ter distribuição. [Precisava dar atenção] ao mercado pequeno, segmentado - às lojinhas de discos. Não era só colocar nas Americanas e esperar o povo comprar. Então ninguém sabia do disco. E aí, quando o cara viu que ia ter trabalho, ele abandonou a gente. Ficamos presos ao contrato por sete anos, sem poder negociar com ninguém, e isso brochou a banda. Quando o disco foi lançado, eu já estava me mudando pra Londrina. Meu menino tinha nascido, o Rodrigo, e eu fiquei no maior aperto. Resolvi vir morar com o meu pai e abri uma loja de discos. Cada um foi cuidar da sua vida, e a banda acabou.

TENTARAM CRIAR A ILUSÃO DE QUE EXISTIA UM CIRCUITO INDEPENDENTE NO BRASIL.

Exatamente. A gente passou um ano e meio emplacando capa de Ilustrada, saiu matéria na *Veja*, na *Bizz*, pensamos "agora foi!", mas não era nada disso. Era uma estrutura oca. Por fora parecia que estava tudo legal, mas era tudo muito frágil. Se você não vende disco e não tem lugar pra fazer show, o que você tem? Nada. A gente era os macaquinhos da vez, não tinha nenhum interesse em realmente fazer como hoje vocês estão fazendo, se aprofundar, entender como é essa parada, criar mídia pra isso, público. Não tinha. Não dá pra forçar uma coisa com duas ou três bandas. Começaram inclusive a pegar um monte de bandas que não tinham nada a ver pra parecer que aqui era grande. Só que era tudo solto, desamarrado. Enfim, era uma mentira.

COMO VOCÊ ACHA QUE ISSO AFETOU AQUELA GERAÇÃO – BANDAS COMO LITTLE QUAIL, SECOND COME, MICKEY JUNKIES, WRY?

A mim, afetou pessoalmente. Porque eles [os membros do Killing Chainsaw] eram meus irmãos, a gente morava junto. Tive que vir pra cá e perdi a ilusão de ir pra estrada com eles, de viver aquela coisa de moleque do rock'n'roll. Então, quando acabou, eu pensei: "Puta, que palhaçada. O que importa é fazer música, é estar com os amigos". Caiu essa ficha, acho que pra todo mundo. A maior parte das bandas foi dizimada por causa disso. Das que ficaram, umas baixaram a bola, tipo o Garage Fuzz: passaram pelo turbilhão e voltaram pro público deles, que era pequeno, mas unido. Outras insistiram em tentar jogar lá em cima, como o Pin Ups. Isso nem é uma crítica, mas era a vontade dos caras e não deu certo. É frustrante, né? Uma hora acaba. Eu esqueci de banda por um tempo, perdi a vontade total.

E QUANDO VOCÊ DECIDIU VOLTAR?

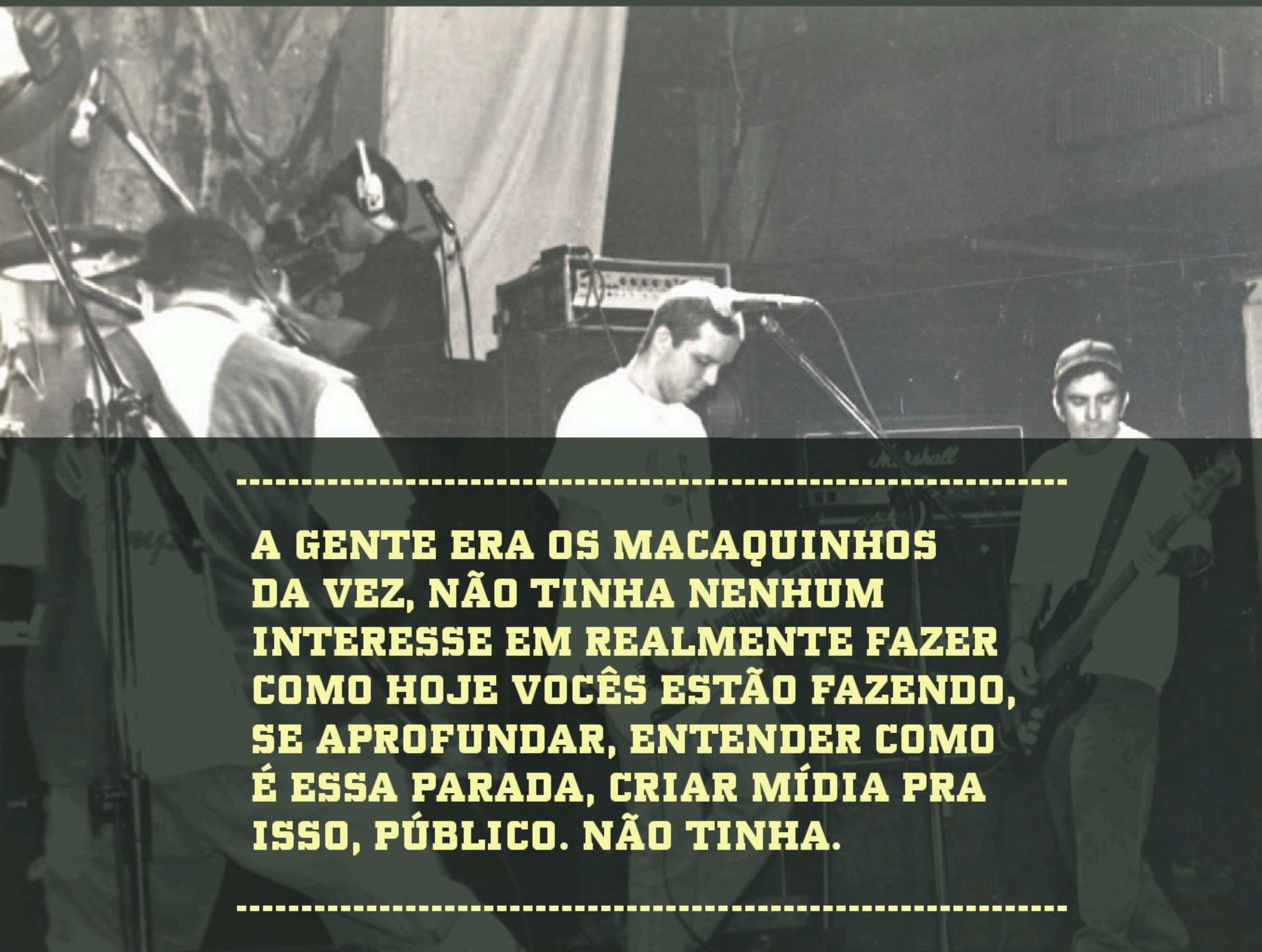
Depois de uns dois anos, eu percebi que ficar parado era pior. Comecei

HEARTLESS · 2000

SPLINTERS · 2002

GRENADE · 2004

LIFE AS A SINNER · 2008



A GENTE ERA OS MACAQUINHOS DA VEZ, NÃO TINHA NENHUM INTERESSE EM REALMENTE FAZER COMO HOJE VOCÊS ESTÃO FAZENDO, SE APROFUNDAR, ENTENDER COMO É ESSA PARADA, CRIAR MÍDIA PRA ISSO, PÚBLICO. NÃO TINHA.

---

a entrar numa deprê fodida. Aí eu tive a idéia de fazer tudo sozinho - não queria encontrar outra banda e passar pelo que eu passei. Comprei um violão, um gravadorzinho TASCAM de quatro pistas e comecei a gravar em casa. Não tinha intenção de lançar nada, era só pra registrar. Em 97, mostrei um material pro Marquinhos [ex-Pin Ups] e ele falou: "Porra, tô começando um selo aqui [a Ordinary Records, de São Paulo], vamos lançar esse negócio". Ele falou pra eu inventar um nome, e foi assim que rolou o Grenade. Em 98, saiu o [primeiro disco do Grenade,] *A Child's Introduction to Square Dancing* - que era eu, a guitarra, um computador e uma bateria MIDI bem tosca. Era um experimento, mesmo. A galera recebeu e começou a rolar um retorno. Depois, no *Is An Out Of Body Experience*, eu já quis que tivesse banda. Chamei os moleques da banda do meu irmão, e eles fizeram o instrumental - o Erik na guitarra, o Lucas na bateria.
O Foca [irmão de Rodrigo] começou a fazer os shows gringos aqui em Londrina, você lembra. Vieram Superchunk, Make-Up, Man or Astro-Man?, Fugazi, Buzzcocks. Uma porrada de banda. A gente abriu alguns desses shows e eu pensei "puta, tô curtindo tocar de novo". Em 2000, eu já estava com a banda, e em 2001 fizemos o material pro disco composto com a banda toda, que é o *Grenade* [lançado em 2004, pela Slag]. Esse foi um disco mais trampado, gravamos em estúdio. Depois ele foi pra Nova York ser masterizado e teve aquele boom, porque foi o cara que masterizou o disco do Strokes (*Room of Fire*).

O *GRENADE* É MAIS ROQUEIRO DO QUE *OUT OF BODY*, QUE É MAIS FOLK. O QUANTO TER UMA BANDA JUNTO INFLUENCIOU NISSO?
A idéia de fazer folk surgiu primeiro porque eu gostava muito, e segundo pela falta de recurso. Se você ouvir "Vampire" (faixa de *Out of Body*), ela tem muito mais a ver com a fase que veio depois. No *Grenade*, eu já tinha a banda pra fazer aquilo comigo. Se não tivesse, eu ia fazer uma balada. O rock é assim. Dá pra pegar qualquer música do Bob Dylan e fazer uma pedrada. Eu também queria fazer um disco mais experimental. A pira da experiência fora do corpo não era só um tema, eu estava curtindo isso, vivendo umas histórias. Achei legal criar um disco com um conceito que amarrasse tudo.

MAS VOCÊ BUSCOU ESSAS EXPERIÊNCIAS, OU ELAS ACONTECERAM NATURALMENTE?
Foi natural, eu achei que estava ficando meio doido (risos). E não dá pra dizer que era droga, porque eu não estava tomando nada (risos). Fiquei assustado e fui ler a respeito. Lógico que isso ia inspirar. Acho que foi a mesma coisa que aconteceu com o Tim Maia na época da Cultura Racional (risos). As letras não faziam nenhuma apologia, mas falam sobre sonhos. E na mesma época eu conheci a música do Jeff Mangum, do Neutral Milk Hotel. Tinha uma similaridade com o que eu fazia, tanto do ponto de vista estético como do que ele falava. Ele só escrevia sobre sonhos, né? E as letras dele são do caralho, o cara é um gênio, deve ter feito o melhor disco dos anos 90 [*In An Aeroplane Over the Sea*, de 1998]. Mas esse momento passou e aí o rock sempre bate mais forte. E o *Grenade* é um disco de rock, mesmo. Tem umas coisas de folk, mas é um disco cruzão.

E NO *LIFE AS A SINNER* ISSO AUMENTOU, NÉ? TEM ATÉ UM POUCO DE STONES ALI.
O disco tem uma pegada de um rock mais cru, mas tem também algumas coisas pro lado da barulheira, do Sonic Youth. Guitarras mais ardidas, mais de indie rock, uma coisa que sempre foi minha praia. Na verdade, imagino que esse vai ser o caminho do Grenade. Uma coisa mais experimental, mais voltada para a guitarra. Até mesmo pela influência do Adauto [guitarrista que entrou para a banda em 2005]. Ele é um cara mais de barulho, fã de Thurston e Neil Young. Uma mistura deliciosa de fazer.

O *LIFE AS A SINNER* TEM LETRAS MAIS AGRESSIVAS, E VOCÊ COMPÔS O DISCO BEM NA ÉPOCA EM QUE SEU CASAMENTO ESTAVA TERMINANDO. HÁ UMA RELAÇÃO DIRETA ENTRE UMA COISA E OUTRA?
Provavelmente. Minhas letras nunca foram voltadas a ninguém, mas elas refletem a minha personalidade. No *Life as a Sinner* eu estava bravo, por isso tanto a música como as letras ficaram mais agressivas. O próprio nome do disco mostra isso, né? "Life as a sinner" ("vida como pecador"), tem uma relação direta com a mentira, com a destruição de dogmas. Casei muito moleque. Eu tinha acabado de me separar e tem toda aquela coisa que vem junto. A música acabou indo pra esse lado, é um disco ao mesmo tempo bravo e confuso. Hoje escuto ele e penso "putz, você estava bem esquisito, sem saber o que fazer, né?" E é verdade.

O DISCO ACABOU NEM SAINDO, PORQUE A SLAG SE CONCENTROU QUASE TOTALMENTE NO CANSEI DE SER SEXY. QUANDO VOCÊ SE DECIDIU PELO DOWNLOAD?
Eu fiquei sem gravadora, mas não estava a fim de ir atrás de ninguém. Preferi esperar, porque a Slag era a nossa casa e eu sempre fui muito fiel a essas coisas. Quando o Du voltou, voltou em crise por causa daquele problema que ele teve com a banda. E a Slag foi desativada. Foi nessa época que o mercado fez aquela transição, né? CD pra quê? CD pra quem? Pensei "quem vai comprar essa porra?" Ninguém vai comprar. E eu sou um cara de palco, o que me importa é que mais gente ouça. Se eu for ficar segurando esse negócio pra vender CD, quinze pessoas vão ouvir. Se eu colocar tudo na internet, 15 mil vão ouvir. A minha possibilidade de ir tocar no Nordeste, no Rio Grande do Sul, vai ficar muito maior. Aí eu

resolvi botar isso pra fora, do jeito que deu. Agora, estamos estudando como lançar. Vai sair um vinil pra comemorar? Vai sair um CD pra imprensa, pra mostrar o trabalho lá fora? Ainda não sabemos. Coloquei ele num blog e várias outras pessoas puseram simultaneamente. Então, é um disco que já está divulgado. Como ele demorou, pra mim virou carne morta. Não tem sentido começar a trabalhar nele agora. Estamos tocando essas músicas há três anos, já temos repertório novo.
Eu precisava enterrar ele de vez, por bem ou por mal. Talvez uma hora ele dê as caras, pro cara que gosta ter o disco na mão. Isso tá acontecendo, por exemplo, com o *Out of Body*, temos plano de lançá-lo em vinil para comemorar os 10 anos do disco, em 2009. Vamos lançar uma quantidade só pro cara que gosta mesmo. E o *Life as a Sinner* deve virar uma coisa assim também. Daqui pra frente, vamos retomar o processo como se fosse um reinício. Vamos começar com um single, por exemplo. Não vou mais fazer disco fechado, minha idéia é lançar dois, três singles, botar na internet e aí, quando as coisas começarem a tomar uma forma, entra um disco. A minha intenção maior é continuar na estrada, tocar mais.

A CULTURA DE SINGLE VOLTOU, NÉ? FAZ SENTIDO LANÇAR MÚSICAS SEPARADAS DE NOVO.
Claro! Eu fiz uma música hoje, não vou esperar juntar com mais quinze pra lançar um formato. Ponho na internet, o cara vai ouvir e falar: “Nossa!” Ela tem impacto maior do que um disco inteiro. Hoje, tem várias bandas que fizeram carreira inteirinha na Inglaterra com uma música. O cara põe lá e dá 15 milhões de downloads em duas semanas. A gravadora já pega, os circuitos de shows pegam...
O propósito é muito mais legal - e outra, você tem que acabar com um formato quando ele pára de funcionar. Disco é legal, teve um conceito durante muito tempo, mas hoje ele é uma coisa a se discutir. Como o disco funciona? Hoje um moleque pega um pendrive e coloca as músicas que ele quer. Tem um disco de quinze músicas lá, ele pega uma que ele mais gosta, junta com outra de outro cara e faz o disco dele. Não é mais o artista que vai fazer, não adianta você forçar isso goela abaixo. Antigamente o cara só tinha um jeito: pegar o vinil, podia até pular a música se ele levantasse a bunda da cadeira, mas era um disco de vinil, não tinha como compilar aquilo diferente. Agora isso não faz mais sentido. ◂

» Saiba mais:
grenadeband.blogspot.com
www.grenade.com.br
www.myspace.com/grenade

Leia a continuação desta entrevista em www.maissoma.com

AS SETE FACES DO DR. MZK

Por Arthur Dantas . Fotos Fernando Martins

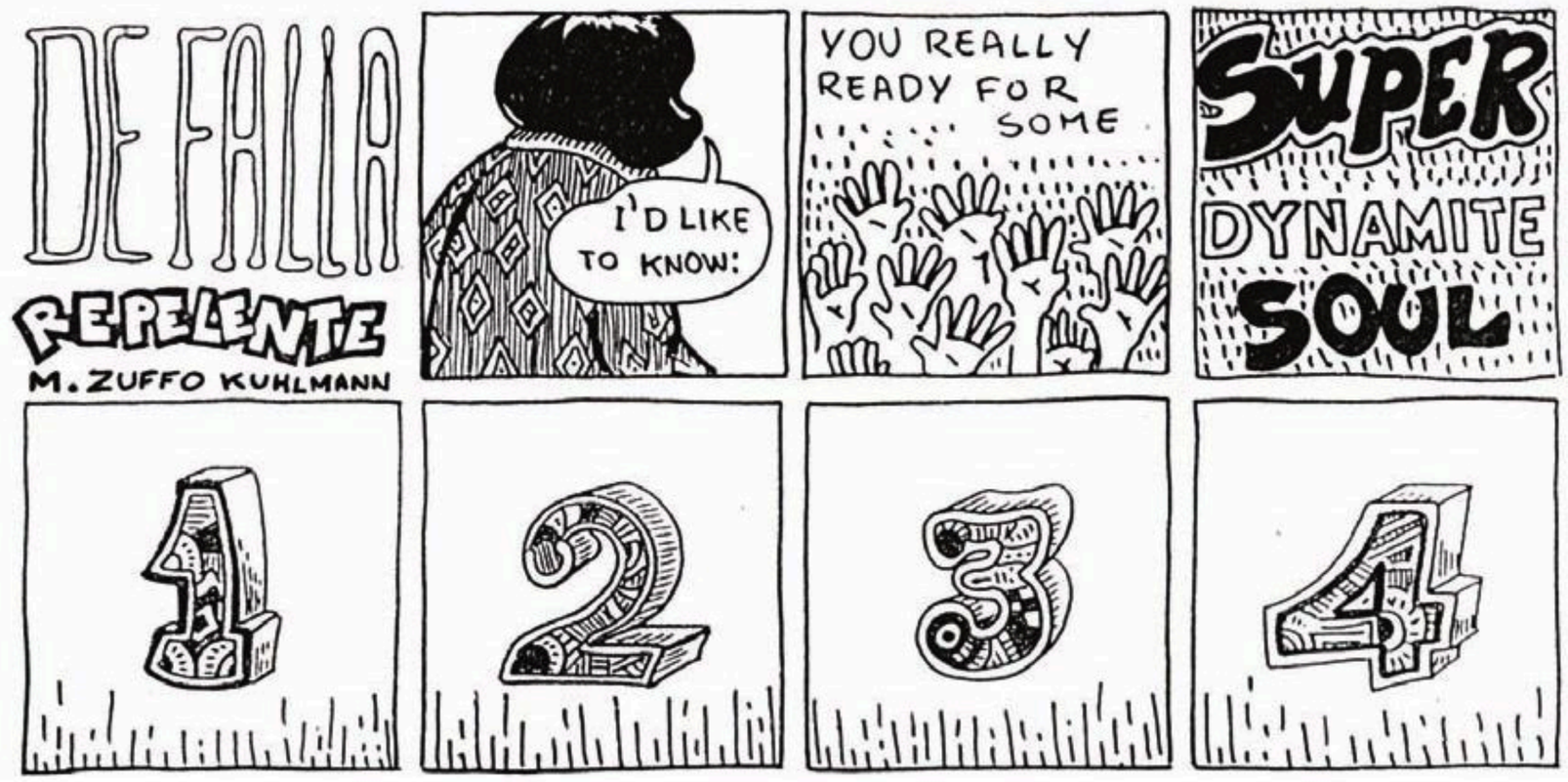
Estamos em uma região bem arborizada e amigável do bairro do Butantã, zona oeste da cidade de São Paulo. Eu e o fotógrafo Fernando Martins descemos do táxi em frente à casa de Maurício Zuffo Kuhlmann, mais conhecido no (sub)mundo das artes gráficas como MZK. Para você este nome pode dizer quase nada, mas o figura que completaria 40 anos um dia após a entrevista ("Nossa, ele parece mais novo do que a gente", comenta o fotógrafo mais tarde), é um dos heróis da minha adolescência, mestre dos fanzines de quadrinhos nos anos 90, DJ sacado e atirado nos grooves e pancadões do mundão e mestre de paleta mais vibrante e sintética destas paragens. Recentemente, tornou-se o "pesquisador" responsável pela descoberta da civilização mesomalaca do Butantã, um povo que teria habitado a região antes da chegada do homem branco e da destruição perpetrada pelo capitalismo mais recentemente. E o malaco MZK, que não é trouxa nem fica de bobeira na pista, transformou estes achados em arte.

ANTECEDENTES CRIMINAIS

O que chama a atenção em MZK são seus interesses múltiplos, frutos de sua curiosidade natural e, sobretudo, do ambiente que a cultura jovem pré-grunge propiciava. Havia também a influência da arte, que acabou por se tornar o traço distintivo em sua estética particular. “Em 1986, eu era colecionador de quadrinhos. Tinha uma galera da minha escola, em Santos, que fazia histórias em quadrinhos no caderno e daí veio minha vontade de fazer também. Eu lia *Chiclete com Banana*, *Geraldão*, Frank Miller, *Tintin*, *Asterix*, *Mad*, um pouco de *Conan*, Maurício de Souza quando era mais novo”, explica MZK.

Houve um tempo que todos queriam ser MZK. Por “todos”, entenda-se uma micromultidão de fanzineiros com colhão, afeitos a inovações e com predileção por arte underground espalhados pelo país. Seu zine *Tatto Comix* era moderno, arrojado e com quadrinhos de fazer inveja a muito marmanjo. Saber que nosso lendário antropólogo urbano da Zona Oeste paulistana é um “semi” autodidata, só torna seus zines mais fantásticos aos meus olhos. “Eu fiz seis meses de Carlos de Campos, o Cacá (colégio técnico voltado para artes, por onde passaram OSGEMEOS, inclusive), mas não terminei. Trampava próximo da ponte João Dias (Zona Sul), o Cacá era na Tiradentes (Zona Norte) e eu morava no Jabaquara (Sul também, porém distante das duas outras áreas). Daí não durei muito (risos). Como desenhista não me importava muito essa formação.”

Como atesta o texto sobre MZK no site das Edições Tonto (editora de Fábio Zimbres que publicou livrinhos finos de vários mestres outsiders), “seus zines e quadrinhos foram inspiração para um monte de gente. Ao mesmo tempo obscuro e claríssimo, seu estilo continua confundindo o mundo”.



O MITO FUNDADOR: ZINES SÃO SÉRIOS!

Fruto de inocência ou respeito profundo pelos quadrinhos (com o gravador já desligado, MZK vaticinou: "[o artista gráfico] Jaca é meu pai, mas o Laerte é o cara!"), o nosso aniversariante quarentão explica seu contato inicial com o meio que o tornaria reverenciado por seus pares. "Conheci fanzines por meio da seção de cartas dos quadrinhos de terror, como a *Cripta do Terror* (clássica revista da última fase "áurea" da HQ de terror no país). Com uns 14 anos, eu achava que fazer fanzine era um lance muito profissional. Na verdade, não tinha contato direto, mas imaginava uma coisa muito profissional. Nessa época eu fui para Araxá (MG) - acho que em 1986 -, em um encontro de quadrinhos, e conheci o Marcatti, o Gualberto, o Bira, o Fernando Gonzales, o Watson Portela (importantes nomes da HQ brasileira do período). Mas fui como apreciador de quadrinhos, ainda não fazia fanzines, só tinha vontade. Eu já tinha comprado umas revistas do Marcatti, a *Lodo*, a *Mijo* (lendárias publicações do autor mais identificado com o underground no país). Ele tinha comprado uma máquina de offset na época e imprimia as próprias revistas com sua editora, a Pro-C."

Inspirado nos colegas em Santos e em suas amadoras HQs de cadernos, surge seu primeiro zine em 1989. MZK queria colaboradores, mas fora um de seus irmãos, seu pai (participou com poemas) e dois colegas de colégio, a recepção foi um tanto tímida, dada a natureza de seu trabalho, no início notadamente influenciado pelo pouco de Robert Crumb que então chegava ao país.

"A galera com quem eu andava em Santos não se interessava muito por quadrinhos underground. Quando fiz meu primeiro fanzine, achei que todo mundo ia se interessar e querer fazer algo, mas quase ninguém quis (risos)."

A mitologia criada a respeito da importância dos zines fez com que MZK lambesse bem a cria - quem passou pelo eixo dedicado aos "Mauditos", na mega-exposição "Transfer em Porto Alegre", pôde atestar o esmero e beleza de suas publicações. "Eu curtia movimento punk etc., tinha uma vontade de fazer um fanzine. Nem sabia se ia ser de quadrinhos - queria fazer uma revista. E eu via a coisa com certa seriedade. Quando fui fazer o primeiro, o *Tattoo Comix*, tinha até a paranóia de registrar o nome (risos). Mas a responsável mesmo por querer fazer um fanzine foi a revista *Animal*. Nessa época várias pessoas ficaram empolgadas de fazer fanzine."

Os comparsas "animais"

Contextualizemos: a virada dos 80 foi um período fértil para os quadrinhos no país. Certamente, foi um raro momento onde esta mídia exerceu influência e participação frontal na vida cultural brasileira. Angeli, Laerte, Luís Gê, Fernando Gonzales, Glauco e tantos outros deram a cara do país da reabertura democrática, da vida urbana de então, de suas neuras, impasses e tipos peculiares. Revistas como *Porrada, Chiclete com Banana, Circo, Piratas do Tietê* e *Animal* eram alguns dos órgãos oficiais deste exército de Brancaleone. O funesto Plano Collor, no entanto, destruiu a economia do país e empatou a foda da classe média, sujeito social por detrás dessas publicações. O sonho acabou.

Mas, antes da Queda do Muro de Berlim dos quadrinistas, houve tempo para que uma revista que durou apenas dois anos marcasse uma geração de artistas gráficos e formasse uma posterior: a revista *Animal*. Editada por Rogério de Campos (hoje diretor da Conrad Editora) e pelos artistas gráficos Fábio Zimbres, Newton Foot e Priscila Farias, com suas HQs gringas insanas, uma pequena legião de autores nacionais vanguardistas, colunismo social do underground paulistano e espaço para comportamentos divergentes e publicações independentes, marcou um período rico, sobretudo nas grandes capitais do país. "A *Animal* dava muita repercussão. Sair uma notinha sobre seu fanzine ou sair um desenhinho dava muito destaque pro seu trabalho. A revista pegava um público mais underground. Era uma época boa para os quadrinhos, o Angeli e o Laerte eram muito conhecidos. Teve uma última *Animal*, finalizada, que não foi pra gráfica por causa do Plano Collor, a galera da revista ficou mal pra cacete."

Nos tempos da *Animal*, nasceu a relação com um dos maiores entusiastas de seu trabalho, Fábio Zimbres. "Eu levei o número zero do zine no Madame Satã, pra distribuir para a galera e lá estavam o Newton Foot e o Fábio Zimbres. Eu dei o fanzine pra eles e depois disso passei a ir à redação da *Animal* encher o saco do pessoal (risos)." Nessa época, empolgado com sua produção, MZK saiu do trabalho.

"Com 16 anos virei office boy em uma empresa de mineração. Viram que eu desenhava e me colocaram de auxiliar de desenhista de mapas e depois em um lance de comunicação visual. Mas nessa época entrei numa crise de artista, meio 'vou viver de desenho e foda-se'. E foda-se mesmo, porque não arrumei nada e ainda perdi o esquema do xerox do trabalho, que usava para fazer os fanzines (risos)."

Nesse momento de desolação, conheceu o falecido artista gráfico mineiro Macarrão, um dos nomes com produção mais radical e inovadora a passar pela *Animal*. "Ele morava com o Fábio Zimbres e o conheci em algum lançamento de quadrinhos. Acabei dormindo na casa deles porque não tinha busão para voltar. Eles moravam em uma edícula na empresa onde trabalhavam. Comecei a colar lá depois da balada pra ir direto pro trabalho. Quando o Fábio se mudou, acabei morando um pouco no lugar dele." Macarrão recentemente foi imortalizado com um pequeno espaço para exposições que leva seu nome no Clube Jive, em São Paulo. Obra de MZK, obviamente.

Schiavon, o mais incompreendido e mirabolante artista dos quadrinhos nacionais, mestre dos traços e situações absurdas e insolentes, também é um amigo dessa época. "Ele escrevia muito na *Animal*. Foi engraçado, achava que ele era mais velho. O conheci numa entrevista sobre fanzines na livraria Belas Artes. Nos identificamos de cara, ficamos meio inconformados com as perguntas ruins e começamos a zoar, o humor era meio parecido e ficamos amigos." Pergunto como teve contato com Allan Sieber, hoje conhecido autor de histórias politicamente incorretas, que publicou algumas histórias de MZK em seu zine *Glória Glória Aleluia*. "Foi pelo Schiavon, mas pra explicar como conheci ele teria que falar da ADM, só que não posso tocar nesse assunto (risos)." ADM é a sigla para Agentes do Mal, conluio secreto formado por ele, Sieber e Schiavon, que não legou nada concreto ao mundo e deu uma zica danada para o trio, segundo MZK. Coincidência ou não, nessa hora surge em sua casa um pequeno Mickey, avistado por sua companheira de vida, discotecagens e artes, Prila Paiva. Fico noiado instantaneamente: minha fobia de ratos é quase tão grande quanto minha vontade de terminar a matéria.

Riscando folhas e LPs

O pequeno roedor dá o ar de sua graça - MZK como caçador é um ótimo quadrinista -, flanando por entre a vasta coleção de LPs que se espalha por um dos ambientes de sua simpática e espaçosa casa. Penso em correr; a vergonha me impede. Desencanar da pauta? Jamais. Meu pequeno algoz, escondido entre LPs, me lembra da ocupação pela qual MZK é mais lembrado pelas novas gerações: sagaz e versátil domador de grooves e latinidades, selecionando as pedradas que sacolejam os notívagos mais animados nas pistas de São Paulo.

“Foi meio que na época do Los Sea Dux (grupo de surf music grooveado em que MZK tocou maraca). Ir do rock pro rap foi meio natural. Eu achei por muito tempo que o rap tinha tomado o lugar do rock, pela atitute etc. E por causa dessa coisa do sampler, de querer saber de onde vinha aquilo, comecei a descobrir música latina, funk, fiquei interessado em tocar coisas dos anos 60 e 70. Comecei a andar pra trás (risos). Rolavam umas festinhas na Estação Manda (produtora idealizada por Macarrão) e comecei a tocar lá. É tradição DJ começar tocando em festas de amigos.” Na mesma Estação Manda, aconteceu a primeira exposição de Jaca em São Paulo e foi onde surgiu a festa Jive, famosa por botar o samba rock na ordem do dia no fim dos anos 90, e que voltou a acontecer recentemente, após dois anos de férias. MZK, ao lado dos DJs Don KB e Magrão comandam a folia, ontem e hoje.

Quem começou ouvindo Kiss e se apaixonou pela música indie dos anos 90 puxa pela memória os sinais de sua conversão à música negra americana. “Eu pirava no Malcolm McLaren, concurso de break do Barros de Alencar, no *Thriller* do Michael Jackson.” A paixão por música se manifesta de formas e intensidades diferentes. Sua exposição individual “Enquanto isso...”, na galeria Choque Cultural em 2006, mostrava que, além da linguagem das HQs, a música é crucial em sua estética. Capas de disco, que vão da coletânea *No Major Babies* até a capa do recém-lançado álbum de Guizado, são outro momento dessa relação. Mas o caldo engrossou graças ao seu interesse pelo rock do Sul do país. “Eu tinha uma viagem de fazer histórias das músicas do De Falla. Foi uma das bandas que mais curti nessa época e ainda curto. Fiz desenhos pro De Falla, pro Replicantes, pra fita K7 do Sangue Sujo, uma banda do Wander Wildner. Fiz a arte do álbum *We Give a Shit* (De Falla, 1990) etc. O legal do De Falla era que eles não se enquadravam em nada, gostavam de hard-rock, rap, colocavam umas batidas eletrônicas e samples.”

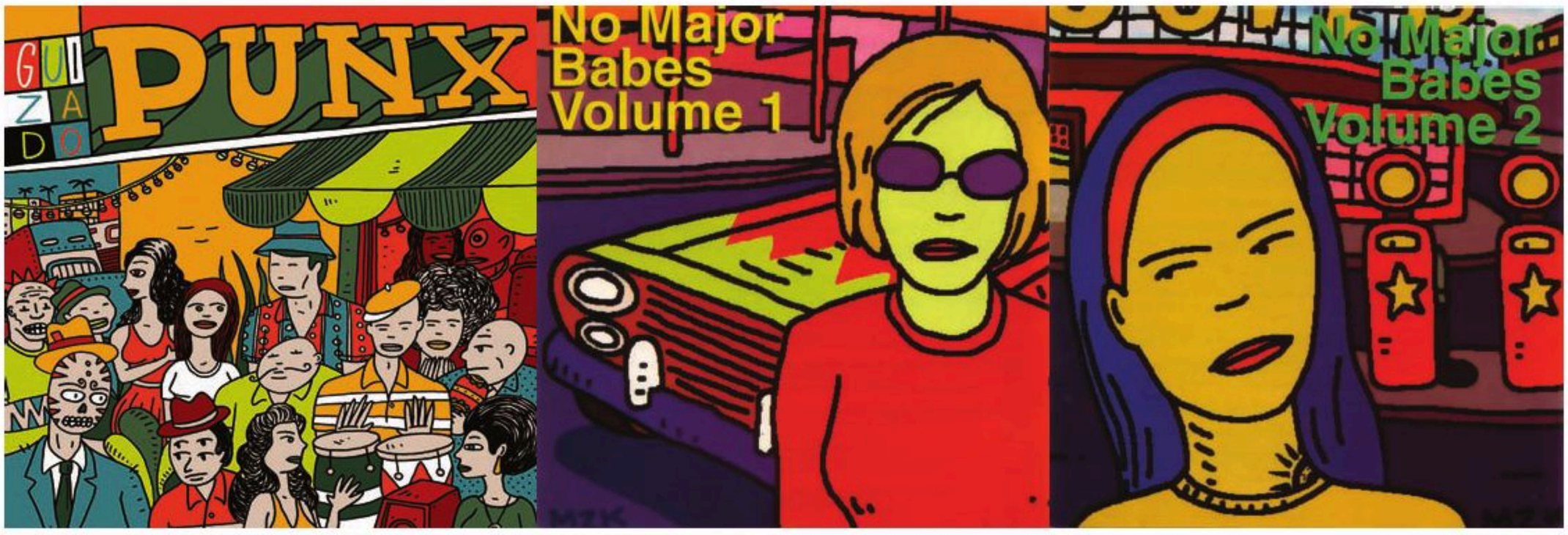
PROFISSÃO DESENHISTA

Quadrinista, ilustrador, DJ, músico. Diante de tantas faces, qual seria a “verdadeira” face do mais famoso dos sete irmãos Kuhlmann. “Sou desenhista. Porque acaba abrangendo tudo o que faço. Tem uma coisa artística no meu trabalho, interpretação e tal, mas não me vejo muito como artista em um modelo mais formal. Mas se quiserem achar, tá valendo (risos).” Artista ou não, MZK expôs no Sul do país, em Londres e em Moscou e é representado pela galeria Choque Cultural.

Seu trabalho nas artes plásticas se nutre, obviamente, da estética das HQs, mas inclui também pesquisa de moais, máscaras africanas e escultura tiki - multiculturalismo pop. E há também evidente inspiração no graffiti. “Ainda criança, vi as coisas do Vallauri, acompanhei a segunda geração do fim dos anos 80, John Howards, Jaime Prades etc. Era muito classe. Fiz um evento chamado Energetic Zines em 93, convidei fanzines do mundo todo e, na segunda edição - onde hoje é o prédio da polícia na rua Consolação e antes era a Secretaria de Cultura -, rolou um evento de graffiti, e eu e o Schiavon participamos também. E participaram o Tinho, OSGEMEOS e o Binho (hoje artistas urbanos reconhecidos)... eu nem conhecia eles direito.”

Se hoje MZK faz quadros em tela, usando tinta acrílica e algumas vezes spray, suas primeiras experiências foram em materiais menos nobres.

“Comecei pintando em papelão, em moldura de pôster que achava no lixo. Pintei em papelão por muito tempo, mas tem o lance de estragar rápido e fácil. Daí fui para a tela, usando tinta acrílica. Gostaria de tentar outras coisas, mas curto tinta sem água. Eu penso bem prático, uso materiais bem simples.”


GUIZADO
PUNX
No Major Babes Volume 1
No Major Babes Volume 2

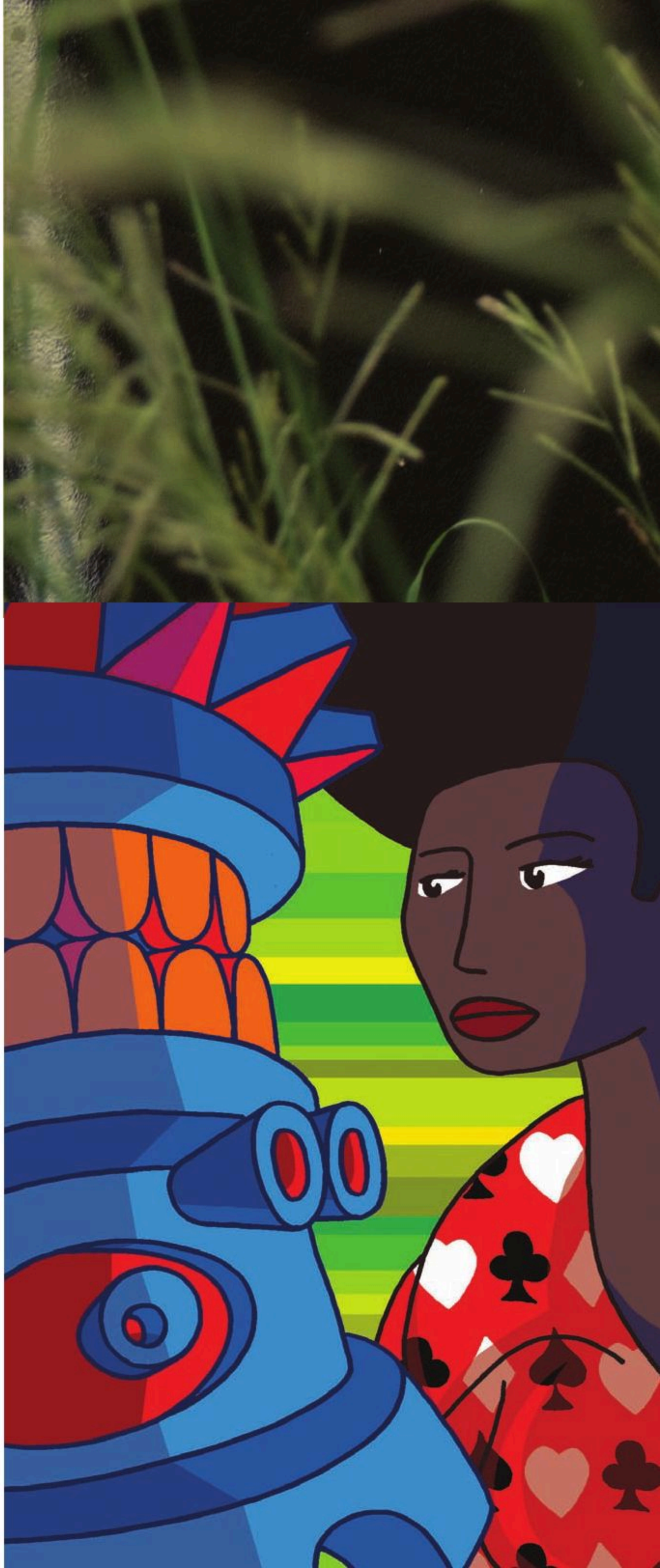
BANZO E BENITO
FALA GAROTO! O QUE TEMOS HOJE?
HISTÓRIAS MEDONHAS
UAU! HISTÓRIAS MEDONHAS!
DÃO MEDO.
SACA SÓ!
JOÃO TEIMOSO
JOÃO E SUA MÃE ERAM MUITO, MUITO TEIMOSOS.
FILHO, VAI PRO BANHO
NÃO!
VAI!
NÃO.
AS COISAS PIORARAM COM O TEMPO.
SE NÃO COMER NÃO SAI DESSA MESA!
NÃO
PASSOU UM DIA...
POSSO SAIR?
COMEU?
NÃO
PASSOU UM ANO...
COMEU?
AINDA HOJE, NAS NOITES FRIAS, PODE-SE OUVIR SUA MÃE DIZENDO...
VENHAM COMER!

Inspirado nas mesmas máscaras africanas que influenciaram Picasso, MZK se aventurou na confecção de máscaras que foram expostas na Choque Cultural. Porém, para alguém afeito a tramas elípticas e misteriosas, entremeadas por mistiscismo pop, fez-se necessário uma mitologia completa, que colocasse tais experimentos em um contexto maior. Eis então as máscaras e totens mesomalacos, que surgem no corte de galhos das árvores de seu bairro ou escondidos em terrenos baldios, resquícios da civilização "pré-butu do Butantã". "A viagem seria a de um período butu, onde tudo estaria ruindo. Tinha uma coisa de eu e meus amigos chamarmos tudo que era ruim de 'butu'. E era uma brincadeira com uma saudação havaiana, o 'taboo tu' e o 'ta bootu'. O pré-butu seriam as coisas que ficaram para as gerações futuras, uma espécie de arqueologia urbana. Seria a civilização antes da merda em que vivemos hoje. Me inspirei nessas coisas de lendas ancestrais... não sei especificar, mas tenho ascendência indígena. A gente é meio desenraizado, então é uma brincadeira com essa coisa de uma geração passada que deixou alguns artefatos."

Toda essa mitologia vem sendo desenvolvida no microzine *Ritual* (duas edições, onde relata suas "descobertas" do pré-butu) e terá seu ápice em uma exposição a acontecer em algum mês de 2009. "Não tem data certa. É uma história que estou desenvolvendo melhor." MZK lembra de uma futura edição argentina das tiras de Banzo e Benito, publicadas no suplemento infantil da *Folha de S. Paulo*. Andando pelo bairro para fotografar os resquícios de tão engenhosa civilização, sorrio ao imaginar o possível efeito dessas máscaras e totens para o imaginário da molecada do bairro. O ciclo se completa: os fanzines que influenciaram MZK, a minha admiração posterior por suas obras, e a molecada, seja lendo jornal ou desbravando o bairro, fantasiando a partir de seu trabalho. Assim como o filme do Dr. Lao e seu circo místico, top of mind de toda uma garotada dos anos 80, MZK não se importa com as contingências da vida, seja um rato ou a dificuldade para se publicar quadrinhos no país, e segue nos presenteando com seu ideário fantástico e hermético.

» Saiba Mais
fotolog.com/mzk
myspace.com/djmzk

Veja outros trechos da entrevista em www.maissoma.com



DCORE
MEIA N

STUDIO SP
shows + artes

10 ANOS DE HURTMOLD

Por Arthur Dantas . Fotos Fernando Martins

"O que mais me chama a atenção é que, mesmo após 10 anos de estrada, eles continuam fazendo música do jeito que acreditam que deve ser feito. Sem se preocupar com rótulo, formato, mercado nem nada disso. Simplesmente fazem o que sabem melhor, sem teatro e sem 'preza'. É música honesta e pronto." A declaração é do MC Akin, parceiro contumaz de Maurício Takara, multiinstrumentista e uma das seis partes constituintes do grupo paulistano Hurtmold. O curioso é que a frase é emblemática não pelo que ela apresenta de novidade, mas sim por expressar um sentimento compartilhado com os muitos fãs do grupo espalhados pelo país.

Estabelecer paralelos entre o Hurtmold e a própria +Soma é tarefa fácil e certeira. Ambos são frutos genuínos da cidade de São Paulo, tem raízes na cena independente dos anos 1990 (muito amor e pouco dinheiro, muito engenho e pouco apoio), são formados por amigos com interesses distintos que se congregam para agir em conjunto e, por fim e mais importante, têm aquela gana necessária para interferir no espaço onde vivem de forma incisiva e criativa. Nada mais natural, por fim, do que homenagearmos o grupo que caminha conosco desde o primeiro número da revista, quando foram um dos destaques e ainda se preparavam para lançar seu último disco. Se um ano e meio de caminhada nos parece muito do lado de cá, o que diriam eles de seus dez anos do lado de lá?

Tanta coisa, não coube em apenas um show: foram três apresentações no fim de novembro último, no Auditório do Ibirapuera, em São Paulo. Na sexta-feira, Marcelo Camelo (com quem estão se apresentando por todo país), o músico americano **Rob Mazurek** e o suíço **Thomas Rohrer** se apresentaram com o Hurtmold, no primeiro show da série. Depois foi a vez de **Daniel Ganjaman** (Instituto), **Flávio Cavichioli** e **Gustavo Riviera** (do grupo Forgotten Boys). Por fim, dividiram o palco com **Paulo Santos**, da banda instrumental mineira Uakti. O grupo jogou suas músicas na roda, doou seu talento para servir a canções dos outros músicos com os quais dividiram o palco e ainda renderam tributo a grupos que fazem a cabeça de seus integrantes. Para os que acompanharam as três apresentações, soa estranho escolher qual a melhor noite. Afinal, o conceito de "quem é melhor" entre parceiros soa um tanto estúpido. E o público é sempre parceiro e amigo do grupo.

Bernardo Pacheco, amigo do pessoal da banda, é quem faz a mesa de som nos últimos dois anos para eles. Com o humor que lhe é peculiar, conta o que diz ser uma anedota. "Quando a banda foi a Portugal, acompanhando o Marcelo Camelo, um integrante do Hurtmold ouviu a pergunta: - Por que vocês não armam um show, aproveitando que estão lá? - Pra quê? FIM."

NYPD

Low_res nyc halloween mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

Criação . Homem e Mulher, 1993 . Xilogravura, 90.7 x 49.7cm

Gilvan Samico

Por Arthur Dantas . Imagens Coleção Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães

Diz-se, à larga, que o artista pernambucano Gilvan Samico, 80 anos, não gosta de falar. De sua casa-ateliê em Olinda, a poucos passos do Mosteiro de São Bento e com vista para a cidade de Recife, o artista conversa comigo pelo telefone. Gilvan é direto, sem rodeios, tal qual sua arte. Peço trinta minutos de conversa no dia seguinte. O artista muda o tom de voz, para algo sentencioso e dolorido: "É muito tempo, é muito..." No outro dia, ligo às três da tarde como combinado mas me esqueço da diferença de fuso horário. Começo mal. A conversa avança, Gilvan pede para que esqueça o "senhor" que precede todas as minhas perguntas. O papo rende e lá se vai mais de uma hora de conversa. Peço insistentes desculpas por tomar o seu tempo. Saio transformado e transtornado: poucas vezes tive a oportunidade de levar uma conversa tão franca com alguém que poderia ser definido como gênio. ⏩

"O tempo escorre, lento, na província afetiva do artista. Gravar pede paciência e muito ofício. Samico não é virtuose – 'Não sou um habilidoso', costuma dizer – por isso age empiricamente, na base do erro e do acerto. Mas, concluída a obra, teremos com certeza, diante de nós, uma obra de arte irretocável e de uma beleza arrebatadora. (...) Samico equilibra, em doses certas, imaginação e despojamento, fantasia e técnica."

– Frederico Morais, em *Gilvan Samico: obras de 1980-1994*.

Samico gosta de atribuir à sorte todas as conquistas artísticas de sua carreira, e o destino realmente tem sido um parceiro fiel e generoso. "Lá em Afogados, morava uma tia com dois filhos. Um dia, encontrei na casa dela um caderno com uma cabeça de mulher, uma artista de cinema, desenhada. Eu olhei e pensei: como alguém copiava tão bem a ponto de eu reconhecer que era uma artista de cinema?"

Dali em diante, o garoto descobrira um mundo todo que se descortinava à sua frente. Sua família, sem veleidades intelectuais ou artísticas ("não havia livros sequer em casa"), um tanto a contragosto, passou a incentivar o talento do filho. Um dia, seu pai o levou até a casa do artista Hélio Feijó, que olhou seus desenhos iniciais, ainda reproduzindo o que achava em revistas, e lhe disse: "Em vez de copiar capa de revista, copie o que você vê, o que passa na sua frente!" E lá foi Samico desenhar árvores e bichos como cabras, passarinhos, cobras e sapos. Surgia o artista interessado fundamentalmente nas coisas de sua terra.

O artista plástico e ex-marchand Guiseppe Baccaro diz que o caminho da gravura é difícil, quase ascético. Os gravadores seriam tipos esquivos, sem efeitos especiais, nem na vida nem na arte - essa tese se comprovaria através da trajetória de artistas do gênero no país, como Goeldi, Abramo, Gruber, Roberto Magalhães e Gilvan Samico, para ficar em apenas alguns nomes. Samico não é "qualquer um" no meio artístico brasileiro: tem obras no MoMA de Nova York e participação em duas Bienais de Veneza, sendo que recebeu premiação em uma delas (veja box adiante). Premiações não são novidade na carreira do artista, inicialmente voltado para a pintura, que se notabilizaria como gravador. Sua primeira gravura foi realizada em 1953. Ou melhor, gessogravura.

"Não foi minha escolha. Abelardo da Hora achou que era fácil fazer um contorno em madeira e encher de gesso em cima de um vidro. Quando secava, já estava polido. Mas o gesso é quebradiço, um material horrível pra se gravar. Em casa, fiz umas duas gravuras em pedacinhos de madeira e era essa minha experiência até chegar a São Paulo."

Vivendo com os mestres Goeldi e Lívio Abramo

Em 1957 o artista resolveu dar novos rumos a sua vida e veio tentar a sorte em São Paulo. "Era um meio mais buliçoso, tinha museu de arte, era uma cidade grande, com outros atrativos do ponto de vista artístico." Com indicações de amigos artistas mais experientes, como Aloísio Magalhães e Francisco Brennand, conseguiu indicações para estudar com Lívio Abramo em São Paulo. Ele, por sua vez, viria a indicá-lo para estudar com Oswaldo Goeldi no Rio de Janeiro, em 1958. A primeira fase do trabalho do artista encontra grande consonância com o trabalho de seus mestres, apresentando gravuras de caráter expressionista com talhos na madeira, que muitas vezes simulam linhas de desenho a lápis, como fica evidente na obra *Três Mulheres e a Lua*, de 1959.

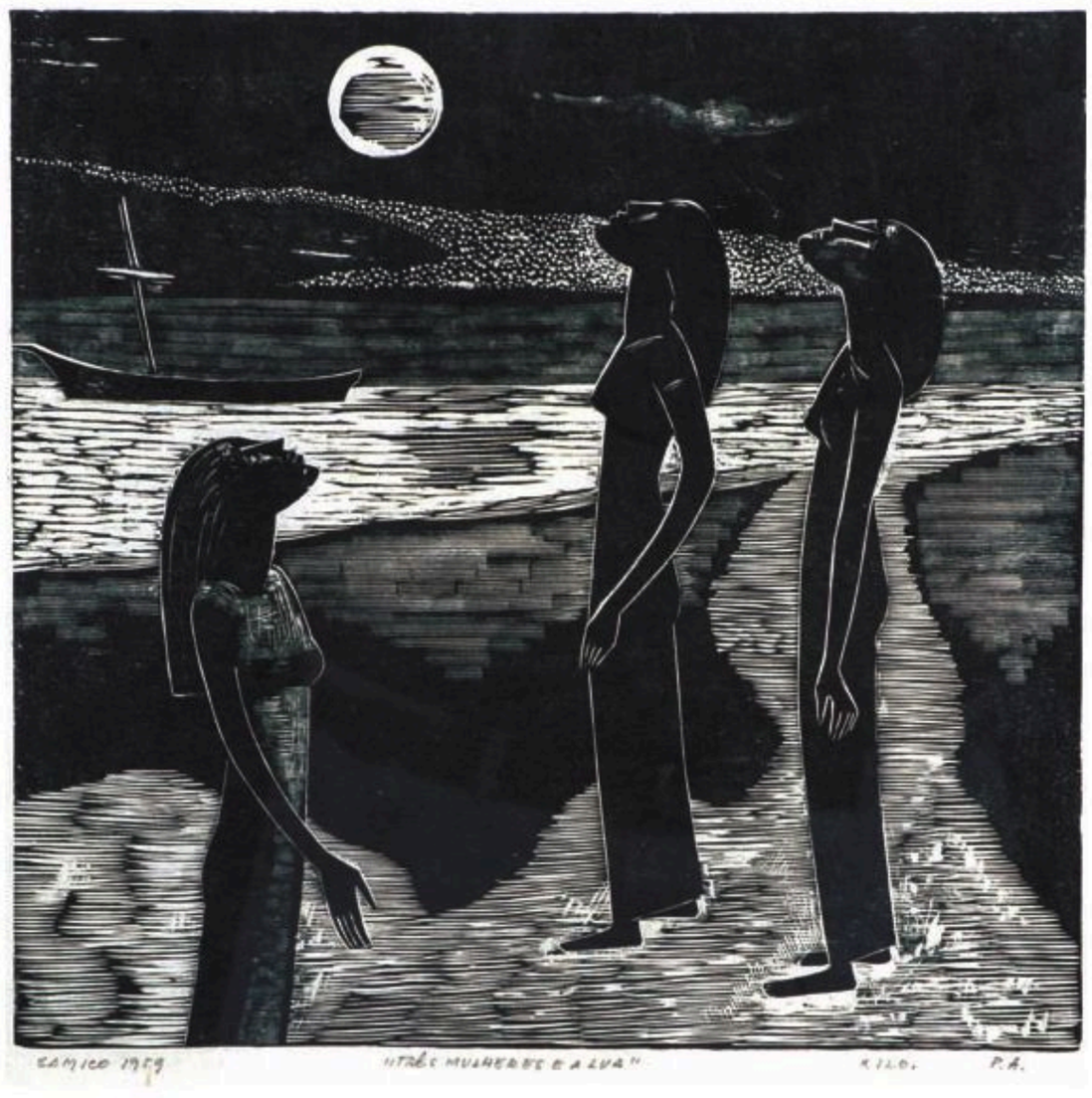
Como Samico era muito tímido, acabou por aprender mais escutando do que produzindo nas aulas. O artista apresentou pouquíssimas gravuras aos mestres e se concentrava mais no que ambos diziam e nos seus julgamentos sobre os trabalhos de colegas de curso. Certa vez, Lívio Abramo ficara intrigado por Samico produzir sempre na penumbra, nos cantos. "Quando estava de frente para um cavalete, se chegava um por trás, eu parava."

O mais curioso, no entanto, foi que uma limitação de espaço fez com que Samico optasse definitivamente pela gravura. Seu apartamento na cidade era muito pequeno e havia uma filha recém-nascida, por isso

O Outro Lado do Rio, 1980 . Xilogravura, 90 x 47cm

A valorização da linha preta ilumina sua xilogravura, que nem o uso circunscrito de cores obscurece. Quanto à iconografia, esta se liga à narração, no que Samico também se situa nas proximidades do cordel, enquanto função historiante. Embora narre, fá-lo com recurso à disposição solene de figuras emblematizadas; recusando a interpretação que a tem como faraônica, afirma seu sentido de cordel: o afrontamento, a axialidade, a justaposição, a repetição, que operam o estático, têm história em outro campo, feito, aliás, de atalhos e desvios que levam da antigüidade ao presente.

– Leon Kossovitch e Mayra Laudanna em *GRAVURA: arte brasileira do século XX.*



Três Mulheres e a Lua, 1959 . Xilogravura, 26.5 x 27.3cm

Fruto Flor, 1998 . Xilogravura, 90 x 50.2cm

o artista optara definitivamente pela gravura. E eis que o destino age novamente de forma decisiva em sua vida. Sua ida para o Rio de Janeiro se deveu mais a uma facilidade do que a uma opção racional, por assim dizer: um dos filhos de sua tia de Afogados viera morar no Rio de Janeiro e o convidou para ir ao Rio.

A gravura, ontem como hoje, não alcança o preço de uma pintura tão facilmente. Samico começa a desenhar comercialmente para o escritório de comunicação visual de Aloísio Magalhães. A rotina diária não atrapalhou sua disciplina artística, pelo contrário; passara a trabalhar diariamente em suas gravuras e logo começou o reconhecimento de seu trabalho nos salões de arte.

A Vida Como um Conto de Cordel

Depois de sete anos fora de Recife, o bom filho resolveu voltar a sua terra natal - ou melhor, ao seu estado natal, já que Samico trocou Recife por Olinda na volta. Em 1965, se estabeleceria em Olinda, de onde nunca mais saiu, mesmo odiando o tão aclamado carnaval da cidade, venerado por turistas de todos os cantos ("Se um sujeito te fizer ouvir música clássica alta todo dia, até Beethoven ficaria ruim", explica o artista ironicamente). E não seria a única mudança na vida do artista. Uma conversa com o escritor e ferrenho defensor da cultura popular nordestina Ariano Suassuna mudaria sua carreira. "Eu não estava satisfeito com a gravura que fazia. Era muito noturna e não tinha sinalização de que eu estava fazendo uma arte no Brasil. Eu disse isso a Ariano. Foi quando ele me falou: 'Samico, por que você não dá uma mergulhada no mundo do cordel, dos gravadores populares?' Isso aí foi o mesmo que o coice de mula."

Samico passou a pesquisar, sobretudo, as capas dos tradicionais cordéis do Nordeste. Assim, se debruçou sobre aquele universo e chegou a uma conclusão lógica: mais do que as gravuras em si, a solução seria pensar no texto, em uma forma de confabular graficamente as imagens recorrentes no imaginário cordelista. Em uma revista *Senhor* da década de 60, pouco depois de ser premiado na Bienal de Veneza, Samico definira com clareza a mudança de rumo em sua gravura: "Despojei minha gravura do supérfluo. A preocupação de enriquecê-la com texturas diversas foi substituída pela preocupação de enriquecer o seu aspecto inventivo". Dessa forma, em vez de criar uma linguagem concorrente à dos gravuristas populares, acabou por definir um caminho único e original.

Era tempo de veleidades intelectuais nacionalistas, dos movimentos artísticos e seus manifestos, da mobilização em prol da cultura popular no país, dando continuidade às políticas públicas da era Vargas que agiam nessa direção. Em Pernambuco, Suassuna começa o recrutamento em torno de idéias que dariam origem ao Movimento Armorial, que revalorizava a cultura popular nordestina e realizava uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares. Além do próprio Suassuna, participaram Francisco Brennand, Raimundo Carrero, o Balé Armorial do Nordeste, a Orquestra Armorial de Câmara, a Orquestra Romançal e o Quinteto Armorial. Samico, obviamente, por encontrar suas idéias artísticas em acordo com as ambições do grupo, participara da movimentação, mas explica que era um armorial *avant la lettre*. "Eu não aderi ao Movimento Armorial. Eu já era armorial antes, sem saber!"

Arte Para Além da Razão

Sua produção desde então se tornou mais "brasileira": ao contrário de espiar o que se passava do outro lado do Oceano, observando o expressionismo europeu, Samico se voltou ao figurativismo dos gravadores populares e realizou um processo de depuração por meio da síntese, da economia de traços, perspectivas e cores. Virou sua gravura do avesso e revelou o claro onde havia o escuro, cavando o volume das imagens e criando linhas pretas mais decididas. Abandonou qualquer pretensão à perspectiva, enxugou o excesso de detalhes e passou a trabalhar com planos que carregavam, no máximo, três personagens ou assuntos. O procedimento transformou tudo e surgiu a estética do plano único, sem senso de profundidade e perspectiva, com os detalhes reduzidos ao mínimo possível. "Reduzi a gravura a uma figuração toda em linha, alguns chapados pretos, e um ligeiro traçado pra animar. Não tinha mais sugestão de céu, de nuvem, de nada que lembrasse um espaço naturalista."

Apesar de todo o respeito em seu meio e amparado pelo respeito de crítica e público, o artista diz ter uma única frustração, que faz com

que ele coloque, ainda que minimamente, cor em suas obras: não ser reconhecido como pintor. “É um pouco o que acontece com alguns artistas que, abordando mais de uma técnica, são reconhecidos em uma em detrimento das outras. Eu gostaria de ter o prestígio que tenho não só como gravador, mas também como pintor. Se não tenho como mostrar minha pintura, boto cor na minha gravura.”

Apesar de todas estas características recorrentes na poética visual de seu trabalho como gravador, Samico acredita que não houve uma sistematização de todos os processos descritos pelos estudiosos. “Não foi um trajeto racional. Até hoje, tenho um processo de criação que escapa ao raciocínio.”

O Universo Mítico Religioso em Seu Trabalho

À medida que o processo de imersão na cultura popular foi se completando, começou a se formar uma releitura do universo mítico-religioso do povo nordestino. Sua premiação na Bienal de Veneza, no início da década de 60, se deu inclusive em função de uma série de gravuras com temas litúrgicos. Me surpreendo ao saber que Gilvan Samico é um cético convicto, sem nenhuma ligação particular com qualquer tipo de religiosidade. “Não tinha intenção de fazer arte religiosa, mas os temas litúrgicos me atraíam. Santo é de todo mundo, e eu gravei as interpretações caboclas de todos eles.” A obra *Criação - Homem e Mulher*, de 1993, sugere que a temática de origem religiosa continua a permear seu vocabulário temático-visual.

O trabalho de Gilvan é de um rigor extremado. O catálogo da exposição “Samico - Do Desenho à Gravura”, que aconteceu entre agosto e setembro de 2004 na Pinacoteca do Estado (e de onde foi retirada a maioria dos depoimentos desta matéria), é a prova cabal do zelo absoluto com o qual ele trata suas criações - há algumas obras no catálogo que vêm acompanhadas de reproduções de diversas etapas do “estudo” para a obra final. Samico me conta que o processo é um tanto quanto angustiante. E por isso, ultrapassada a casa dos 80 anos, Samico diz, não sem uma dose de seu humor peculiar, preferir produzir menos obras. “Eu não posso errar, é uma gravura que me tortura.” Assim, faz mais de dez anos que Samico produz somente uma gravura por ano, com tiragem limitada a 120 cópias que fazem a alegria de seus admiradores.

As particularidades e possibilidades de leituras de seu trabalho são fruto dessa paixão e entrega ao ofício de gravador. Nos trabalhos recentes, Samico busca simplificar ainda mais a estrutura e a própria trama linear das cenas retratadas, cercando o trabalho de motivos arquitetônicos: arcos, rosáceas e molduras. A obra *A Espada e o Dragão*, de 2000, é emblemática dessa fase e particularmente poderosa ao sintetizar a técnica apurada e o uso criterioso da cor.

Passados alguns dias após a entrevista, meu apreço pelo artista e seu trabalho aumenta, e penso inclusive em viajar até Olinda para abraçar o artista e agradecê-lo por dedicar uma vida inteira a recriar o mundo tal qual conhecemos. Ligo para resolver pequenas burocracias e aproveito para agradecê-lo mais uma vez pelo prazer de compartilhar algumas palavras comigo. Digo que estava receoso, devido a sua fama de homem de poucas palavras. “Pois é, eu inventei uma lenda em que eu estava andando na rua distraído e bati a cabeça no poste, daí desandei a falar”, diverte-se o artista. Talvez o poste de sua ficção particular seja o mesmo que nossa cabeça tromba ao nos confrontarmos com suas gravuras.

Gilvan Samico nasceu no dia 15 de junho de 1928, na cidade do Recife. Inicia a carreira artística como pintor autodidata e, a partir de 1948, freqüenta a Sociedade de Arte Moderna do Recife. Em 1952, funda com outros artistas o Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife, idealizado por Abelardo da Hora. Vai para São Paulo e, em 1957, estuda xilogravura com Lívio Abramo na Escola de Artesanato do MAM/SP. No ano seguinte, vai ao Rio de Janeiro estudar com Oswaldo Goeldi na Enba e trabalha no escritório de comunicação de Aloísio Magalhães. É gravador, pintor, desenhista e professor. Retorna a Olinda em 1965 e, nesse mesmo ano, leciona xilogravura na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa. De 1968 a 1970, viaja à Europa com o prêmio obtido no 17º Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. Na volta, participa da exposição de lançamento do Movimento Armorial, idealizado por Ariano Suassuna juntamente com Francisco Brennand. Em 1996, recebe o Prêmio Nacional de Cultura do Ministério da Cultura e, em 1998, a Comenda da Ordem do Mérito Capibaribe da Cidade do Recife. No Rio de Janeiro, realiza a exposição “O Outro Lado do Rio” e, no ano seguinte, em São Paulo, a exposição “Samico: do desenho à gravura”, na Pinacoteca do Estado.

Saiba Mais:
www.mamam.art.br/mam_exposicoes/samico.htm

Samico é um amigo muito leal, ele exagera um pouco a importância dessa nossa conversa. Acho que, de uma maneira ou de outra, ele terminaria achando o caminho dele. E mesmo que ele não tivesse se inspirado no universo do folheto de cordel, seria uma gravura muito forte como é. (...) A ligação de Samico não é tanto com a gravura do folheto popular, mas com o universo poético do folheto popular.

– Ariano Suassuna, em depoimento à revista *BRAVO!*

A Fonte, 1990 . Xilogravura, 89.5 x 53.5cm

A Espada e o Dragão, 2000 . Xilogravura, 91.5 x 48.7cm

HYBRIDS

Klaus Thymann

O projeto do fotógrafo dinamarquês é, como ele próprio o define, uma documentação sociológica - fotografada entre 2003 e 2007 - de diferentes elementos, indivíduos e ambientes, como um Rodeio Gay e um parque temático religioso. Conciliando aparentemente os opostos, cria um registro de situações contemporâneas híbridas.

A maior parte das fotografias em Hybrids* são trabalhos originais produzidos exclusivamente para o livro, que foi tomando corpo através das viagens do autor e sua interação com os assuntos clicados. Fotografado em destinos como Santiago do Chile, Tóquio, Los Angeles, Pequim, Miami, St. Moritz, Cidade do Cabo e Amsterdã, estas lindas imagens de mundos "estranhos" são uma coleção franca e descompromissada de imagens do mundo todo.

Texto e Curadoria . Helena Sasseron
Edição . Klaus Thymann

» Saiba Mais
www.thymann.com

*O livro está à venda em edição limitada de 500 cópias numeradas (cada uma contém uma print original do tipo C) no site oficial: www.hybrids-project.com

Klaus Thymann mora em Londres, é fotógrafo profissional e filmmaker. Fotografou para clientes internacionais de prestígio (Levi's, Adidas, Nike, BMW, entre outros) e revistas como *ID*, *Flaunt*, *Dazed & Confused*, *Vman*, *GQ*, *Black Book*. Trabalhou com bandas como Depeche Mode, Coldplay e The Gossip e participa de campanhas em prol de boas causes com a Tsunami Fotorelief, WHO, Red Cross e o Cancer Research UK.

BLACK LABEL

Renan Cruz

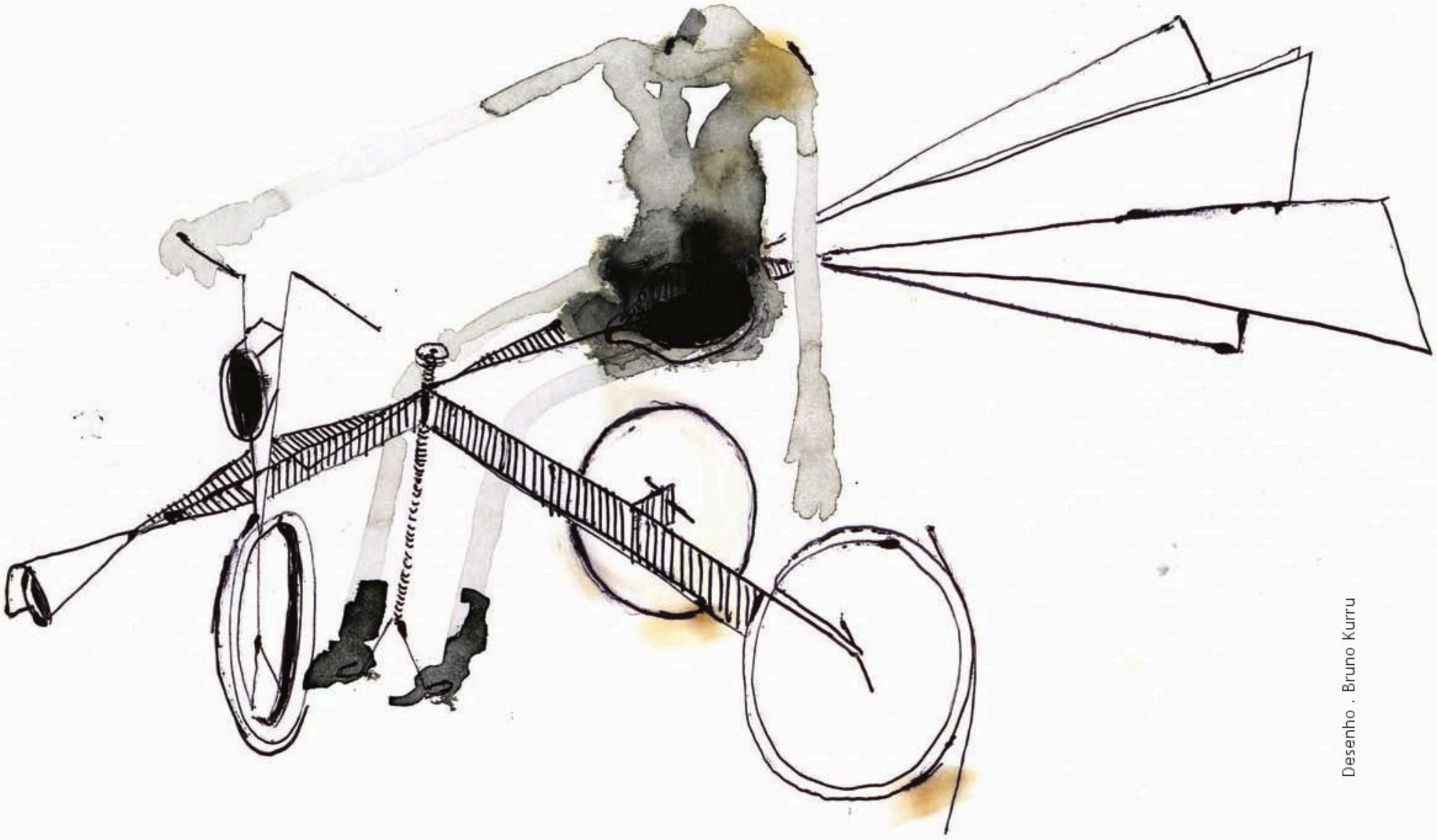
Antes da popularização da internet, para se ver graffitis e outras manifestações de arte urbana você não tinha opção senão ir para as ruas. Pela janela de um ônibus ou trem, andando de skate pelas ruas, aqueles enormes desenhos e letras coloridas destoam do concreto cinza da cidade e fascinam.

Bruno Kurru

Com a democratização da rede mundial de computadores, as fronteiras entre cidades, países e continentes desapareceram. Se antes a arte feita na rua era apreciada por um número restrito de pessoas, agora ela poderia ser vista por pessoas no mundo inteiro. ⏩

BRIGANDO COM DESENHOS

Por Tiago "Papai" Moraes e Arthur Dantas . Fotos Fernando Martins



Desenho . Bruno Kurru

E foi em meio a milhões de computadores interligados mundo afora que a vida de **Bruno Kurru**, 24 anos, e **Renan Cruz**, 23 anos, se cruzaram. "Lembro que queria fazer uns pôsteres e em São Bernardo ainda não tinha ninguém que fazia essas coisas. Eu tinha visto algumas coisas do Obey na internet e na seqüência comecei a descobrir outras coisas. Um dia entrei no fotolog do [coletivo] SHN e vi que ali tinha um movimento rolando. Na época tinha rolado algum evento em que o Stephan [Doitschinoff], o SHN e o próprio Renan tinham participado. Foi quando decidi mandar um e-mail no mesmo dia para os três, perguntando mais ou menos as mesmas coisas. E lembro que o Renan, já no primeiro contato, foi o mais receptivo, e a conversa evoluiu para outras idéias", conta Kurru. "Quando eu vinha lá de Mogi das Cruzes, ou com o meu pai ou de trem [...] e via aquele monte de pichação, arte d'OSGEMEOS, Onesto... Aí eu pensava: 'Caramba, o que que tá acontecendo aqui?'", relembra Renan sobre seus primeiros contatos com o graffiti e a pichação.

Durante alguns meses, Kurru e Renan mantiveram sua amizade no campo virtual até que logo surgiu a primeira chance de finalmente se conhecerem e pintarem juntos pela primeira vez. A amizade e o convívio cresceram, mesmo com a distância geográfica que os separava, um em São Bernardo do Campo e o outro em Mogi das Cruzes. Renan teoriza: "Acho que o que rolou foi que a gente cresceu em lugares diferentes, mas com influências próximas e questões próximas, e juntou com o desenho, então quando a gente se encontrou meio que estávamos preparados pra poder trabalhar outras paradas".

Quando Kurru começou a trabalhar na criação de uma marca de *streetwear* e, na seqüência, Renan passou a ser seu colega de trabalho, a relação dos dois se intensificou ainda mais e o convivio passou a ser diário. Renan conta um pouco sobre a época: "Foi aí que a gente se juntou mesmo. Nessa época trabalhava lá eu, o Cabelo, o Kurru e o Doze. A gente fazia uns fanzines, ficava um puxando o outro para fazer trabalhos juntos, desenhar mais, conversar um pouco mais sobre desenho".

Curioso que o elo principal entre os dois se dê na forma como pensam e sentem o desenho, conferindo a ele uma dimensão espiritual, em que colocar o lápis ou pincel no papel se torna um ritual sagrado, de encantamento. "Estou em um momento de tentar organizar minha produção, de decidir se eu quero direcioná-la para uma estética mais fechada, que seja uma coisa que eu vá carregar, ou se é o caso de abrir, criar sistemas pelos quais eu possa falar algumas coisas, pelos quais possa, mais do que falar, receber o desenho. Essa é uma coisa de que a gente conversa bastante, esse 'poder' que o desenho tem, quando você o respeita e vai o levando de maneira constante na sua vida. Muitas vezes ele te surpreende nesse sentido, ele apresenta pra você algumas coisas. Dificilmente a gente faz um desenho em um dia. É um negócio que você começa, dá uma parada, porque tem a coisa estética, você quer que aquilo faça parte de você, que você goste daquilo. Nesse processo, na maioria dos casos, eu fico uma semana angustiado, porque na hora em que volto pro desenho já é uma outra situação. É um negócio louco, mas acontece muito", diz Kurru. Renan complementa: "São aquelas coisas que não podem ser ditas, né? São manifestações que falam como se fossem uma coisa que não é sua, o desenho cria vida e fala: 'Olha, toma cuidado com essa situação' ou 'Presta atenção nisso'". Ambos, nas palavras de Kurru, tem "vontade de enxergar o desenho como um negócio maior, conseguir enxergar o desenho com essa riqueza de vida que ele tem".

Desenho . Renan Cruz

O DESENHO E SUA EXPRESSÃO PLENA

Uma característica forte no trabalho deles é a pesquisa e o estudo. Kurru fez faculdade de design e Renan estudou design publicitário. Ambos estudaram gravura e há mais de dois anos freqüentam as aulas de desenho do artista plástico Rubens Matuck, um personagem importante para entender a evolução de ambos. “Ele concretizou a nossa visão. Eu estudo já faz uns três anos com ele, que é pintor, artista, estudioso, cabeçudão, cientista das artes visuais. Ele leva a questão do desenho muito forte na vida dele. Então lá a gente aprendeu muito a valorizar isso também, o desenho. A gente vai tentando ver no desenho uma freqüência de vida, de encontrar pessoas, valorizar as coisas que o desenho aproxima. Eu tenho muita vontade de que o desenho se socialize. Não ter esse poder tão grande de obra de arte, do tipo ‘isso não pode ser tocado’. Não: que seja uma parada que eu aprenda com uma criança”, define Renan.

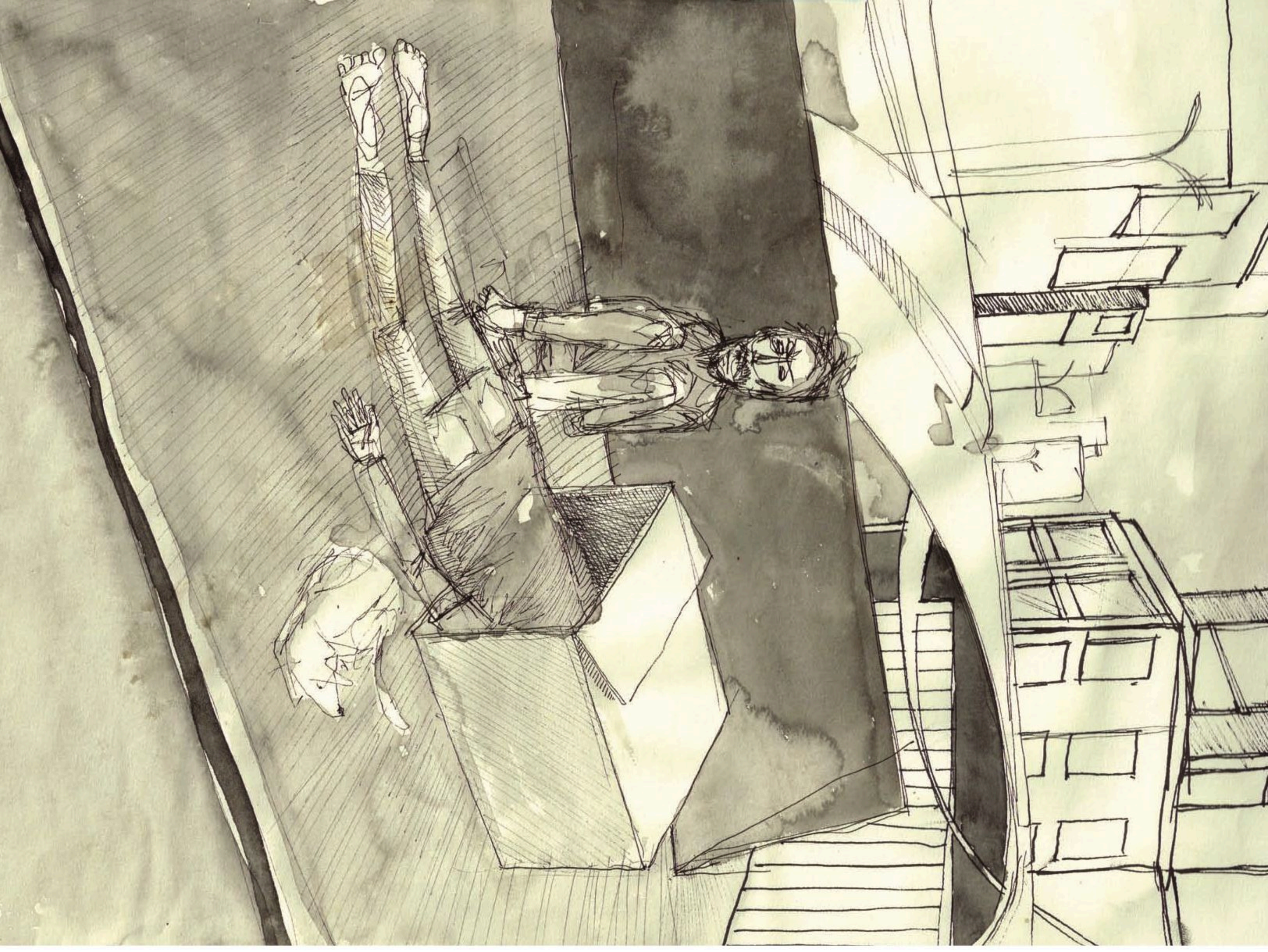
Kurru se entusiasma e fala sobre a forma como o mestre de ambos enxerga o desenho. “Ele usa o termo ‘expressão plena’. De usar o desenho completamente, uma aversão absoluta ao esquema de mercado de arte, desse esquema de pensamento de arte com marchand embutido, que é o lance que vem da Europa etc. Ele é a favor do desenho em sua essência, e não preso à estética, nem ao que se vai desenhar. Para ele, a única maneira de você conseguir a expressão plena é com o desenho de observação, que é ter essa percepção, entender o espaço. Esses nossos desenhos que vocês conhecem... ele quase não conhece nenhum. A gente mostrou para ele pouquíssimas vezes. E a gente não leva mais como uma forma de respeito mesmo.” Estranhamos essa idéia, o que faz com que Kurru nos explique que “esse tipo de desenho nosso é um negócio muito curto, não chega nele . Muito diferente de eu levar algo desenhado agora, feito rapidamente. Ele vai ver e vai falar que tem um diálogo entre espaço, entre pensamento. Uma coisa que a aula tem me ajudado muito é entender o trabalho de arte. Por exemplo, um desenho, uma pintura. Ele passa muito essa coisa de às vezes a gente ficar preso ao tema. Percebo isso hoje em dia quando vou a uma exposição, independente do tema ou da estética do trabalho, tenho interesse na composição, na cor, é uma coisa que me aproxima, que cria diálogo, e é o que busco no meu trabalho. Não ficar só preso ao tema, não ficar só preso a uma forma estética. Enxergar a arte como um todo e conseguir dialogar em cima disso”.

Detalhe de Gravura . Renan Cruz

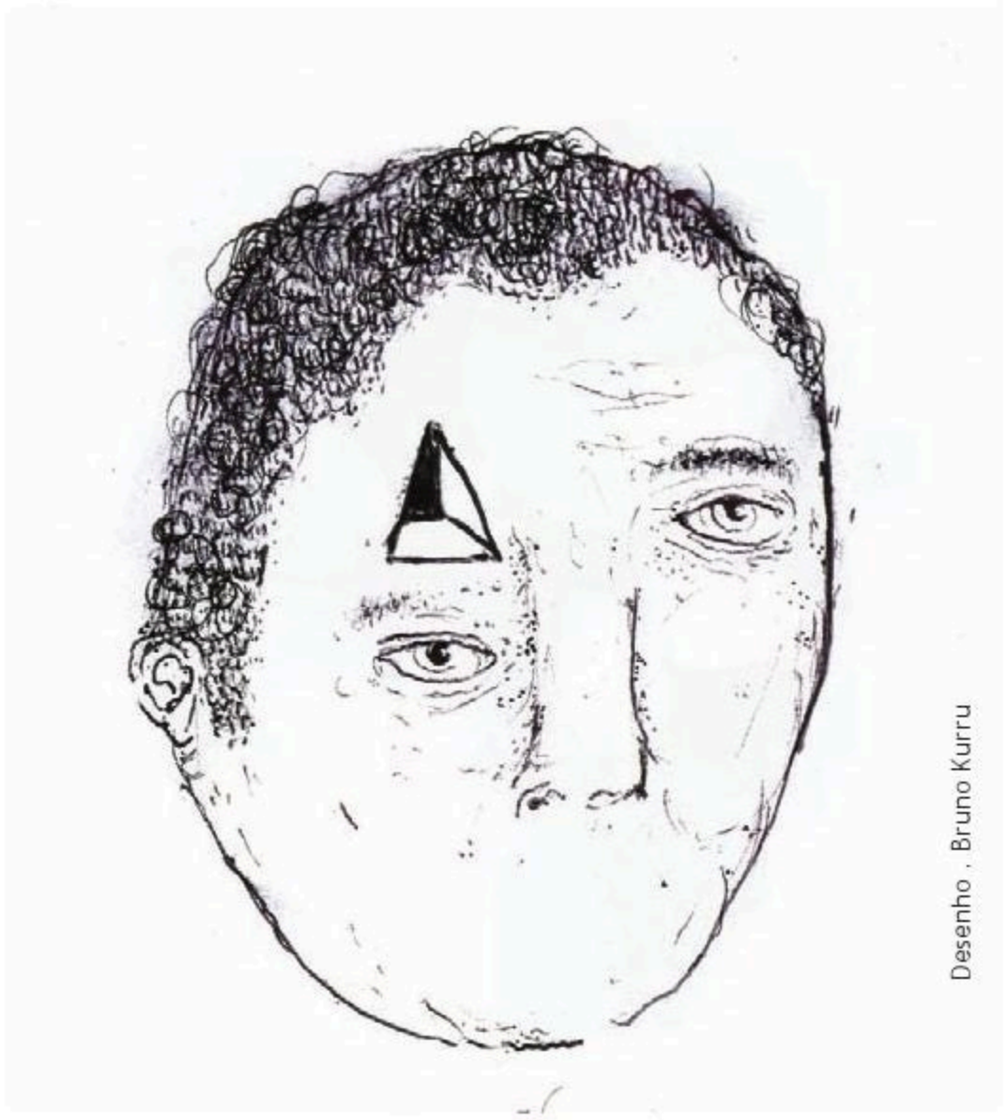
A juventude de ambos reflete no permanente questionamento e na experimentação evidente em suas obras. Por enquanto, ainda encaram a arte como uma estrada cheia de bifurcações, com diversas trilhas a serem seguidas. O espírito contestador faz com que ambos tenham, obviamente, uma posição paradoxal e considerações a fazer a respeito do mercado de arte. Kurru acredita que se pautar pelo mercado "leva à estagnação, porque o próprio mercado, como todos os outros mercados, tem um tempo de vida útil, ele usa você e o descarta. Se você não tiver uma produção firme, se o seu trabalho não for forte dentro de você e você deixar que o mercado ou outras pessoas te guiem, daqui a cinco, dez anos, o mercado vai procurar outro artista e o seu trabalho vai pro fosso junto com outros, e você vai ficar vazio. Minha busca é essa: me estruturar e conseguir me manter equilibrado dentro disso. O que ainda é muito difícil".

Renan, por sua vez, acredita em um estilo de vida ascético, que pode tornar a inevitável relação com o mercado menos dolorosa. "A gente precisa saber do que precisa e viver de forma bem simples. Eu preciso de papel, caneta, alimentação, umas coisas assim. Penso em um dia viver num quarto, só papel, caneta, prancheta e um colchão. Eu trabalhei em um esquema diferente e o que eu vi era isso: se você ganha mil, vai mil. Se você ganha 2 mil, vai 2 mil. Você tem que se estruturar para dizer: 'Eu tenho que viver com isso'. Tenho estudado permacultura, que é uma filosofia que resgata técnicas de vida sustentável. Então é isso. Acho que você pensar é a primeira das etapas. Você incorpora para depois aplicar. Eu não preciso ganhar muita grana e quero achar formas sustentáveis e simples de fazer um ambiente propício ao desenho. É o próprio modo como você mesmo lida com o seu trabalho. O externo é uma desculpa, você pode reclamar dele ou não. Mas é você que lida com ele. Você é quem fala: 'Eu quero isso? Eu aceito?' Não quero apresentar só uma forma física, mas também uma forma de energia, de sentimento. Uma pessoa pode falar: 'Ah, eu quero dez quadros'. Tudo bem, vamos lidar com isso. Mas prefiro sistemas que sejam mais simples. Eu não quero ver o desenho com uma supervalorização."

Desenho . Bruno Kurru



Desenho . Renan Cruz



Desenho , Bruno Kurru

ORGANIZANDO PARA DESORGANIZAR?

A influência da arte urbana paulistana se dá muito mais pelo meio e pela forma de encarar o trabalho do que pela estética propriamente dita. Artistas como Stephan, Onesto, Herbert Baglione e OSGEMEOS são citados como pessoas que exerceram algum tipo de influência sobre ambos. Na gramática visual de ambos podemos identificar possíveis relações com vanguardas artísticas do século XX, como o dadaísmo ou o Fluxus, dado o gosto pela *assemblage*, colagem e publicações. No fim de 2007, eles criaram a editora Ôrganiza (com acento mesmo), interessada no processo de experimentação e intersecção entre o design gráfico e a ilustração, em que a forma é um elemento dinâmico no processo de composição. Cada livro ou revista tem tiragem mínima de duas edições, com exceção dos "Livros Objetos", que são únicos. Em novembro do mesmo ano, realizaram exposição na Sala Cega, da loja Trezeta Musik, em São Paulo.

Kurru conta que o interesse por publicações começou quando trabalharam juntos em 2005 e realizavam experimentos com a máquina de xérox do trabalho. Passaram-se dois anos até que Marcelo Fusco, proprietário da Trezeta Musik, convidasse ambos para uma exposição em sua loja. "Naquela época estávamos com questionamentos sobre exposições, não curtíamos o que estávamos vendo. Era uma forma de dizer para a gente mesmo o que queríamos. O Fusco nos convidou, mas achamos que não era hora para exposição. Ficamos semanas batendo a cabeça. Um dia lá em casa rolou o papo: 'Mano, que você acha de fazer uma editora?'". E havia um interesse prévio de ambos pelo objeto livro - a família de Renan inclusive teve uma gráfica: "Eu sempre curti muito livro. Tem a questão artesanal de se fazer o livro, a coisa do registro". Kurru, que havia feito um livro de artista como trabalho de conclusão na faculdade, explica que a editora era também "uma forma de desenhar de maneira mais livre, falar mais coisas. A nossa vontade era que a editora por si só fosse convidativa. Que as pessoas vissem que era um negócio amigável, que tivesse como uma das coisas principais essa coisa de deixar aberto para as pessoas".

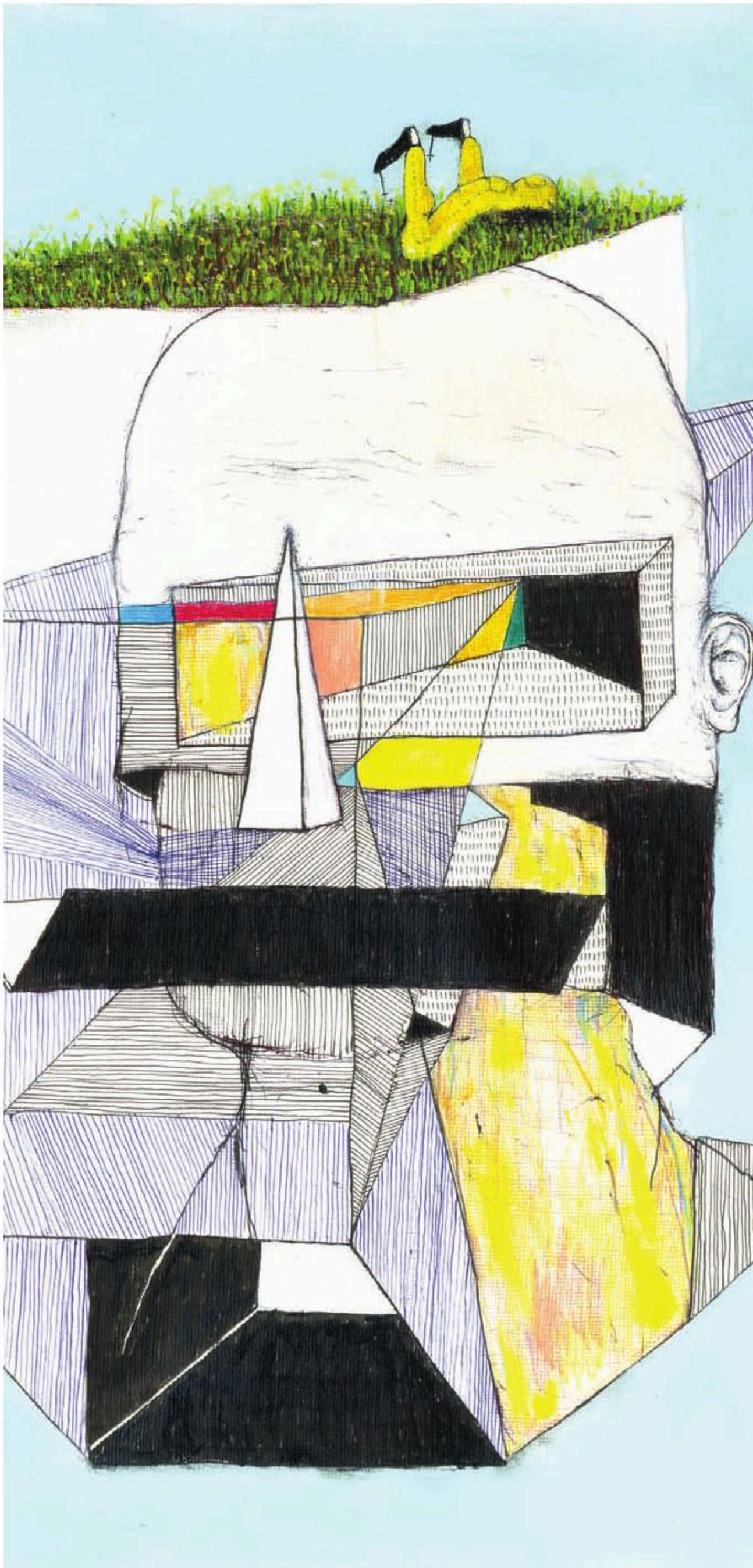
A exposição era mais do que um espaço expositivo - era uma extensão da vida. "A gente ficou lá dois meses, fizemos uma zona. Levamos prensa, guilhotina, papel, computador - era um espaço vivo. A exposição começou antes e rola até hoje em dia, ela tá viva", filosofa Renan. E o nome peculiar, de onde surgiu? Kurru explica que "o nome veio de duas coisas: de organizar os desenhos e de organizar também as idéias que a gente tinha. De não fazer uma exposição. Pelo contrário: fazer uns caderninhos cheios de desenho, desglamorizar um pouco, e o acento a gente colocou como forma de dizer que a Ôrganiza não organiza no sentido de ordem, mas no de criar um instrumento que desse "órgão" para coisas que estavam mortas, desde material até idéias, desenhos. Havia desenhos nossos que estavam parados, eram originais, mas em folhas de sulfite, coisas que a gente nem queria comercializar, nem nada disso, mas que diziam alguma coisa."

"UM BOM DESENHO É UMA BOA BRIGA"

O próximo passo de Renan Cruz e Bruno Kurru é uma exposição a se realizar entre fevereiro e março de 2009, em uma nova galeria na cidade de São Paulo. Ao que tudo indica, a exposição dará sentido e razão de ser para a produção de ambos - ontem, hoje e amanhã.

Kurru explica que pensa em criar uma estrutura visual com a qual consiga expressar pensamentos e desejos. "Um trabalho que pode ser uma coisa aparentemente abstrata, com elementos soltos. Não quero ter uma marca, não quero que alguém fale: 'Ah, aquilo ali foi o que o Kurru fez'. E eu já tava meio que negando isso. Por outro lado, vamos supor que eu ficasse desenhando o céu até morrer. Se eu levasse isso a sério, podia ser um trabalho cabuloso, porque tem uma poética muito forte nesse sentido da liberdade, do movimento, de uma coisa que nunca é igual e que é uma força por si só. O momento dessa exposição é isso: o início de tentar expandir para uma coisa mais ampla, uma coisa que não seja fechada, pode até ser um trabalho feio para os outros. Mas eu não me preocupo com isso."

Faz parte da visão de Renan crer em uma interação total entre artista e desenho e ver seu ofício como "uma desculpa para viver a vida, para conhecer pessoas, assim como pintar na rua é uma desculpa para andar



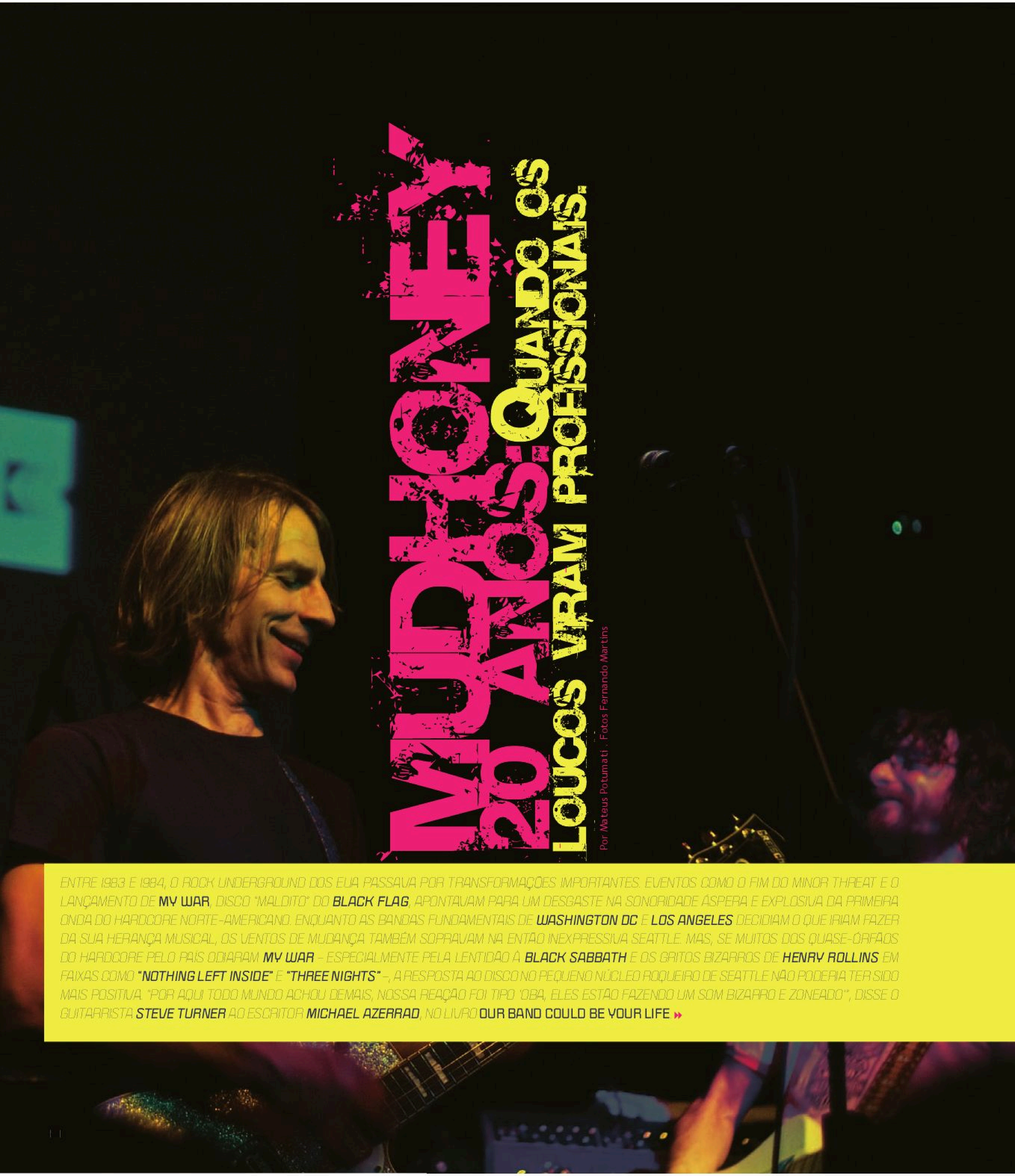
Detalhe Desenho . Bruno Kurru

por aí". Renan acredita em um período de inflexão e crescimento: "Durante muito tempo, rolou um fluxo grande de produção, sem uma certa consciência, e hoje em dia sinto que tenho um pouco mais de controle. Essa exposição tem a ver com a minha vida, como eu estou mudando. Hoje em dia, o que importa para mim é como me apresentar, como me valorizar como artista. Aquele lance do Homem-Aranha, de que 'grandes poderes trazem grandes responsabilidades'. Penso no Aldemir Martins - ele foi premiado na Bienal de Veneza. É meio isso, uma meta: ser o campeão mundial de desenho (risos). Posso conseguir isso e ver que tudo não passou de uma cenoura na frente do coelho, só para fazer ele correr. Posso descobrir ao me tornar campeão mundial que vencer é desenhar todo dia a minha filha. É isso: eu quero ser campeão mundial de desenho. Um bom desenho é uma boa briga".

Kurru acredita que, pelo desenho, é possível encontrar problemas a serem resolvidos por toda uma vida e isso o estimula a produzir. "Esse turbilhão que percebo hoje em dia é valioso. Eu tento ficar tranqüilo dentro dele, sentir o que tá acontecendo. Por isso eu acho que a gente não está muito apegado à estética, porque acaba limitando esse tipo de vivência, que é o que mais interessa para nós." ◂

» Saiba Mais:
www.menteprivada.com
www.flickr.com/photos/cruzrenan

Detalhe Desenho . Renan Cruz

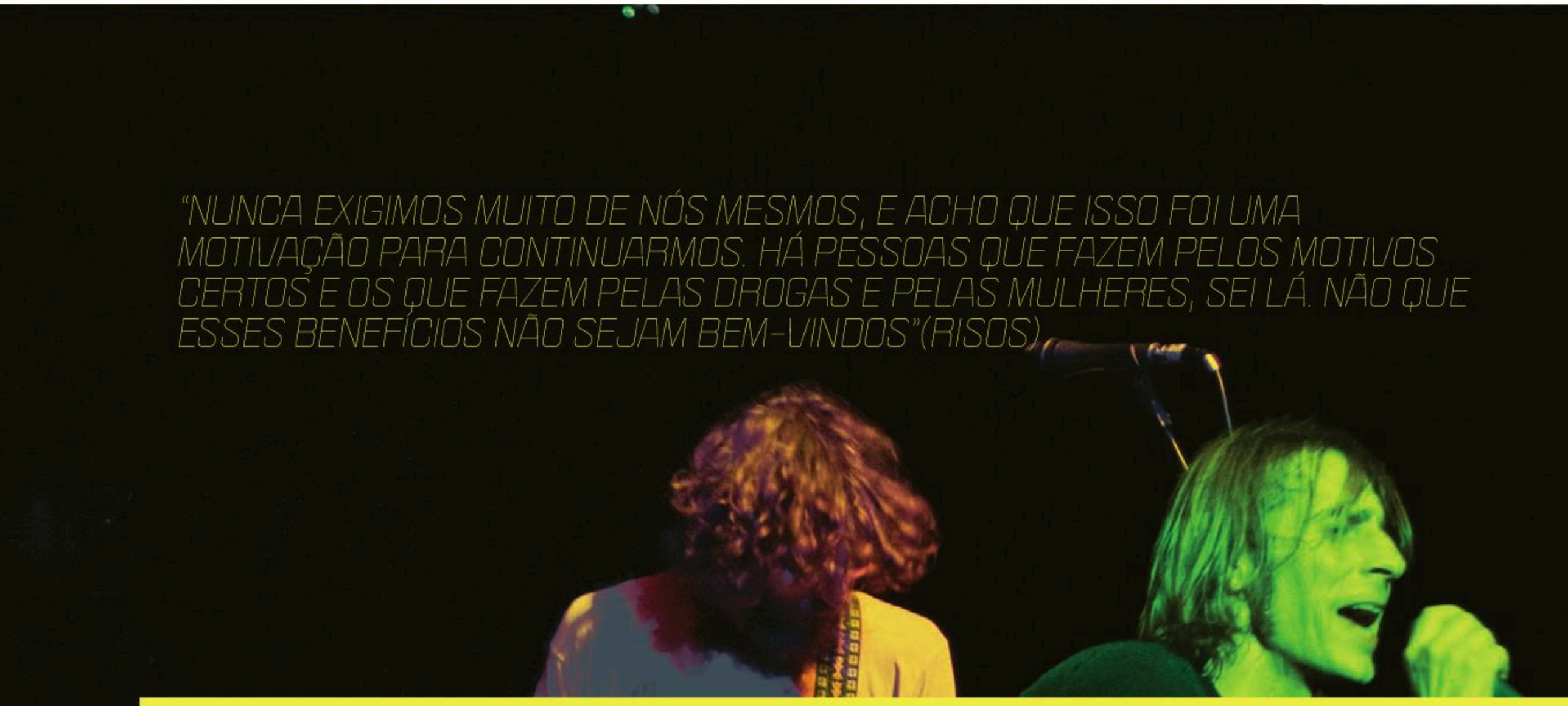


MUDHONEY 20 ANOS: QUANDO OS LOUCOS VIRAM PROFISSIONAIS.

Por Mateus Potumati . Fotos Fernando Martins

ENTRE 1983 E 1984, O ROCK UNDERGROUND DOS EUA PASSAVA POR TRANSFORMAÇÕES IMPORTANTES. EVENTOS COMO O FIM DO MINOR THREAT E O LANÇAMENTO DE **MY WAR**, *DISCO "MALDITO" DO* ***BLACK FLAG***, *APONTAVAM PARA UM DESGASTE NA SONORIDADE ÁSPERA E EXPLOSIVA DA PRIMEIRA ONDA DO HARDCORE NORTE-AMERICANO. ENQUANTO AS BANDAS FUNDAMENTAIS DE* ***WASHINGTON DC*** *E* ***LOS ANGELES*** *DECIDIAM O QUE IRIAM FAZER DA SUA HERANÇA MUSICAL, OS VENTOS DE MUDANÇA TAMBÉM SOPRAVAM NA ENTÃO INEXPRESSIVA SEATTLE. MAS, SE MUITOS DOS QUASE-ÓRFÃOS DO HARDCORE PELO PAÍS ODIARAM* **MY WAR** *– ESPECIALMENTE PELA LENTIDÃO À* ***BLACK SABBATH*** *E OS GRITOS BIZARROS DE* ***HENRY ROLLINS*** *EM FAIXAS COMO* ***"NOTHING LEFT INSIDE"*** *E* ***"THREE NIGHTS"*** *–, A RESPOSTA AO DISCO NO PEQUENO NÚCLEO ROQUEIRO DE SEATTLE NÃO PODERIA TER SIDO MAIS POSITIVA. "POR AQUI TODO MUNDO ACHOU DEMAIS, NOSSA REAÇÃO FOI TIPO 'OBA, ELES ESTÃO FAZENDO UM SOM BIZARRO E ZONEADO'", DISSE O GUITARRISTA* ***STEVE TURNER*** *AO ESCRITOR* ***MICHAEL AZERRAD***, *NO LIVRO* **OUR BAND COULD BE YOUR LIFE** »

"NUNCA EXIGIMOS MUITO DE NÓS MESMOS, E ACHO QUE ISSO FOI UMA MOTIVAÇÃO PARA CONTINUARMOS. HÁ PESSOAS QUE FAZEM PELOS MOTIVOS CERTOS E OS QUE FAZEM PELAS DROGAS E PELAS MULHERES, SEI LÁ. NÃO QUE ESSES BENEFÍCIOS NÃO SEJAM BEM-VINDOS"(RISOS)



Nesse período, Turner e seus amigos Mark Arm, Stone Gossard, Jeff Ament e Alex Vincent formaram o Green River, um grupo de influências tão esquizofrênicas que seu relativo sucesso local só caberia em uma cena tão pequena e não-segregada como a de Seattle. Fundamentalmente dividido entre a despretensão punk de Turner e Arm e as inclinações metal/mainstream de Gossard e Ament - que não por acaso viriam a fundar o Pearl Jam anos depois -, o Green River acabou no final de 87. No início do ano seguinte, a banda podre do Green River aproveitaria o gosto mútuo pela bizarrice e pelo caos para formar o Mudhoney. Partindo da nova inclinação metaleira do Black Flag - em direção à distorção caótica do Blue Cheer e aos climas nauseantes do Black Sabbath -, o Mudhoney mergulhou no passado do rock de garagem norte-americano, de Stooges e Sonics até o rockabilly de Johnny Burnette. Naquele mesmo ano, eles lançaram seu primeiro single, "Touch Me I'm Sick", e, contra todas as previsões mais sensatas - deles próprios, inclusive -, o Mudhoney se tornou uma das bandas mais influentes do mundo no final do século XX.

EM 2008, MESMO SEM NUNCA TER ALCANÇADO O SUCESSO COMERCIAL DE OUTROS CONTERRÂNEOS, O MUDHONEY COMEMOROU 20 ANOS DE EXISTÊNCIA, COM UMA TURNÊ QUE PASSOU PELO BRASIL

Por outro lado, a maioria dos seus conterrâneos famosos ficou pelo caminho. Hoje, Arm, Turner, o baterista Dan Peters e o baixista Guy Maddison (que substituiu Matt Lukin em 2000) levam vidas mais condizentes com a de cidadãos na faixa dos 40. Arm trabalha como gerente de estoque na Sub Pop, Turner vende discos usados no eBay, ambos têm família. Seqüências de seis shows, como no Brasil, são quase exceção na rotina deles. "Temos viajado muito para os nossos padrões", diz Arm à ***+Soma***, para risos gerais, horas antes do último show da banda em São Paulo. Mas as lembranças do passado louco na estrada ainda estão vivas. Arm lembra com clareza de um episódio polêmico envolvendo o grupo pós-punk Public Image Ltd. Em uma turnê pelos EUA em 1986, John Lydon & Cia. causaram antipatia ao tratar mal as bandas de abertura - gente como Minutemen, Minor Threat e Mission of Burma. O Green River foi uma delas. "O que aconteceu é que eles tomaram todo o palco e deixaram muito pouco espaço pra gente", Arm conta. "Nós éramos uma banda de cinco pessoas e dissemos que seria legal se eles pudessem arrumar espaço, mas eles falaram que não - o crew deles só tinha cuzões, e aquilo ali já ditou o tom da noite inteira." Arm começou a fazer pequenas coisas para irritar os ingleses. "No palco tinha marcações escritas JL (John Lydon) e eu fui lá e escrevi por cima MA (Mark Arm)." Lydon se comportava como um rockstar megalomaníaco: "ele ficava reclamando que no camarim não tinha uma poltrona retrátil para ele. Aí, depois que eles saíram, a gente entrou no camarim e começamos a beber e comer tudo, e quando vimos estávamos quebrando coisas e destruímos o lugar. Depois, tocamos nosso set e só sei que fomos expulsos do clube (risos)".

Conversando com Arm e Turner, fica claro que a "carreira por acidente" do Mudhoney - como o próprio Mark Arm define - só aconteceu devido a uma grande dose de auto-humor e inconseqüência. "Não entramos nisso com nenhuma grande idéia", diz Mark Arm. "Nunca pensamos na banda como um projeto de longo prazo, e por isso não nos sujeitamos à decepção. Nunca exigimos muito de nós mesmos, e acho que isso foi uma motivação para continuarmos. Há pessoas que fazem pelos motivos certos e os que fazem pelas drogas e pelas mulheres, sei lá. Não que esses benefícios não sejam bem-vindos (risos)." Eles se lembram de quando seus parceiros de Green River decidiram ir atrás do sucesso. "Naquela época, as chances de se tornar um rockstar rico eram muito pequenas, eram as mesmas de se tornar um ator famoso, um jogador famoso. Ninguém achava que ia dar certo. Era melhor ir pra faculdade e se formar em direito ou algo assim, Então eu e o Steve preferimos desencanar disso e fazer o som que a gente curtia, do nosso jeito", conta Arm. Sempre afiado, Turner emenda: "talvez a gente devesse ter tentado mais (risos)". Arm completa: "talvez eu pudesse ter feito mais aulas de canto (risos gerais)". Quem ficou famoso com um disco chamado *Nevermind* (que significa algo como "não esquenta" ou "desencana") foi o Nirvana, mas, no infalível acerto de contas da história, a idéia acabou grudando melhor no Mudhoney. ◂

» Saiba Mais
myspace.com/mudhoney

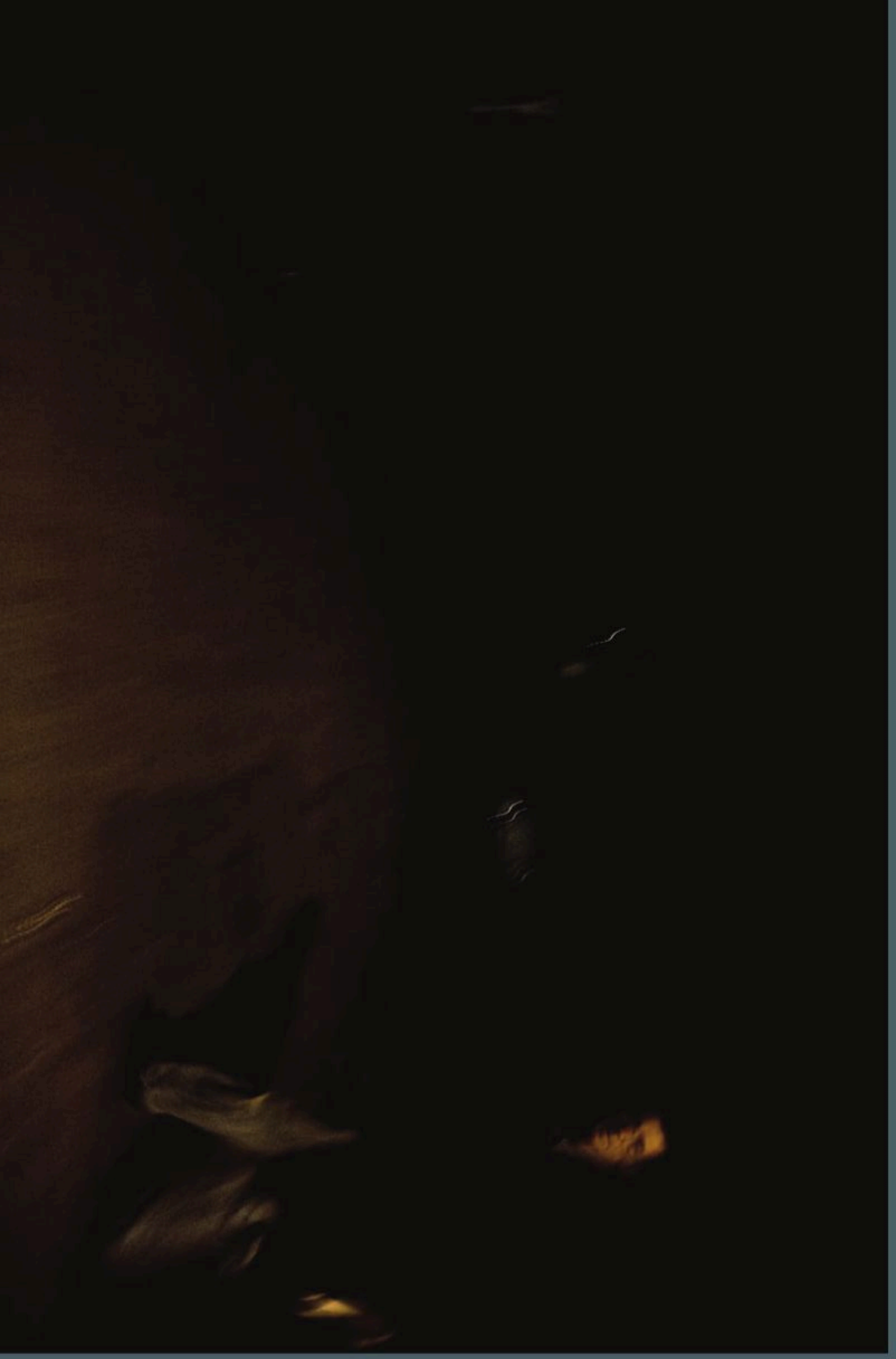
Leia outra entrevista com Mark Arm em www.maissoma.com

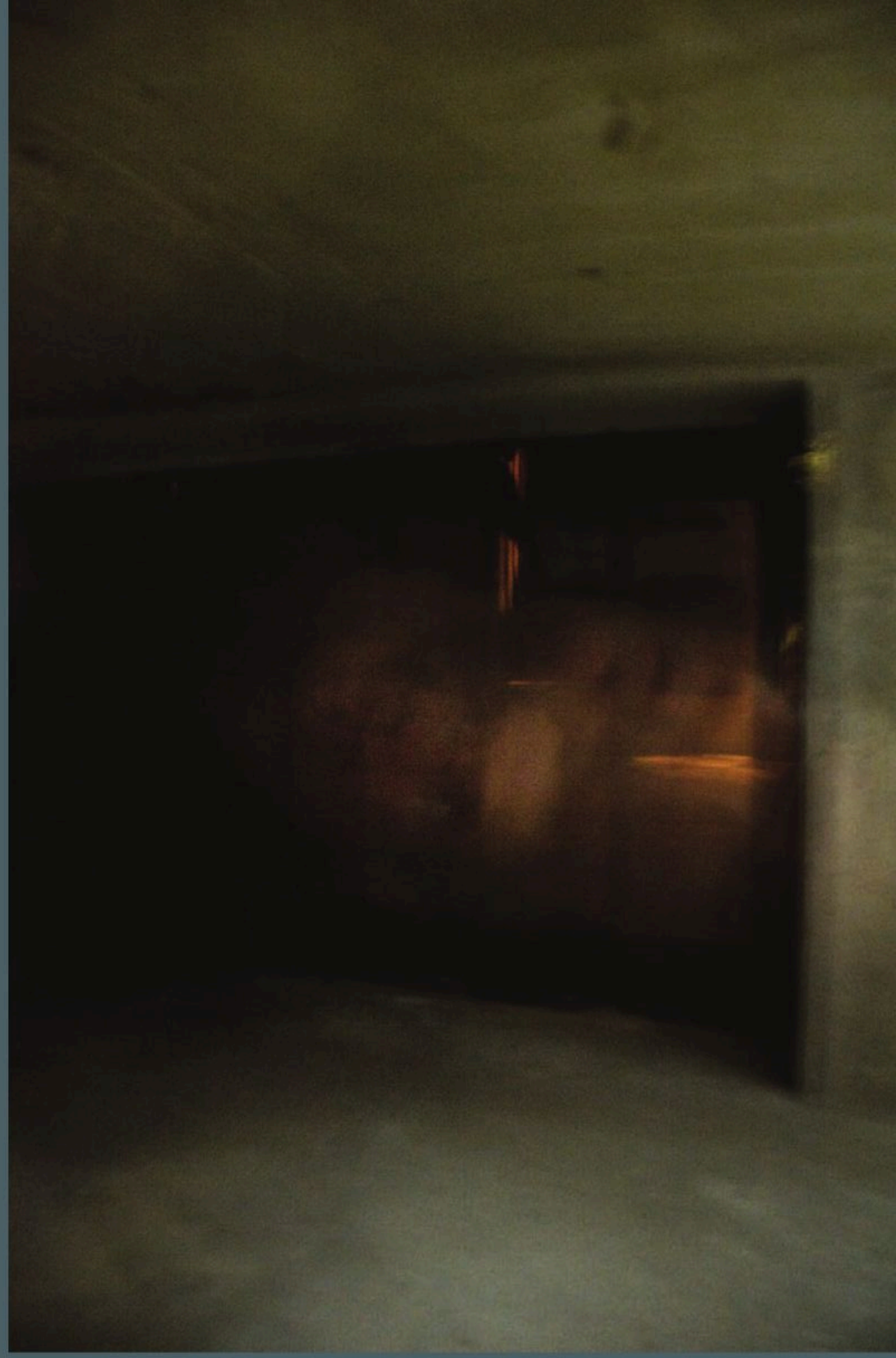
5 NOVOS TALENTOS DA FOTOGRAFIA

Curadoria Cia de Foto

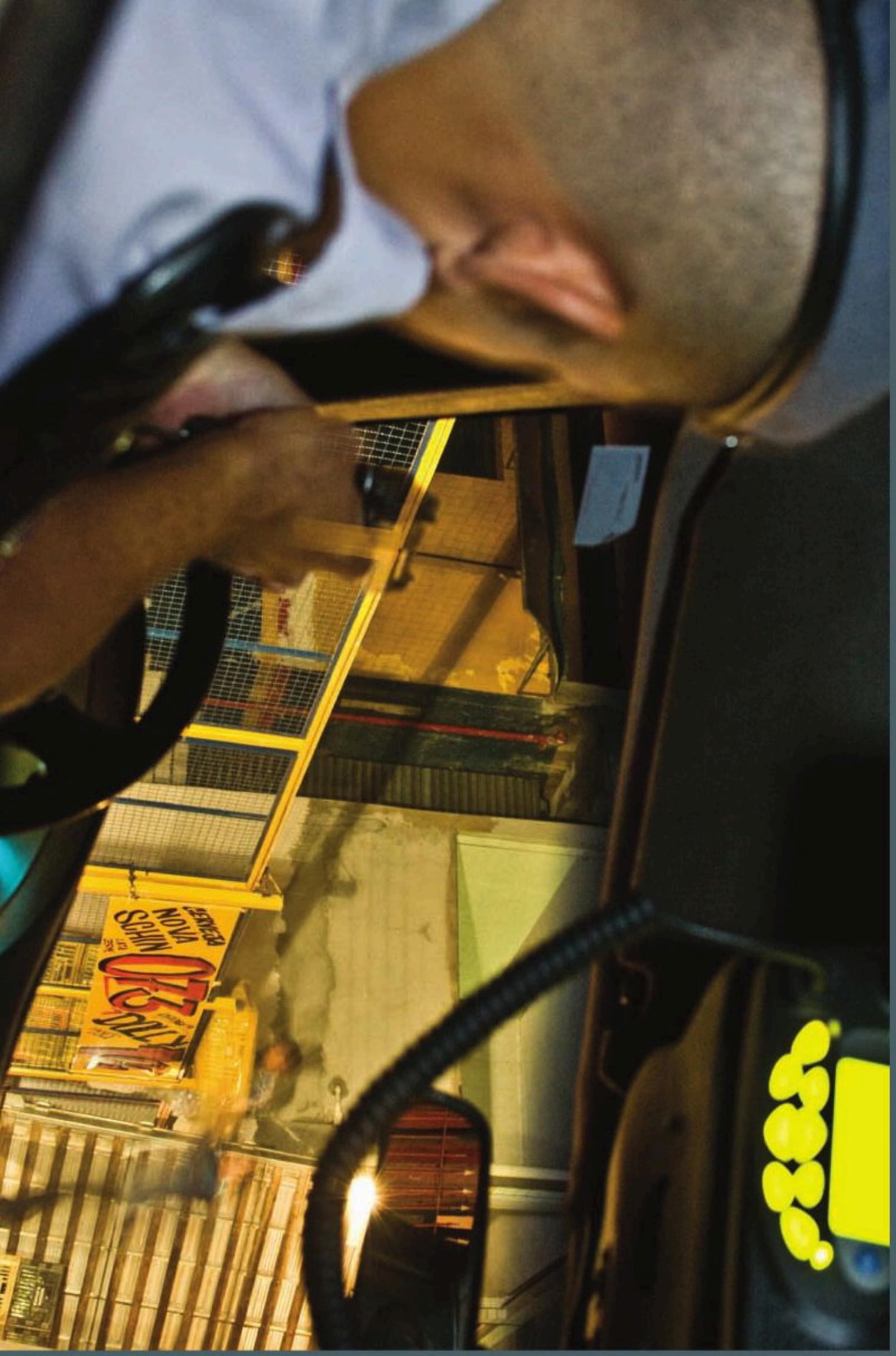
Temos aqui uma amostra de uma trupe que se impõe fotografando. Destacamos de um Flickr Group do Encontro de Coletivos Fotográficos Ibero-Americanos os trabalhos de alguns fotógrafos aspirantes de São Paulo. Esse encontro é um evento internacional que acontece na cidade. E é mais um meio de instigação para nossa fotografia. ⏩

5 NOVOS TALENTOS DA FOTOGRAFIA CONTA COM O APOIO DA **NIKE**, QUE, ASSIM COMO A **+SOMA**, NASCEU DA TÍPICA ENERGIA E PAIXÃO QUE MOTIVA JOVENS NO MUNDO TODO A CORRERATRÁS DE SEUS SONHOS E FAZER ACONTECER. UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO, QUE CELEBRA A ARTE TRAZENDO A CADA EDIÇÃO NOVOS ARTISTAS E IDÉIAS QUE INSPIRAM.





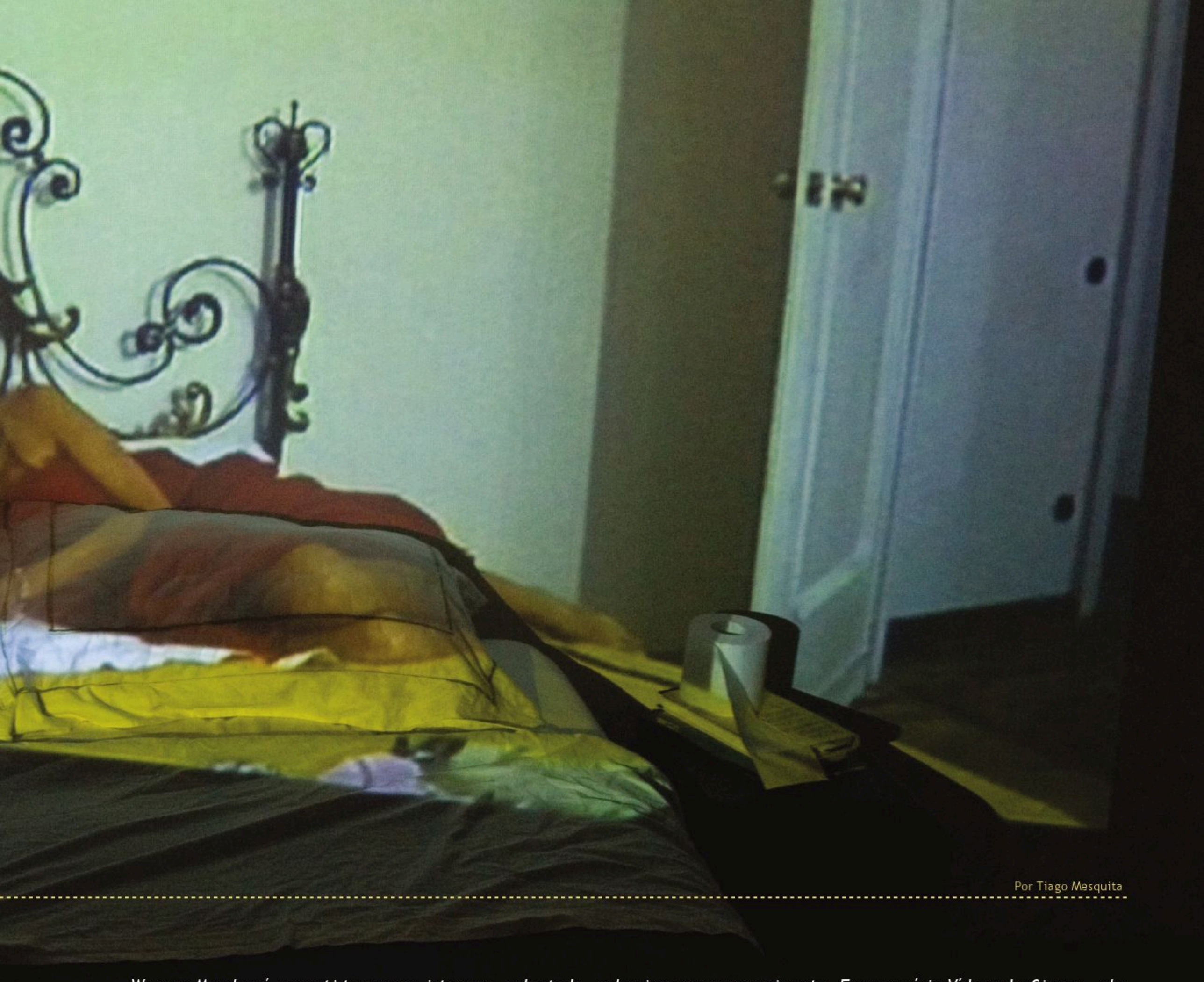
JÉSSICA MANGABA . *flickr.com/jssmangaba*



TALITA VIRGÍNIA . *flickr.com/talita_virginia*

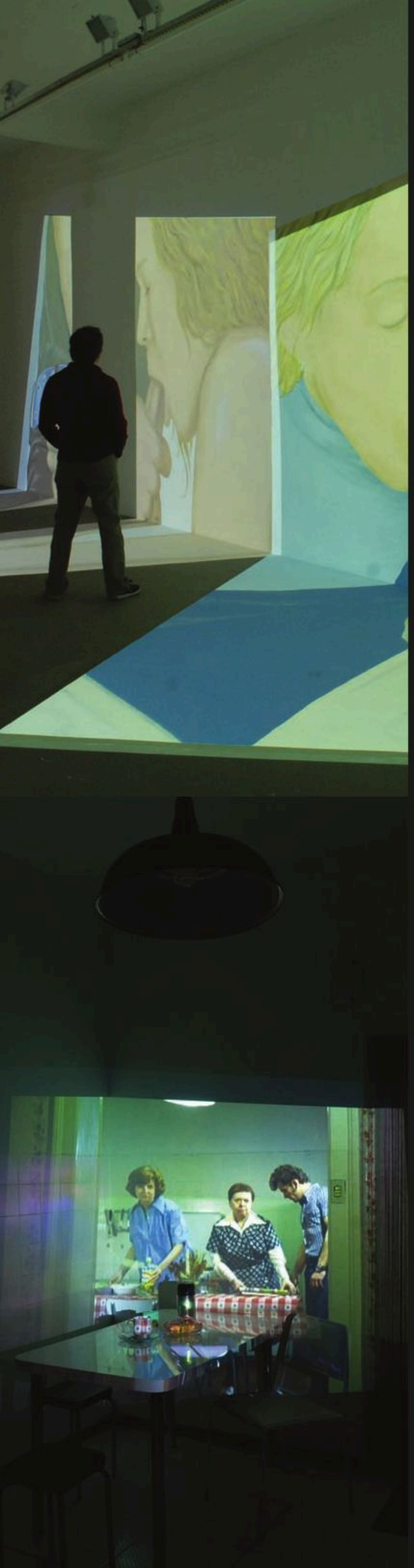
ÊNIO CESAR . *flickr.com/enio*

VESTÍGIOS DO DIA



Por Tiago Mesquita

Wagner Morales é um artista que se interessa, sobretudo, pelas imagens em movimento. Em sua série Vídeos de Cinema, ele trabalha sobre gêneros muito codificados do cinema, aqueles que separam os filmes na prateleira das locadoras e classificam os clichês da produção hollywoodiana. Com imagens pouco usuais, ele fez vídeos com temas como road movie, filme de guerra, filme de sacanagem, ficção científica, horror etc. Nas suas fotos recentes, o cinema continua a ser a matéria-prima do artista. Mas aqui, em vez de desconstruir uma linguagem, ele usa os clichês, ícones e a linguagem do cinema como objetos a serem dispostos em um quadro. Vale-se de um princípio muito sintético de elaboração dos trabalhos: escolhe fotogramas de filmes conhecidos – uns mais e outros menos –, congela a cena, a recorta e a projeta em um espaço real escolhido. Essa cena é fotografada. ⏩



Deslocados de sua função, os frames colados em um espaço real realizam ações cotidianas. Assim, personagens de Rainer Fassbinder saem da tensão do filme e, na imagem, passeiam pelos cômodos de uma casa. Os carrões do filme *Death Proof*, de Quentin Tarantino, ficam estacionados na garagem de prédios paulistanos, e mulheres são vistas em cenas íntimas, como se flagradas por um voyeur.

Essa série foi exposta pela primeira vez na mostra *Homevideo*, na Galeria Virgílio. De lá para cá, se desdobrou em um trabalho de parede exposto na Galeria Vermelho e em um lambe-lambe, exibido na mostra coletiva *Paralela*, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, que deu escala real aos trabalhos de Morales.

A passagem da cena de um tipo de imagem para outro (do cinema para a fotografia) altera muito o sentido da ação. Por exemplo, personagens de filmes de Hitchcock e Fassbinder saem de contextos tensos ou dramaticamente carregados e aparecem em quartos, cozinhas, banheiros e garagens a fazer atividades rotineiras, do dia-a-dia. O perigo parece deixar de espreitar Janet Leigh na cena do banho de *Psicose* (1960) . Aqui ela somente toma um banho demorado. Sem facada, sem música tensa e nem outro tipo de desdobramento.

De modo geral, nessas fotos o artista parece dar férias aos personagens. Eles não estão realizando coisas importantes para o filme. Seus atos são sem sentido e sem importância. Como em seus filmes, o artista parece suspender toda a dramaticidade das imagens em movimento. Elas surgem nessas fotografias paradas, como imagens banais, que não respondem ao que se segue no próximo fotograma. Talvez por isso pareçam desempenhar algo que não é digno de nota, coisas que todo mundo faz diariamente.

Na série de filmes *Vídeo de cinema*, Morales trabalhou com uma espécie de suspensão da ação e das convenções dos gêneros do cinema. Em *Solitária, pobre, embrutecida e curta, filme de guerra*, de 2004, por exemplo, o artista usava imagens que em nada lembravam uma batalha. A guerra era sugerida por meio de diálogos de outros filmes sobrepostos à imagem e pela maneira de posicionar a câmera - que muitas vezes olhava de longe. Mas o que se via era uma rotina lenta, modorrenta.

Não havia dramatização do combate e o cheiro de pólvora trocada não era percebido pela câmera. Não eram vistos tiros, cadáveres, tropas e nem inimigos se digladiando. O filme parece falar de coisas laterais ao esquema dos filmes de guerra, que não cabem na estrutura dos filmes hollywoodianos. Eram esperas tediosas, olhar de espreita da câmera e a vida que corria normalmente, apesar do conflito.

AS OBRAS FALAM DE COISAS QUE PARECEM ACONTECER POR TRÁS DA CENA, POR TRÁS DAS CÂMERAS, ENQUANTO AS PERSONAGENS LEVAM SUA VIDA NORMALMENTE, DEPOIS QUE O PAPEL A SER DESEMPENHADO ACABOU E AS CORTINAS FECHARAM.

Ao deslocar as imagens nas fotografias, o artista joga o holofote nas ações sem importância teatral, cenas de todos os dias, que se repetem e não constituem grande coisa. Não por acaso, em sua última exposição na Galeria Virgílio, as imagens estão paradas, são momentos em que a vida não passa, ou melhor, passa diante de nós enquanto ficamos parados. Também não é à toa que nas fotos as imagens de cinema se parecem com fantasmagorias, são coisas que estão sempre por lá, mas nós nem notamos, passamos batido, como talvez seja com os espectros. Os fantasmas retomam as suas vidas do ponto em que elas pararam. Vivem em um espaço sempre presente, que não muda. São vidas que se acabaram e agora só se repetem. Talvez por isso, em algumas fotos, os personagens nos fitem constantemente, como se nós não pudéssemos vê-los.

Esse aspecto sempre presente, fantasmagórico, é o que existe de mais bonito na instalação que Wagner Morales mostrou junto com as fotos na galeria Virgílio. Lá, ele tratava da repetição *ad eternum* das coisas da vida no cinema, mais precisamente nos filmes de sacanagem. Nessas instalações, duas cenas de sexo oral eram projetadas na parede da galeria e registradas à tinta. Depois que se tornam uma pintura no espaço, Morales as banha com a luz do projetor, que as torna semelhantes a um filme, mas um filme parado.

O artista já havia brincado com as convenções desse gênero em seu *Filme de Foda* (2007). Nesse vídeo, ele se aproveita da estrutura convencional dos vídeos eróticos, mas os mostra de outra forma, onde, mais uma vez, as coisas acontecem porque nada acontece. Dentro de regras estritas do gênero, Morales cria um clima erótico sem que ninguém se encoste. Não se trata apenas de mostrar uma estrutura prévia e impessoal, mas mostrar que nessa estrutura as coisas acontecem. Por isso, o filme acaba rendendo uma homenagem à pornografia e às relações sexuais fortuitas, impessoais e promíscuas. Como um papo apimentado, a coisa acontece sem nenhuma epopéia e nem acontecimento marcante.

É DESSA REPETIÇÃO DA VIDA COTIDIANA – SEJA NO CINEMA, SEJA NA VIDA – QUE O TRABALHO DE WAGNER MORALES PARECE FALAR. A VIDA É MUITO POUCO, ESTÁ CANSADA DE AVENTURA.

Não por acaso, ele utilizou cenas de felação que poderiam ser retiradas de qualquer filme pornô. Visto assim, o trabalho parece triste, descendente do que Andy Warhol tem de trágico. No entanto, não é exatamente triste.

Nas fotografias, as imagens são de cuidados com o corpo, de convivência branda entre os personagens. Esses prazeres repetitivos são o remédio de uma vida dura. Esperar o previsível, o rotineiro, não é reiterar o que é maçante, mas esperar o que é sempre bom. Acho que só não sabe isso quem nunca aguardou o fim do dia para receber o carinho da pessoa amada.

» Saiba Mais
www.wagnermorales.com

DAN DEACON

DEUS DAS PEQUENAS DANÇAS

Por Dago Donato . Fotos Fernando Martins e Pedro Bruno

"VOCÊ ACREDITA EM DEUS?"

Quem pergunta é Marcelo Altenfelder, o Pata, integrante da jovem banda paulistana Holger. Sentado em frente a ele, na ponta de uma imensa mesa, lotada e disposta no melhor estilo "família vai à cantina" em um bar da Vila Madalena, está Dan Deacon, o cara que chamou a atenção para Baltimore como uma das mais empolgantes cenas musicais surgidas nos últimos anos.

"Claro. Em todos eles." "Você acredita que uma pessoa pode ser Deus por alguns instantes? Que você pode ser Deus?"

"DEFINITIVAMENTE".

De fato, o gordinho careca de óculos havia, poucas horas antes, freqüentado o panteão de deuses temporários de muitos dos presentes na arena armada no Parque do Ibirapuera para mais uma edição do Tim Festival. A maior parte, provavelmente, nunca havia ouvido falar dele, o que tornas as coisas mais interessantes.

"Não sei bem porque este festival me chamou", disse Deacon pouco depois de chegar ao país. A dúvida fazia sentido, uma vez que parte da produção do evento não fazia idéia de que ele faria um show ao vivo e não um DJ set. Alguns até mostraram surpresa quando souberam que ele tocaria no chão, uma de suas marcas registradas.

E FOI DO CHÃO QUE ELE COMANDOU A CONVERSÃO: A "BLASÉLÂNDIA" PAULISTANA DEIXOU SUA EMPÁFIA TÍPICA DE LADO E CAIU NA FOLIA REGIDA PELO GORDUCHO QUE ENCHARCAVA DE SUOR A PÚIDA CAMISETA DE COR CÍTRICA, OUTRA CONSTANTE DE SEUS SHOWS.

Pilotando uma mesa repleta de tralhas low-tech (Casiotone, pedais, um sem-fim de cabos, um iPod Shuffle, uma caveira que brilha no escuro), ele fez todos dançarem e os sorrisos se multiplicarem ao som de uma eletrônica torta, às vezes quase cafona, mas ao mesmo tempo vanguardista e pesada, muito pesada. Sua voz, distorcida pelos pedais, sai caricata, e é assim que ele organiza um concurso de danças e um túnel de festa junina, entre outras situações pouco prováveis para os que carimbam anualmente seu passaporte do verniz cultural no festão alterna-corporativo.

"Realmente gosto de dar ordens", brinca Deacon. O assunto não é o show, mas o Round Robin, projeto que o músico concebeu e capitaneou até duas semanas antes de vir ao Brasil. Eram vinte bandas - a maioria do coletivo Wham City, de Baltimore, que Deacon ajudou a criar - rodando os Estados Unidos e o Canadá em um ônibus escolar movido a biodiesel, se apresentando em grandes galpões, com cinco palcos no chão, por duas noites seguidas.

Idéias como esta surgem a todo instante na cabeça de Deacon. No carro, inspirado pela onipresença do concreto da paisagem paulistana, inventa um conto e divide com os companheiros de viagem. No bar, propõe novas turnês e acampamentos itinerantes.

DEACON ESTÁ ACOSTUMADO, REGIDO PELA ÉTICA DIY, A BOTAR COISAS EM PRÁTICA. "NÃO É QUESTÃO DE DINHEIRO", DIZ A TODO MOMENTO.

Como que para provar, decide fazer um show surpresa, na mesma noite em que saiu consagrado do festival. O lugar escolhido é o estúdio Sala 222, de Sérgio Ugeda, integrante da banda Debate e cabeça do selo Amplitude e da produtora Tronco. Cerca de quarenta pessoas revivem com intensidade turbinada por muitas doses de drinques os momentos do show anterior, só que condensados em um cubículo do tamanho de um quarto de casal. "Vamos levantar esse baixinho aí", ordena, e lá vai um fã ser passado de mão em mão em um mini*crowd surf*.

Entre os presentes, está Joshua Lee Kelberman, do duo Santa Dads e amigo de Deacon desde a faculdade. Deacon dispensa empresários e técnicos de som e prefere levar amigos em suas turnês. Kelberman foi o sortudo da vez. "Foi Dan quem me incentivou a fazer música. Eu achava que música era só pra quem tinha um certo dom. Ele me mostrou que qualquer um pode fazer música."

Por causa de Joshua, natural de Baltimore, Deacon se estabeleceu por ali. "Eu era pobre, e lá era barato", resume. Foi lá que nasceu a Wham City, uma turma de artistas multimídia instalados em um galpão-residência-casa-de-shows sob a inspiração de outro coletivo semelhante, o Fort Thunder, surgido em Rhode Island nos anos 90, capitaneado pela insana dupla Lightning Bolt. "Brian Chippendale (quadrinista e baterista do L. Bolt) é meu maior ídolo. Nós até somos meio amigos. Uma vez mandei um e-mail falando o quanto ele era importante para mim e ele respondeu perguntando se eu estava bêbado. Claro que eu estava", conta Deacon.

No *backstage*, após o show no festival, Deacon pede alguns minutos para relaxar. "Foi bom o show? Não vejo nada quando estou tocando." Antes de sair, pede para que ajudemos a limpar o camarim. "Esse serviço fica sempre para os mais pobres. Não acho justo." Que Dan não se surpreenda se, depois da curta passagem pelo país, ele passar a receber e-mails bêbados vindos do Brasil.

Saiba Mais
myspace.com/dandeacon

A FILIAL DE $1,99

Por Tiago Moraes . Fotos Fernando Martins

O ano de 2008 ficará marcado na vida de Edu Lopes. Entre sessões de gravações em um estúdio improvisado em seu antigo apartamento no bairro de Santa Tereza no Rio de Janeiro, ele e seus comparsas d'A Filial, não imaginavam que escreviam mais um capítulo da rica e inovadora história da música popular brasileira. O resultado dessas sessões, batizado de $1,99 foi recentemente lançado nos Estados Unidos pelo selo novaiorquino Verge Records e deve sair no Brasil, como tudo, depois do Carnaval. »

Com a missão do disco cumprida, Edu resolveu que era hora de mudar de ares, e se mudou para São Paulo com mala e skate embaixo do braço. Divide apartamento no bairro da Vila Mariana, com mais dois amigos "migrantes" [o DJ Tamempi e o fotógrafo Fernando Martins], e foi de lá que conversou com a +Soma sobre essa nova fase da sua vida.

Fala um pouco de como e quando começou A Filial?
A Filial é um projeto que rola desde o início de 2000. Durante os anos 90 eu tive um projeto chamado Manifesto - o embrião do que viria a ser A Filial alguns anos depois. O Manifesto era uma banda com a proposta de misturar música brasileira de uma maneira mais abrangente com soul e rap, que seria o mesmo conceito a ser adotado no início d'A Filial, com a diferença do modus operandi da história toda além da evolução natural desse conceito.

Tava cansado de trabalhar naquele formato de banda em que todo mundo bota muita energia em discordâncias e pouca energia no que realmente interessa que é puxar o carro da história. Traumatizado com isso, fiquei uns dois anos fermentando uma maneira diferente de trabalhar e pensei na Filial como um projeto pra convidar os meus amigos pra gravar sem compromissos e sem formar um grupo definido... Promiscuidade musical.

E de lá pra cá, o que mudou?
Mudou tudo. Nesse período promíscuo você trabalha com um, trabalha com outro e aos poucos vai encontrando as figuras ideais, os que vão trazendo novas influências e dando mais vontade de tocar a história. O conceito musical ganhou um upgrade muito grande. Eu posso dizer que hoje A Filial além de mexer mais a fundo nas raízes da música brasileira, também faz estudos com músicas de diferentes partes do mundo, como a música da América Central, o clássico erudito e também a eletrônica vinda da Europa, outros elementos da música americana que não apenas o rap e o soul. Apesar de fazermos shows com diferentes formatos hoje é possível dizer que A Filial tem uma formação como grupo, o que não era o caso em 2000. Eu, Ben Lamar, Castro, Flávio 52 e Pacato.

***Quem menos tem é quem mais oferece* foi o primeiro LP de A Filial, depois do EP e da participação em algumas coletâneas. Nesse disco, é patente uma pesquisa musical refinada e a reverência à nossa música, sem cair no óbvio. *$1,99* parece uma continuação dessa pesquisa, e chega agora a ritmos nordestinos mais regionais, como o maracatu, o baião e forró...**

Desde o início do Manifesto nos anos 90, eu sinto a necessidade de criar uma linguagem para trabalhar com as raízes mais profundas da música brasileira. É um processo longo que se faz de experimentações, muito estudo de tudo o que foi feito antes pelos nossos mestres, que não são poucos, e uma busca incessante no melhor estilo Jason em *Sexta-feira 13*. Naquela pegada em que nego tropeça e tu já tá de pé esperando ali na frente com o machadão bolado. Essa é uma história pra tocar até o fim da vida. Sempre vai dar pra sintetizar melhor, aprimorar a linguagem. A música do Brasil é absurdamente vasta, e eu me sentiria ridículo se não explorasse ritmos e regiões além do Rio de Janeiro. Seria muita pobreza da minha parte fechar os olhos para isso.

Nesse disco também o Ben Lamar ganhou mais espaço como MC no grupo, rimando em várias músicas. Foi algo pensado ou rolou naturalmente?
Um pouco dos dois. Além do talento que o cara tem para a coisa, esse disco foi gravado pensando no mercado Americano e achei interessante dar mais espaço pra voz dele e fazer um tipo de dobradinha em dois idiomas, para que o disco se fizesse mais acessível tanto pra eles como pra nós no Brasil. Esse disco é assim mas o próximo pode ser que a gente chame o Jordy pra cantar em francês. Aliás, onde foi parar aquele moleque?! (risos)

Quer dizer que vocês fazem música pra gringo ouvir, tipo exportação? (risos)
Cara, nunca fiz música pra gringo ou brasileiro, fulano ou sicrano. Acho que sempre me preocupei em fazer música pra gente que não tem preguiça de degustar, de desenvolver o "paladar" dos ouvidos,

"MINHA EXPECTATIVA É NÃO CRIAR EXPECTATIVA ALGUMA. É ESTAR COM A CABEÇA NO LUGAR, FAZENDO O QUE EU TENHO QUE FAZER PRA APROVEITAR DA MELHOR FORMA POSSÍVEL TODAS AS OPORTUNIDADES QUE APARECEREM."

independente do dialeto. No Brasil tem muita gente consumindo e querendo esse tipo de música que fazemos, os e-mails que eu recebo de gente querendo ir aos shows, chamando para tocar em suas cidades e a sintonia em que o público e o grupo ficam ao vivo é sempre uma experiência positiva. Esse papo de fronteiras e restrições é como se eu estivesse usando uma cueca dez números menor, muito desconfortável. Vou gravar um disco em esperanto pra ver se dá uma aliviada (risos).

Como foi o processo de produção do disco?
Em cada disco que gravamos usamos um processo diferente. Esse disco foi todo produzido na sala do meu antigo apartamento. Gravamos tudo lá, os sopros, toda a percussão, tudo mesmo. As sessões com os atabaque e as alfaias quase demoliram o prédio e, por incrível que pareça, a vizinhança até entrou no clima em algumas sessões. O processo de composição não foi linear, não seguiu um padrão. Algumas músicas eu já tinha na manga, algumas fiz com o Ben e outras com o Flávio. Teve um estudo mais aprofundado dos elementos de música do Brasil - coisa que o Pacato tem um conhecimento grande e compartilhou com a gente. Tentei gravar a parte da percussão da maneira mais roots possível, para "subverter" e montar umas células mais híbridas depois. Eu sabia a sonoridade que queria e que rumo tomar. Com esse time foi melzinho na chupeta.

No Brasil ainda há a cultura de valorizar artistas locais somente depois que são reconhecidos lá fora. Lançado há menos de um mês nos EUA, *$1,99* tem recebido dezenas de críticas elogiosas da nata da imprensa musical internacional, como a *Wax Poetics*, a *XLR8R* e a *Global Rhythm*. Qual a sua expectativa daqui para a frente em relação a projeção internacional e também em relação ao lançamento do disco aqui no Brasil?
Minha expectativa é não criar expectativa alguma. É estar com a cabeça no lugar, fazendo o que eu tenho que fazer pra aproveitar da melhor forma possível todas as oportunidades que aparecerem. Uma a uma. Eu quero que o trabalho fermente ainda mais lá nos EUA, que não haja nenhum empecilho para as turnês que estão previstas pra acontecer em 2009 e que possamos interagir de verdade com a rapaziada de lá. Tom Jobim dizia que a melhor saída para o músico brasileiro é o aeroporto. Só do disco sair no Brasil e existir a possibilidade de chegar às pessoas que estão interessadas em algo além do que tentam nos empurrar goela abaixo por todos os veículos, já me deixa muito feliz. *Let it be*.

Há poucos meses você se mudou definitivamente do Rio para São Paulo. Qual foi o real motivo dessa mudança e que impacto você acha que essa mudança terá em seus trabalhos futuros?
Camarão que dorme na beira a onda leva; nada melhor pra ficar esperto do que mudar de praia. No Rio, fizemos uso de todos os canais possíveis, inúmeras vezes, estava começando a me sentir tipo aqueles artistas de rua que se pintam de branco e ficam de estátua viva. Cheguei à conclusão de que nesse momento seria melhor pra mim e pro projeto vir pra cá. São Paulo é uma cidade que tem muito a oferecer e me ensina muito. Não acho que meu trabalho vá mudar, pelo contrário, acho que vai se consolidar mais ainda com o que venho desenvolvendo aqui. As únicas diferenças é que vamos estar mais próximos do público paulistano e que feijão preto agora é só às quartas e sábados.

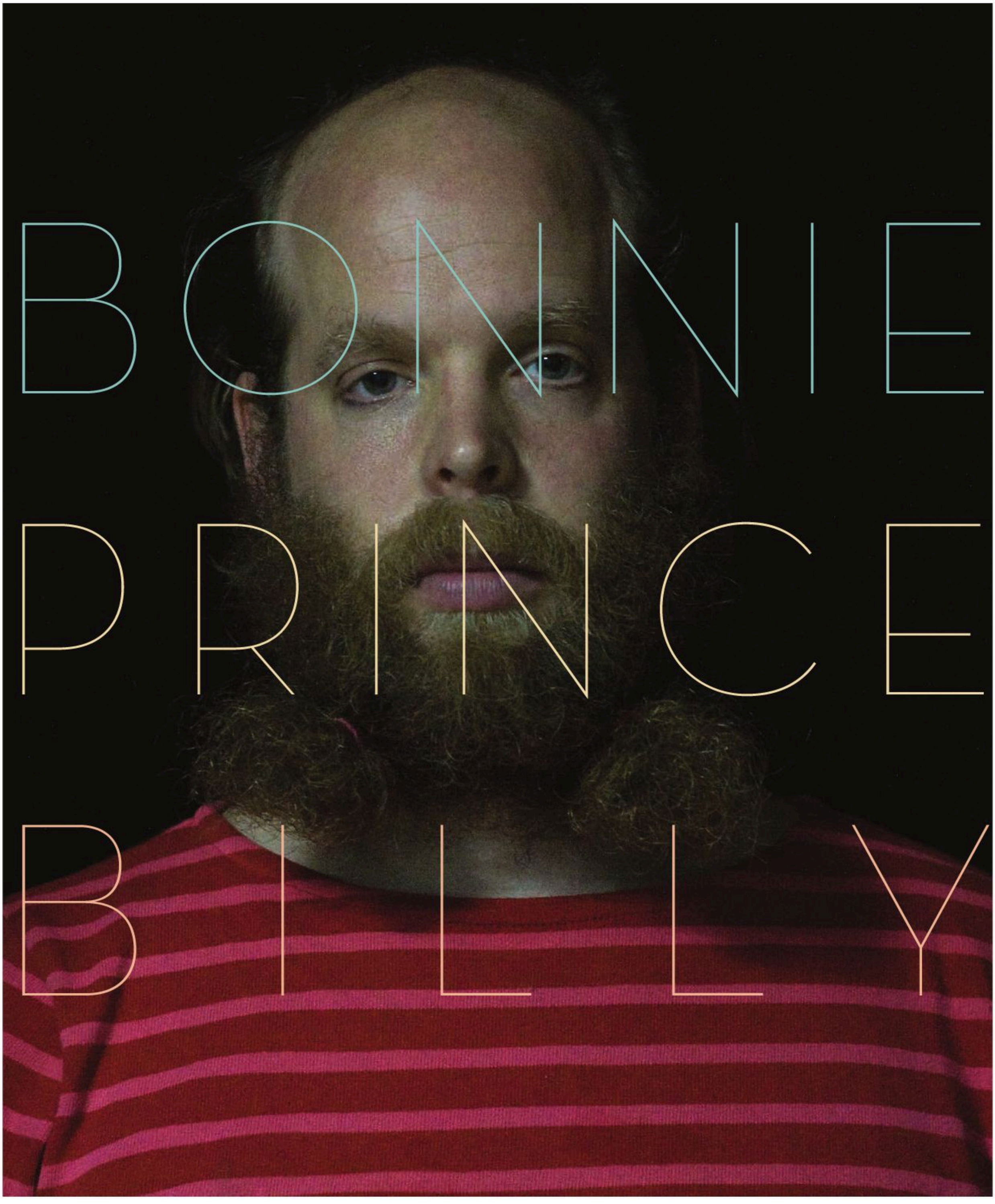
Você comentou algo sobre um disco solo comigo. Fale um pouco sobre esse novo projeto e sobre as diferenças que você imagina no resultado final.
O disco segue a mesma linha do que produzo para A Filial, só que mais sintético. Nos discos anteriores, contei com instrumentistas que tinham muito a dizer e sempre fiz questão de abraçar a visão musical de todos os envolvidos, para criar uma linguagem que, de alguma forma, os representasse no projeto. Agora busco uma síntese do que fiz antes com o grupo, trabalhando com mais espaço. É como se A Filial fosse um misto de Tom Jobim e Beastie Boys e o que eu tô fazendo nesse disco fosse um misto de Wu-Tang Clan e João Gilberto.

O que você diria sobre o *$1,99* se tivesse que convencer alguém a comprar ou a simplesmente ouvir o disco?
Diria que tô muito feliz com o resultado final do disco e com as críticas que ele vem recebendo. Pra quem está interessado em ouvir música diferente da que tem sido feita por aí, que tenha uma linguagem atual e ao mesmo tempo raízes de clássicos brasileiros e de outras partes do mundo, esse é um prato cheio. Diria que é um convite a quem não tem preguiça de se expor a novas experiências musicais e não acredita em conservadorismo cultural. Diria que é bom, mas que eu sou suspeito pra falar a respeito.

Alguma mensagem final?
Disco novo, casa nova, cidade nova, amigos novos, skate novo, amores antigos de roupas novas (ou sem roupa nenhuma). Que os nossos trabalhos possam ser um pé-de-cabra na cabeça da rapaziada que anda vendo o mundo e suas próprias vidas de maneira tão pobre e restrita. Sou um cara privilegiado por enxergar a beleza e a importância do caminho que se apresenta à minha frente. *Whole lotta love*.

» Saiba Mais
www.afilial.com.br
www.myspace.com/afilial
familial.4shared.com

Baixe gratuitamente a faixa "Calma Pedro" no site da *+Soma*.


BONNIE
PRINCE
BILLY

DE FÉRIAS PELO BRASIL, O CANTOR COMPOSITOR WILL OLDHAM TOCOU AO LADO DE EMMET KELLY, DURANTE QUASE DUAS HORAS, NO PALCO DO STUDIO SP, NO DIA 27 DE NOVEMBRO, DENTRO DA PROGRAMAÇÃO FOLK-SE QUE TROUXE À CIDADE CONOR OBERST E BILL CALLAHAN EM EDIÇÕES PASSADAS. HORAS ANTES DE DAR INÍCIO AOS TRABALHOS, OLDHAM PASSOU PELA CASA PARA ENSAIAR DOIS PARES DE CANÇÃO, NÃO SEM ANTES DAR UM PASSEIO RÁPIDO PELA RUA AUGUSTA. NO BAR EM FRENTE, TOMOU CAFÉ COM LEITE E PRESENCIOU CENAS "AUGUSTIANAS" NO MEIO DA TARDE SEM MUITO ESPANTO, COMO A DE UMA HOSTESS ACIMA DO PESO DANDO BOAS-VINDAS A UM CLIENTE DE UM INFERNINHO COM UMA TOALHINHA BRANCA ENROLADA NA ALTURA DO PEITO. DE VOLTA AO RECINTO, A DUPLA TOCOU QUATRO CANÇÕES E LOGO ATENDEU A UM CANAL PÚBLICO DE TELEVISÃO. DIANTE DA PERGUNTA SOBRE O QUE O MOTIVA A TRABALHAR COM MÚSICA, OLDHAM FOI LACÔNICO: "DINHEIRO". O REPÓRTER SE IRRITOU COM A IRONIA E QUESTIONOU A RAZÃO DA RESPOSTA MONOSSILÁBICA. "PARA QUE EU FALE MAIS, EU PRECISO TE CONHECER MELHOR PARA SABER QUEM VOCÊ É. SERIA BOM PRIMEIRO DAR UM PASSEIO PELAS RUAS, FAZER COISAS QUE AS PESSOAS FAZEM NORMALMENTE PARA SE CONHECEREM E DAÍ SIM COMEÇARÍAMOS UMA CONVERSA MAIS ÍNTIMA", DIZIA UM OLDHAM À PROCURA DE AMIGOS NAS FÉRIAS. NA SEQUÊNCIA, FOMOS APRESENTADOS E LEMBRAMOS DA CONVERSA DE 40 MINUTOS QUE TIVEMOS POR TELEFONE. ELE DE LOUISVILLE, EM KENTUCKY, SUA TERRA NATAL, E EU DE BELO HORIZONTE, UMA SEMANA ANTES DE SUA CHEGADA AO BRASIL.

Por Alexandra Martins , Fotos Fernando Martins

Como está a atmosfera em Kentucky, um estado mais republicano que democrata, depois da vitória de Obama?

É um estado muito complicado, há muitas regiões diferentes com todo tipo de indústrias e culturas. Para mim, parece que o melhor candidato ganhou a presidência. Honestamente, há fortes razões para que esse estado apóie McCain. Aqui a verdade demora muito tempo a aparecer em algumas partes. Acho que, se Deus quiser, no final dos próximos quatro anos haverá cidadãos felizes com o resultado das eleições. Há um certo grau de confusão e decepção no momento para algumas pessoas, mas, te digo, tem muito a ver com a forma como a informação é tratada em certas partes do estado. Mas a região onde moro é eleitora do Obama.

Fiquei sabendo que o processo para conseguir o seu visto de entrada no país foi um pouco complicado.

Foi, mas acho que, no fim das contas, foi uma coisa boa. Diferente do que acontece em outros países, os norte-americanos são livres para ir e vir. Foi ótimo que o Brasil tenha me exigido vários documentos e formulários que normalmente são exigidos aos brasileiros na hora de entrar nos Estados Unidos. Para um norte-americano ir ao Japão, Inglaterra ou Argentina, é muito simples, mas para entrar no Brasil você tem que fazer fotos, preencher muitos formulários, pagar dinheiro, enfim, o Brasil está respondendo na mesma moeda e isso é muito bom para o país.

Você finalizou seu mais recente álbum, Beware, pela Drag City. Você pode adiantar um pouco sobre o espírito desse novo trabalho?
Bom, eu não existo fora da música a ponto de ser capaz de dizer, nesse estágio, qual é o espírito do disco ou quais seus temas. Não me leve a mal, mas é porque eu estive tão envolvido e amarrado recentemente no processo de gravação do disco que não consigo dizê-lo. Normalmente, levo um ano ou dois para tomar distância e entender o que meus álbuns têm a dizer. Sei que é um trabalho mais caótico. Vários colaboradores do disco vêm do jazz, tanto do tradicional como do free jazz, o que não significa que o Beware seja jazzy. Os músicos deram um toque mais livre e aberto e não estilizado do jazz. Existiu uma abertura que nunca houve em discos anteriores de Bonnie. Foi gravado em Chicago com colaboradores que vivem lá. Um deles, Rob Mazurek, participa de várias canções. Sei que ele tem uma ligação forte com o Brasil, morou muitos anos aí (N. E.: na verdade Mazurek vive no país e toca junto com o Hurtmold como banda de apoio de Marcelo Camelo). Ele estava na cidade justo nos dias da gravação e acabou aceitando participar.

Uma vez ouvi o Bob Dylan dizer que as canções de Woody Guthrie te ensinam a viver. No seu caso, quem faria essa função?
Pergunta difícil. Deixe-me pensar. Bom, a música te dá algumas pistas de como viver. Os Mekons (banda do pós-punk inglês liderada pelo cultuado Jon Langford) cumpriram esse papel durante muito tempo na minha vida. Eu toquei umas duas canções com eles no ano passado, o que foi muito bom e importante para mim. No momento, venho aprendendo muito com os músicos do velho country norte-americano, mas também tenho conhecido coisas novas. Existe um cara norueguês, um performer e compositor que atende sob o nome de DeathProd, que vive em Oslo, muito interessante. A música é um suporte para a vida. Como eu vivo dentro da música, vida e música se confundem.

A literatura também seria imprescindível?
Claro. Acho que aprendi mais coisas quantificáveis com os livros do que com a música. Com a música, eu não posso apontar e dizer: isso aqui eu aprendi com as letras, a menos que seja algo muito específico, como aprender a tocar gaita. É um conhecimento mais abstrato do que o conhecimento tirado da literatura, não sei.

Quem foi o colaborador mais exigente até agora que você teve?
Bom, sei de quando cantei uma canção para a trilha sonora do filme de Matthew Barney, Drawing Restraint. A Björk me pediu para cantar a parte de uma canção melódica que ela tinha feito para o álbum. Aquilo sim foi um desafio na hora de juntar as partes. Foi bem difícil entender o que ela queria, mas foi gratificante.

Quanto tempo você leva para escrever uma canção. Leonard Cohen diz que pode levar até um ano.
Pode demorar metade de um dia ou uns dois anos. Depende da canção, do caminho que ela pode tomar.

Falemos de "The Mountain Low" (música do álbum Viva Last Blues que, em uma tradução livre, diz: "Se eu pudesse trepar com uma montanha/ Deus, eu treparia com uma montanha/ E eu treparia com uma mulher no vale").
Bom (risos), começa primeiro com a inspiração e daí vou trabalhando até a coisa tomar forma. Você sabe sobre o que fala a canção, foi algo que aconteceu em partes comigo no passado, sobre uma mulher, enfim (risos). Talvez eu tenha levado uns cinco meses, entre escrevê-la e reescrevê-la.

Você fez uma canção para o novo filme do Wim Wenders, Palermo Shooting, assim como Portishead e Iron & Wine.
Sim, aliás, foi uma música que eu e o Matt Sweeney tínhamos escrito, mas, por outras razões, deixamos de lado. Aconteceram umas coisas chatas nessa parceria. Wim Wenders é um diretor muito importante para mim, mas eles queriam a canção por razões comerciais, e eu disse não, primeiramente. Com todo o respeito, não queria fazer parte da trilha sonora com uma canção que não era nova. Daí ele me perguntou o que poderíamos fazer, se toparia criar uma canção especialmente para o filme, e eu disse sim. Escrevemos uma nova, "Torn and Brayed", e mandamos para ele.

Você atuou recentemente no filme The Guatemalan Handshake, de Todd Rohal, interpretando uma música de Moldy Peaches, "Jorge Regula". Que importância tem a atuação para você?
Eu adoro atuar; é algo realmente muito importante para mim. Mas percebi há um tempo que é impossível trabalhar do jeito que os diretores e essa indústria querem, de atuar como um trabalho, como um negócio. Daí parei de tentar atuar. É tão diferente da maneira como eu faço a minha música. É uma situação estranha quando o filme está amarrado ao dinheiro. Normalmente tem muitas pessoas no set, todo mundo tomando decisões, não dá para entender. Não creio que eu vá fazer mais filmes, porque a maioria deles é feita de um jeito que não gosto. Adoro quando há uma razão emocional por trás do trabalho dos atores, do diretor, do iluminador, enfim: quando todos estão envolvidos emocionalmente. Para mim, forma e conteúdo são igualmente importantes. Eu choro só de ver uma boa atuação, independente do teor da fala. Esse comprometimento de todos, para mim, é algo essencial na hora de aceitar fazer um filme.

Que show você gostou de ter visto recentemente?
Ontem à noite, fui ver os Grails, uma banda de Oregon, que foi bem bacana. Antes disso, fui ver uma cantora de country que adoro, Patty Loveless, que sempre foi uma de minhas favoritas. Um amigo meu tocou guitarra nesse show pra ela e então fui cumprimentá-los no camarim porque o show foi demais, coisa que raramente faço. Eu estava usando um bottom do Obama na blusa e daí ela veio em minha direção e sussurrou no meu ouvido: "Adoro você, adoro sua música, mas..." Na hora gelei, mas voltei contentíssimo para casa mesmo assim.

Antes Obama que McCain?
Claro.

» Saiba Mais
myspace.com/princebonniebilly

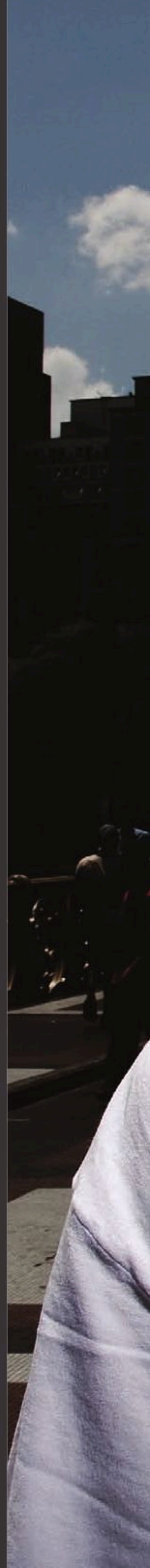
Veja em www.maisoma.com uma entrevista com Rob Mazurek sobre a gravação do álbum novo de Will Oldham, video exclusivo e mais fotos.

ENDURECER SEM PERDER A TERNURA

Por Arthur Dantas . Colaborou Luciano Valério . Fotos Fernando Martins

Em um ano de poucos grandes lançamentos no rap brasileiro, no segundo semestre houve dois grandes álbuns lançados: Non Ducor Duco, do rapper Kamau, com quem conversamos na edição #7, e o esperado álbum solo de **Sombra**, Sem Sombra de Dúvidas, *que chegou às lojas em novembro e surpreende pela variedade de possíveis hits dentre as onze faixas.*

Sombra *ou Jorge Antonio Andrade de Jesus Santos, 32 anos, se notabilizou ainda no fim da década de 90 com o grupo SNJ (Somos Nós a Justiça), um dos nomes fortes em um dos momentos mais fortes do rap nacional – tempo de Racionais MCs e* Sobrevivendo no Inferno, *de Sabotage e* Rap é Compromisso *e RZO e seu clássico* Todos São Manos, *de hits de Xis, Thaíde e De Menos Crime. O rap conquistara a periferia e entrara nos meios de comunicação pela porta da frente.* **Sombra** *resume a história do SNJ naquele momento. "Tudo começou em Guarulhos, man. Pela rádio Costa Norte FM, um som do SNJ do primeiro single, chamado 'Mundo da Lua', tocou bastante. Essa música fez com que o grupo ficasse reconhecido nacionalmente, e assim gravamos um álbum com outras músicas que fizeram sucesso, como 'Se tu Lutas tu Conquistas' e 'Viajando na Balada', que teve clipe também."* ⏩



A divulgação inicial pela rádio fez com que o show chegasse a todo o Brasil, e o grupo passou a participar de eventos beneficentes, em bairros carentes. O rapper cresceu em bairros da periferia de Guarulhos, cidade da Grande São Paulo e seu ativismo na comunidade local sempre foi a tônica de seu trabalho como artista. "Sou do Jardim Bonança, próximo ao Jardim Lenize. O meu trabalho social por lá é o de resgatar a auto-estima dos manos por meio da música politizada e participar de eventos voltados pra nossa comunidade quando possível. O rap é a minha ideologia e sempre tive influências de pessoas próximas a mim também." O MC chegou inclusive a se candidatar a vereador em sua cidade. Sobre esta experiência Sombra diz que "senti a necessidade de fazer algo pelas pessoas e sei que a política também é um caminho para podermos de fato desempenhar o papel de agente comunitário.

Pergunto se o partido ao qual se filiou, notadamente conservador, tem interesse pela periferia. "Bom, todos têm a periferia como prioridade nas campanhas, nas palestras etc. Todos os partidos têm como slogan ajudar as comunidades carentes."

PARA SOMBRA, "O HIP-HOP É MUDANÇA DE COMPORTAMENTO, ESTILO DE VIDA BASEADO NAS BATIDAS RAP".

Quem te fez querer cantar rap? Quem eram os MCs de que você gostava dez anos atrás?
Os caras que me inspiraram a cantar rap são os mesmo que me inspiram hoje em dia. Esses caras continuam fazendo o rap e o hip-hop acontecer, como o Edi Rock e KL Jay, sem falar do SNJ – os caras foram muito importante na minha vida. Tem ainda Racionais, DMN, Potencial 3, RPW, Doctor MCs, sem falar na inspiração que tive do RZO e Sabotage. Até mesmo o NDee Naldinho me inspirou.

Teve alguém, um MC, um amigo ou algum fato que tenha feito você pegar um microfone e se tornar um MC?
Teve, sim. Bob Marley, Luiz Gonzaga, Racionais, Louis Armstrong, Wu-Tang Clan, Roberto Carlos, entre outros. Sem falar do meu pai, que sempre pediu pra eu ser um cara de responsa.

Quando você saiu do SNJ?
Eu saí do SNJ em 2004, e a saída foi numa boa. Não valeria nada oito anos de caminhada juntos se não fosse assim.

De 2004 a 2008 o que você fez?
Enquanto eu fazia o meu trabalho solo, o *Sem Sombra de Dúvida*, participei de vários "corres" paralelos. Shows pelo Brasil com o Sandrão, do RZO, e Tio Fresh, do SP Funk. Um outro projeto paralelo com o KL Jay e o Edi Rock, dos Racionais MCs, e alguns shows solo pelo Brasil.

Esse projeto paralelo com o KL Jay é a versão Zona Norte do Bang Johnson?
O barato é diferente do Bang Johnson (supergrupo comandado por Mano Brown e Ice Blue dos Racionais MCs), o nome do show é "Edi Rock e Convidados", e eu sempre sou um deles. Às vezes só vai eu, o DJ KL Jay e o Edi Rock. Os outros convidados são o Thig, do Relatos da Invasão, o Pixote, do U-Time, e os caras d'A Família (grupo do interior de São Paulo).

Você viveu com o SNJ uma das melhores fases do rap no Brasil. Fale um pouco sobre aquele período.
No tempo em que estive no SNJ, o rap era bem mais divulgado na mídia. Porém o momento é você quem faz. Continuo fazendo shows do meu projeto solo e dos projetos paralelos nesse meio-tempo, pois trabalho mediante o momento e o que está acontecendo – a tendência somos nós que fazemos.

Você levou um tempo para terminar o disco depois que lançou a música "Razante Louco". Porque demorou tanto para finalizar o disco?
Quando o trabalho executivo de um disco é feito de maneira independente, é mais difícil de ser realizado. Juntando forças com outros produtores e algumas pessoas do nosso meio, conseguimos finalizar o disco esse ano e colocá-lo nas ruas. Foi trabalhoso, mas conseguimos.

Há poucos MCs com uma levada tão diversificada como a sua. Você sempre cantou assim ou foi mudando com o tempo?
Quando comecei a fazer rap, senti necessidade de ser diferenciado dos outros MCs, senão seria apenas mais um entre eles. A mudança, dar uma diferenciada na levada, veio com o tempo e com certeza não terá limites. Vou tentar sempre fazer o máximo para poder me diferenciar em cada música. Ouço muita coisa de MPB e os sons mais alternativos possíveis. Tudo o que ouço tem a ver com o rap, porque acaba me influenciando de alguma forma... música erudita, regional, até mesmo o som dos pássaros (risos). Chico César, Luiz Gonzaga, Zé Ramalho etc.

Quem participa do novo álbum? Como foi a produção da faixa "Razante Louco", que tem clipe e a maior cara de hit?
Quem produziu foi o DJ QAP (produtor dos melhores grupos da Zona Norte de São Paulo). O sampler e as batidas são de uma cantora japonesa que nem dá pra saber o nome, porque está tudo escrito em japonês na capa do disco dela (risos). A produção ficou muito louca, e o som teve participação de Alex Tio Nenê, que infelizmente faleceu. O disco conta com a participação de Sandrão RZO, Tio Fresh, do SP Funk, Luana, do grupo Atal, os fraceses do UL' Team Atom, Gilmar de Andrade, que é meu irmão, o MC Leco, do Projeto Manada, os caras do grupo Imortais e o mano Rael, do grupo Pentágono. As produções foram do DJ QAP, Gilmar de Andrade, DJ KL Jay, Bomba do SP Funk, Richard, DJ Sonar da França e o mano Sóbrio, do grupo Imortais.

Como surge a temática de suas letras? Faixas como "Sombra e o Encantador de Ratos e "Computador" são muito interessantes na temática, fogem ao que se espera do rap.
Baseado na situação que o tema pede, eu estudo e vou escrevendo. Depois resumo tudo e saio cantando. Para cada tema procuro saber do que estou falando pra ser coerente o máximo possível em relação ao assunto.

A última música do disco, "Litera Rua", brinca com o fato do rap desenvolver um vocabulário próprio, usando elementos da fala das ruas e jogando para um público maior através da música. Fale um pouco sobre isso.
Temos que desenvolver o canto, porém sempre devemos ler as coisas comuns do dia-a-dia mesmo, ter atenção às palavras, porque isso faz com que acrescentemos algo a mais nas letras, nas levadas, prestar atenção nas situações do cotidiano. Eu acredito que isso ajuda a valorizar a música e a entreter as pessoas.

SEM ENTRETER AS PESSOAS, PODEMOS CAIR NA MESMICE, ENTENDE?

SEM SOMBRA DE DÚVIDAS

O álbum Sem Sombra de Dúvidas mantém o que diferenciou o MC desde sempre: a levada e o timbre vocal muito particulares, a variedade de temas com espaço para tramas fantasiosas, divertidas e sem perder os pés totalmente da realidade. Não há espaço para marasmo no álbum, e dentro de um mesmo som, Sombra muda a métrica dos versos, o estilo de cantar, estiliza expressões e gírias que encontra nas ruas, operando o que de melhor um Mano Brown ou Sabotage fizeram: transformar o que alguns chamam de gíria em dialeto próprio, inconfundível. E sem deixar de lado o espaço para comentários críticos sobre o mundo, o que casa com a visão que Sombra tem sobre o rap, mesmo numa época em que o rap fetichista e materialista tenha roubado a cena nos Estados Unidos. "O rap é político em todo lugar onde surja - ele sempre vai ter o seu lado político e crítico. Mas não podemos esquecer que rap é entretenimento também. Procuro me inspirar em coisas boas pra poder fazer um rap bem-humorado e crítico ao mesmo tempo." A produção do álbum é esmerada, e Sombra nunca cantou tão bem quanto agora. Resta saber se, nesta fase de vacas magras para o rap brasileiro, a mídia vai dar o destaque devido ao trabalho.

Saiba Mais
myspace.com/semsombradeduvida

MOMO

EXISTENCIALISMO E ESPERANÇA

Por Arthur Dantas . Retratos Pedro Arruda (divulgação)

O músico por trás do pseudônimo Momo, Marcelo Frota, 29, é tido como um dos nomes mais importantes de algo que seria uma cena folk brasileira. Fato é que seus dois álbuns (parte de uma trilogia), A Estética do Rabisco (2006, Dubas Música) e o recente Buscador (Dubas Música/Trama Virtual), contam histórias simples e bem-acabadas de amores e de elementos prosaicos. Ali cabem versos sobre flores, tempestades, nuvens, espinho e pedra. E a melancolia do primeiro registro ganhou a companhia quase ensolarada do novo álbum – das dez faixas, cinco citam o sol. "Não diria alegria, mas sim esperança. É um disco mais esperançoso que o primeiro. Daí as metáforas de sol que aparecem nas letras. Estou aprendendo a amar a vida", explica Marcelo, que integra também o grupo Fino Coletivo.

TRISTEZA SE VÁ/ NÃO QUERO MAIS SOFRER/ ENTENDA QUE EM MIM/ NÃO MORA MAIS/ TRISTEZA DE BAR NÃO VOU TE ABRAÇAR/ ME ESPERA UM AMOR/ NÃO MORRA/ O SOL NASCERÁ.

Digo ao músico, que aprendeu os primeiros acordes tocando temas da bossa nova, que achava um tanto disparatado enquadrá-lo em um rótulo folk, já que ele visivelmente dialoga com certa tradição de música brasileira, onde entraria Fagner, Belchior e Clube da Esquina - a música "Espinho Desaguou" entraria pela porta da frente no primeiro álbum de Lô Borges, por exemplo. "Mesmo? (Risos.) É que MPB é Maria Rita, Rita Ribeiro, coisa de cantora, Djavan... Escutei muita MPB, mas também escuto muita música americana, Willie Nelson, James Taylor... Tenho um pé nessa música mais pura mesmo, orgânica, sem eletrônicos e modernidades."

A melancolia em tons pastel de seu primeiro álbum conquistou a crítica nacional e a internacional, com críticas muito positivas de publicações como *Down Beat*, *Chicago Reader* e *Muziq*. Referências a Nick Drake e Devendra Banhart surgiram, e um crítico gringo chegou a colocar *A Estética do Rabisco* ao lado de *Cê*, de Caetano Veloso, como o melhor disco brasileiro daquele ano. Nem tanto lá, nem tanto cá, convenhamos. Se colocou gregos e troianos diante de seus pés no primeiro trabalho, tudo leva a crer que *Buscador* dará um passo adiante; o disco o coloca em um meio termo entre Marcelo Camelo e as predileções setentistas do Cidadão Instigado. A faixa de abertura de *Buscador*, "Seu amor", é um soft rock que não envergonharia Robert Wyatt e faria bonito no repertório do compositor do Cidadão Instigado, Fernando Catatau. "Gosto muito do Cidadão e vejo sim um elo entre o nosso som. Com certeza temos em comum uma admiração pelos compositores 'malditos' da MPB, a turma que não é da Bahia. Atualmente estou mais pra Jovem Guarda do que pra MPB cabeçuda, com letras sofisticadas e carregadas de enfeites (risos)."

PRECISO SER PEDRA/ SOU AREIA/ AREIA SEMPRE MORRE/ NA PRAIA/ PRECISO SER MAIS LEVE/ ASSIM COMO PENA/ QUE SE DESCOLA DO BICHO/ E VOA/ MAS COLARAM MEUS PÉS NO CHÃO/ AS MÃOS ESTÃO ATADAS PELO CANSAÇO/ APRISIONARAM MEU PENSAMENTO/ CALARAM MEU VÔMITO/ DOMESTICARAM MINHA FELICIDADE.

Em *Buscador*, Marcelo é acompanhado dos músicos Adriano Barros (guitarra), Bruno Braggion (bateria), Caetano Malta (baixo) e Fabio Pizzo (casiotone), e há ainda a oportuna participação do trombonista Max Sette (Orquestra Imperial) e Regis Damasceno (Cidadão Instigado e Mr. Spaceman). O quanto todas essas pessoas influenciaram na construção do Momo? "Diria que são músicos com muita personalidade e acrescentam demais. A concepção do som foi uma viagem minha que nasceu no disco anterior. *Buscador* é uma continuidade mais elaborada."

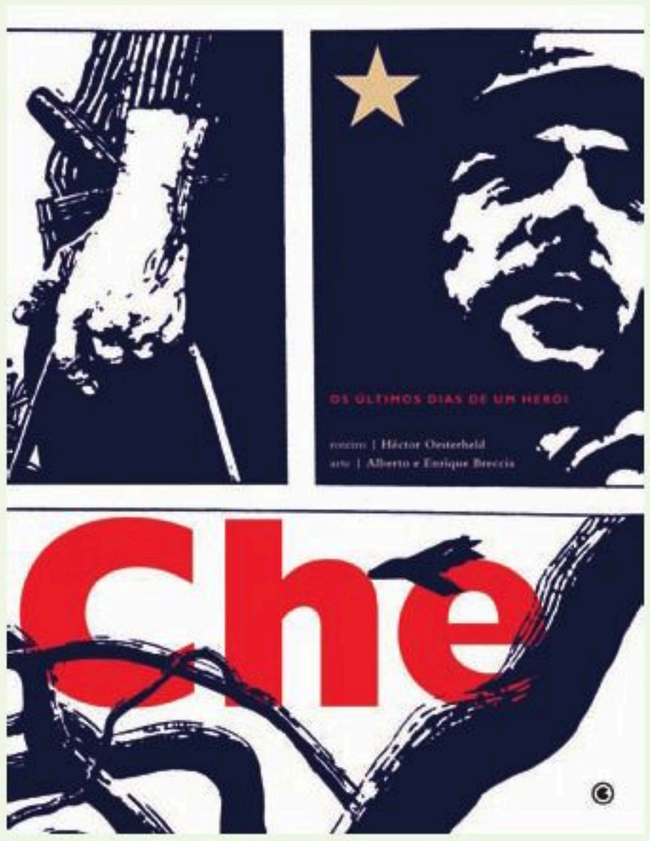
Quando começou a tocar violão, aos 13 anos, as influências vieram, além da bossa nova, de Chico Buarque, Caetano Veloso, Jorge Ben e da turma do Clube da Esquina. Recentemente, Frota conheceu o trabalho de Devendra Banhart e Anthony and the Johnsons. Mas toda essa bagagem não está comprimida em seu trabalho - o artista se destaca por alcançar um grau de depuração necessário, que não o torna uma colcha de retalhos. Pergunto sobre o peso da bossa nova em sua música. "Não vejo uma identificação do nosso som com a bossa. Estou mais para as batidas 'chacundum' da Jovem Guarda. Mas gosto muito da parceria Vinícius e Tom, é muito visceral." E sobre música folk, quais são seus artistas prediletos? "Gosto de Nick Drake, Leonard Cohen. Dos novos, gosto de Fleet Foxes." Essa miríade de influências encontra um momento inaugural quando ele se mudou para Angola. "(Foi) uma experiência muito positiva para uma criança. Convivia com estrangeiros, pude pela primeira vez entrar em contato com as diferenças do mundo e com aquela cultura fantástica - ficou tudo guardado na memória, como os discos de Waldemar Bastos." Aliás, seja pela temática ou pela sonoridade, há uma ligação entre os dois artistas a ser observada.

Os dois álbuns do Momo fazem parte de uma trilogia a ser completada. O elo entre eles seria a organicidade em torno de uma mesma temática, que reuniria "conflitos, tristezas, a esperança - o amor em um sentido mais amplo". *Buscador* seria o momento dessa série da busca espiritual, existencialista. Um momento onde surge a esperança, vista através da imagem solar, é o mantra "Tristeza", cujo título já indica o movimento pendular do *anima* do artista. Afinal, Momo é uma estilização de certa faceta do músico Marcelo Frota? "Sim, o Momo é minha verdade, a forma mais direta que encontrei para falar de coisas tão íntimas e pessoais. É minha essência. Verdade = incosciente, entendeu?"

» Saiba Mais
www.listentomomo.com

Marcelo bate papo com Beto Guedes

+REVIEWS

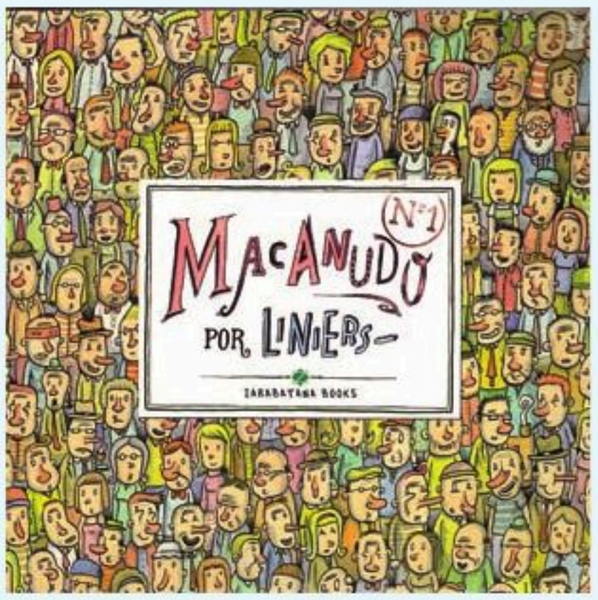


⏩ Che . Hector Oesterheld, Alberto Breccia e Enrique Breccia

Conrad Editora . 2008

Esqueça *Diários de Motocicleta*, o Che na pele de Benicio del Toro ou as dezenas de biografias sobre o guerrilheiro portenho-cubano que encontramos por aí. Esse album é, desde o dia que saiu, uma das obras em quadrinhos mais importantes realizadas na América Latina. Se o Ernesto não era esse santo que todo mundo acha, isso é outra história. O que importa aqui é o talento imenso de Oesterheld em contar histórias (imagina essa então, onde o personagem é ídolo do escritor também?) e Alberto Breccia, já tendo passado por todos os caminhos possíveis na arte de desenhar HQs, estava no auge de sua maturidade artística. Lançada originalmente em 1968 na Argentina, apenas três meses depois da morte do guerrilheiro nas selvas da Bolívia, teve papel essencial na popularização de Che como herói latino-americano. O sucesso do álbum foi estrondoso e deu início a uma terrível perseguição política aos autores.

Em 1973, o livro foi proibido e a perseguição culminou, em 1977, com a prisão, tortura e assassinato, pela Ditadura Argentina, de Oesterheld e suas quatro filhas - uma história que chocou a Argentina e o mundo. Frank Miller, o quadrinista americano responsável por *Sin City*, *300 de Esparta* e *Batman - O Cavaleiro das Trevas* costuma dizer que "a história em quadrinhos se divide entre antes e depois de Alberto Breccia". Em 79, um jornalista italiano falou com um oficial do exército argentino, que confessou: "Demos um sumiço nele (Oesterheld), por ter feito a mais bela história de Che Guevara já escrita". Se você é daqueles que se interessa pela história de seu continente e por boa arte, não marque bobeira e corra atrás dessa edição luxuosa, o melhor lançamento de HQ do ano no país. ◂ *Por Arthur Dantas*

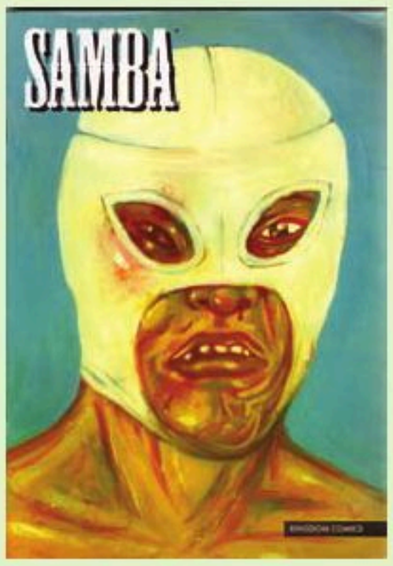


⏩ Macanudo 1 . Liniers

Zarabatana Books . 2008

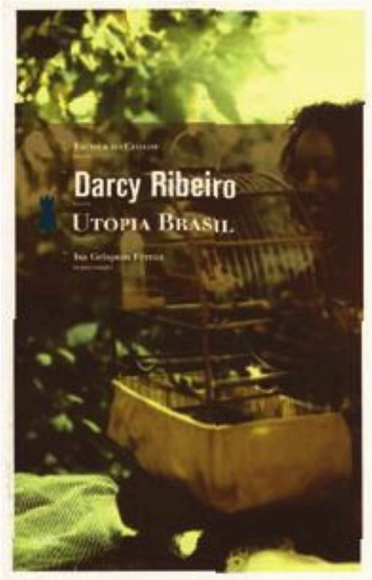
Se você acredita que mulheres só lêem as tirinhas do Laerte, as histórias do Calvin e do Charlie Brown, Maitena, Turma da Mônica, mangá fofinho ou Sandman, eis o momento para se fazer de descolado e presentear alguma amiga/namorada/parente etc, com o primeiro volume com as tiras do artista argentino Liniers. Os personagens da série *Macanudo* são frequentemente fofos, porém nunca dóceis, os conflitos encontram resoluções, que são quase sempre tragicômicas, há citações fofas (a abertura do album tem uma frase do criador do Calvin, Bill Waterson) como uma releitura do famoso quadro "do bar" do Hopper ou de capas dos Beatles. Poderia ser a maior "sacadinha" típica do mundo publicitário, mas tem seu encanto já que seu autor, apesar de toda essa "fofura" aparente, tem aquele veneninho-remédio, tal qual o autor de Calvin, um de seus maiores ídolos. O autor tem tudo para virar objeto de culto no país (na Argentina ele é um fenômeno) e a edição nacional é simples e bela - tal qual as tiras que você encontra ao abrir o livro. Mais um desses produtos pop com cara de ordinário mas que nos mostra o sublime, o extraordinário - e com humor, o que é melhor. ◂ *Por Archie Kent Fink*

+REVIEWS



Revista Samba .
Vários Autores
Independente . 2008

Vivemos um tempo que a palavra de ordem da juventude é "despretensão" - tudo que guarde um pouquinho a mais de ambição está fadado ao ostracismo, a lata de lixo da história. A revista de quadrinhos Samba, de Brasília, vai na contramão e guarda um ou dois tesouros aos incautos. Nessa primeira edição, colorida e com 64 páginas, podemos qualificá-la como uma revista de experimentos, ainda que desconfie que não seja a intenção primeira dos editores. São 12 artistas que se revezam no espaço da revista, e há de se mencionar nominalmente Gabriel Góes, Gabriel Mesquita e Eduardo Belga. De resto, há ainda a opção de criar uma disposição interna que faz com que haja várias revistas encartadas em seu interior, o que mostra uma perspectiva editorial inteligente e diferenciada. O projeto vem em um momento em que os quadrinhos nacionais vão ganhando força para dar um salto criativo necessário, já que o mercado adulto de HQs cresce vigorosamente a produção nacional no segmento vinha mostrando parcas novidades. 2009 promete e a Samba já é um nome para não se perder de vista. ◂ *Por Archie Kent Fink*

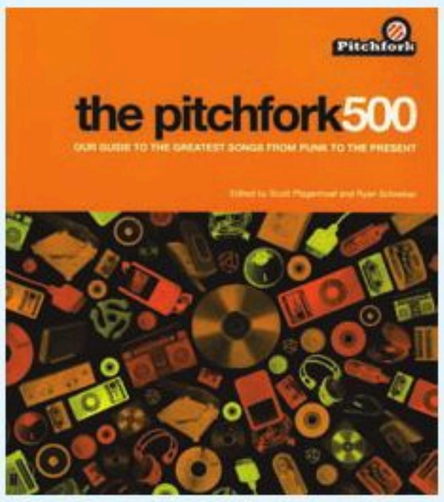


Utopia Brasil .
Darcy Ribeiro
Editora Hedra . 2008

De Darcy Ribeiro, pode-se dizer quase tudo, menos que foi um intelectual público desestimulante. Neste livrinho, pequeno em suas dimensões mas enorme em seu conteúdo, há cinco textos inéditos onde a marca do estilo e do pensamento de Darcy Ribeiro se faz presente: a síntese arguta e apaixonada, buscando nas raízes da formação do país conteúdo para desvendar o presente. De todos os textos presentes, o mais estimulante é a transcrição da entrevista que reuniu Glauber Rocha, Mário Pedrosa e Ferreira Gullar em 1977, após o exílio imposto pela ditadura. Neste texto, há de forma sintética muito do que fez esses quatro indivíduos se notabilizarem no Brasil e da contribuição original que prestaram no intuito de "desvendar e revelar" o Brasil profundo. É especialmente emocionante a forma como Darcy descreve a diferença entre gente ou povo, ou seja, pobres e ricos. Uma ótima forma de entrar o ano fervilhando de idéias. A coleção de bolso da Editora Hedra apresenta livros de autores nacionais e estrangeiros consagrados, com produção gráfica simples, mas esmerada, e as melhores traduções do segmento, sempre com elucidativas apresentações. Este volume é exemplar de todas estas virtudes. ◂ *Por Archie Kent Fink*

Discarga . Música Pra Guerra
Läjä Räkords . 2008

Se você sente falta de virulência e contundência para além de fotos p&b com adolescentes fazendo caretas raivosas e saltos espetaculares, eis a solução para seus problemas: o novo álbum do trio hardcore/ punk Discarga, de São Paulo. Não que seja necessariamente uma surpresa: o baterista Nino, e o baixista, Juninho, são nomes reconhecidos dentro do gênero e sabem dar a força necessária para cada riff de guitarra engenhoso de Daniel, que também é o vocalista e letrista do trio. A produção do disco é fantástica, com efeitos pontuais, espaço para uma batida drum'n'bass em um momento, para um dub punk afrobeat ("Sob Influência") em outro, onde enumeram verbalmente grandes nomes da música negra, criando uma ponte onde existe um abismo. As canções não acrescentam muito ao vocabulário crítico do gênero, mas também não fazem feio nem passam por inocência útil - afinal, se não estou enganado, Daniel era um vendedor de discos da Galeria do Rock em São Paulo, conhecedor da ala mais politizada do punk inglês e soube usar bem da liberdade e radicalidade de um Crass e Chumbawamba. Tudo, é claro, reconfigurado ao que acabou se tornando o hardcore terceiro mundo, rápido e a cada dia mais sujo e agressivo. Recomendado! ◂ *Por Arthur Dantas*



The Pitchfork 500 - Our Guide To The Greatest Songs From Punk To The Present
Editado por Scott Plagenhoef e Ryan Schreiber

Fireside . 2008

Você pode não gostar de admitir, mas a história da escrita musical na internet - e, logo, no mundo - é dividida em antes e depois da Pitchfork. (Aliás, nada mais Pitchfork do que não concordar com tudo que a Pitchfork fala.) Desde que o site surgiu, em 1995, ninguém concentrou, traduziu e ditou de forma mais abrangente o gosto da geração mp3. Hoje, o webzine criado por Ryan Schreiber fatura mais de US$ 5 mi por ano e bate em 1,6 milhão de acessos mensais, sem perder o jeitão daquele amigo com quem você gosta de falar sobre som. Este ano, a Pitchfork finalmente estreou no obsoleto mundo do papel. Em 210 páginas, *The Pitchfork 500* lista as músicas mais importantes - eleitas pelo staff de colaboradores do site - de 1977 até 2007. Controverso por definição, o livro é o primeiro guia a refletir uma tendência na forma de se ouvir música: em vez de discos, os fãs cada vez mais vão atrás das músicas. Partindo de cinco mestres do art-rock - David Bowie, Lou Reed, Iggy Pop, Kraftwerk e Brian Eno -, os verbetes levam o leitor a uma viagem comentada por 30 anos de música, dividida em ordem cronológica. Entre os capítulos, caixas hilárias falam sobre hypes efêmeros, músicas que afundaram carreiras e outras curiosidades. Mais do que um guia, The Pitchfork 500 é uma carta de intenções, onde fica evidente o caminho de maturação entre um site de rock independente e uma das principais referências da música pop no mundo. ◂ *Por Mateus Potumati*

▸▸ Keziah Jones . Nigerian Wood

Because Music . 2008

Quinto álbum da carreira de Keziah Jones, *Nigerian Wood* é o melhor lançamento de soul em 2008 - o que não é pouco, para um ano que teve ótimos discos de Jamie Lidell, Diplomats of Solid Sound e Raphael Saadiq. Em 12 canções marcadas por um soul virtuoso e original, encharcado de melodias pop, o cantor e guitarrista fala sobre amor e política, com muitas referências a suas origens africanas. Aqui, o nigeriano alcançou o nível pop de grandes lançamentos de 2006, ano de ouro do soul em tempos modernos. Como Corinne Bailey Rae, Mary J. Blige e, claro, Amy Winehouse, Jones consegue aqui unir audiências distintas - de fãs de novela global a críticos musicais, de empregados a patrões em festas de fim de ano, de ouvintes de FM a fãs de música alternativa pela internet. É difícil não ser conquistado pelas viradas melódicas e os bem encaixados "falsetes com colhão" de Keziah. Destaque para a faixa-título, de influência afro, para o hit "My Kinda Girl" e para a politizada "1973 (Jokers Reparations)", que ecoa Gil Scott-Heron. A edição especial do álbum é dupla, trazendo um CD com dez músicas extras, todas em alguma língua nigeriana. ◂ *Por Rafael Spoladore*

MELHOR DE 2008

Chegou a hora de mais uma listinha com os melhores do ano. O funcionamento é simples: convidamos os colaboradores do ano de 2008 para compartilhar com nossos leitores o que de melhor, na opinião de cada um deles, rolou durante o ano que se encerra.

Ame ou odeie, não seremos nós a contrariar o charme dessas listas de fim de ano. Confira o nosso "Troféu Imprensa" de 2008.

Melhores . André Maleronka

Blog . strata-east.blogspot.com
Show . Mr. Catra na 4x4
Show . Kanye West no Tim
Disco . Kiko Dinucci e Bando Afro Macarrônico . Pastiche Nagô
Disco . KL Jay . Fita Mixada Rotação 33

Melhores shows . Arthur Dantas

Art Ensemble of Chicago
Kanye West
Peter Brötzmann
Bonnie Prince Billy
Animal Collective

Melhores artistas . Bruno do Constantina

Matte Stephen
Pedro Hamdan
Lise
Barulhista
Leandro Araujo

Melhores . Daigo Oliva

Renegades of Punk . **Demo**
Tristess . **Hög & Låg Blues**
Show . Dan Deacon no Tim Festival
Sweet Suburbia . **Paranoia Day By Day**
Masshysteri . **Paranoid**

Melhores shows . Helena Sasseron

Pinback no Bowery Ballroom, NYC
Built to Spill tocando "Perfect from Now On" em Washington DC
Thurston Moore tocando "Psychic Heart" empatado com **Polvo** no ATP New York
Spoon no Planeta Terra
Les Savy Fav no ATP New York

Melhores . Janaina Felix

Festival - SXSW 2008
Show - Death Cab for Cutie em Boston
Banda - Black Mountain
Disco - Narrow Stairs . Death Cab for Cutie
Música - "The Silence Between Us" . Bob Mould

Melhores . Luciano Valerio

Disco . M.Takara "Ocupado como gado com nada pra fazer" . LP
Korinhu e Mijinhu Tatá
Kiko Dinucci e Bando Afromacarrônico
"Quartas-Feiras no Ó do Borogodó"
Restaurante Piolin
Casases e Tutankhamon

Melhores . Mateus Potumati

Disco . Sombra . Sem Sombra de Dúvida
Show . Van Morrison . SXSW 2008
Personalidade . Menina Maísa
Mico . Sarah Palin
Único Hexacampeão Brasileiro . São Paulo Futebol Clube

Melhores discos . Rafael Dabul

Dear Science . TV on the Radio
Lie Down in the Light . Bonnie Prince Billy
Modern Guilt . Beck
Attack & Release . Black Keys
Vampire Weekend .

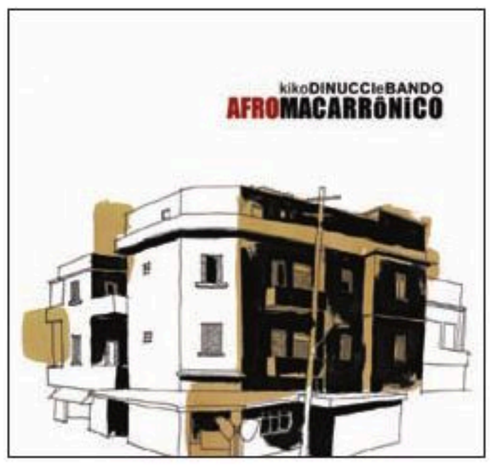
Melhores . Renato Larini

Lack Of Afro . **Press On**
Nostalgia 77 . **Quiet Dawn**
Show . Cinematic Orchestra No Shepherds Bush Empire
Show . Daniel Jeanrenaud No Marathon Bar
Show . Ethiopiques With Mahmoud Ahmed, Mulatu Astatqé, Alèmayèhu Eshèté, Gétachèw Mèkurya + The Either/Orchestra No Barbican Hall

Melhores exposições . Renato Silva

Hiroshi Sugimoto . Neue Nationalgalerie . Berlin
José Damasceno . Museu Reina Sofia . Madrid
Franz Krajcberg . Oca . São Paulo
Leopoldo Ponce . Galeria Virgílio . São Paulo
Bienal 2008 . Ibirapuera . São Paulo

Foto Chris Von Helm



Melhores . **Rodolfo Herrera**

Show . Make Believe . B.D.Riley's . SXSW 2008
Show . Hot Water Music . Red 7 . SXSW 2008
Horas a fio de **Call Of Duty 4** com os amigos
Show . Spoon no Planeta Terra
Show . School of Language no Hemlock Tavern em São Francisco

Melhores discos . **Tiago Moraes**

Kamau . Non Ducor Duco
Kiko Dinucci e Bando Afro Macarrônico . Pastiche Nagô
Nomo . Ghost Rock
Q-Tip . The Reinascence
Mettalica . Death Magnetic

Melhores discos . **Rodrigo Brasil**

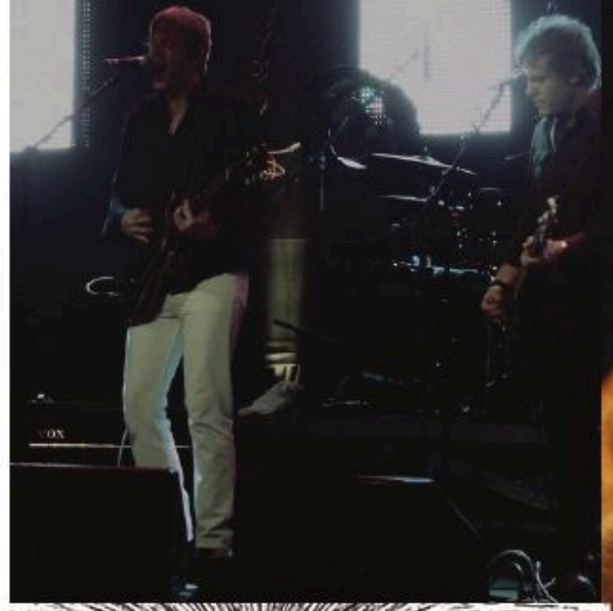
Crystal Stilts . Alight of Night
Calexico . Carried to Dust
Deerhunter . Microcastle / Weird Era Cont.
Dead Meadow . Old Growth
Beach House . Devotion

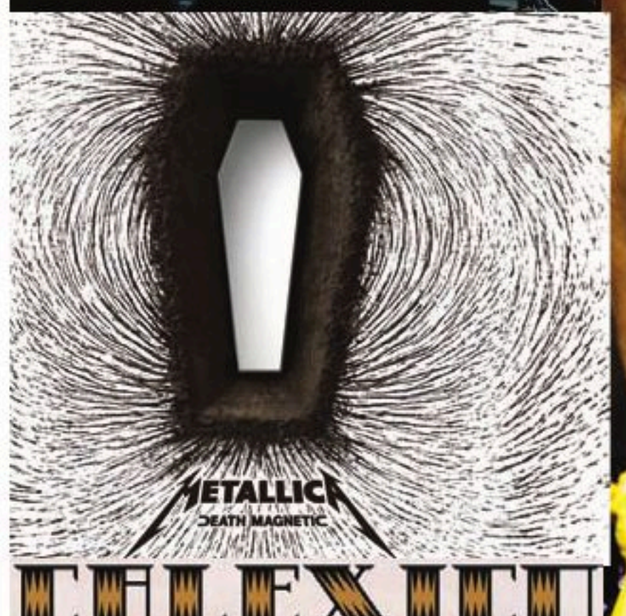
Melhores discos . **Zico Farina**

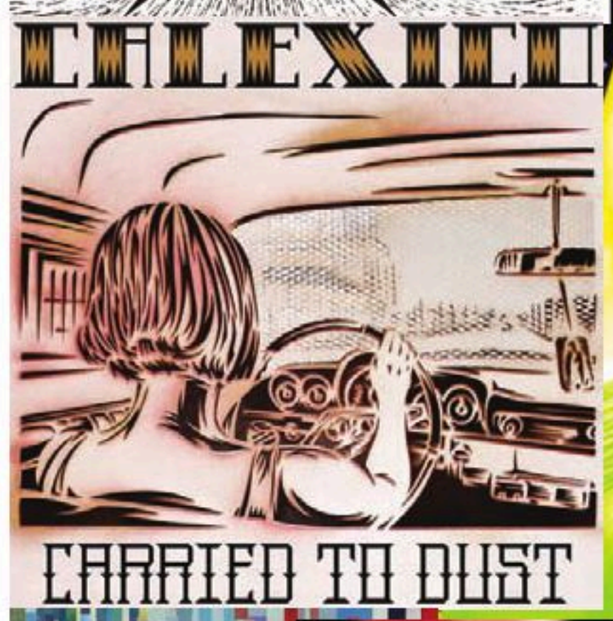
Dear Science . TV On The Radio
Songs In A&E . Spiritualized
The Seldom Seen Kid . Elbow
Stay Positive . The Hold Steady
Seventh Tree . Goldfrapp

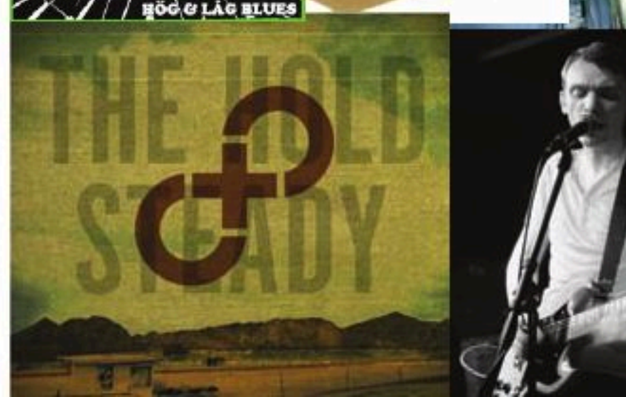
Melhores . **Tiago Mesquita**

Livro sobre Rodrigo Andrade
Conversa entre Richard Serra e Lynne Cooke na UFRGS
Prédio da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre
Filme Serras da Desordem, de Andrea Tonnacci
Laurie Anderson, **Art Ensemble of Chicago**, **Bonnie Prince Billy**, **Hans Koch**, **Peter Brötzmann** em São Paulo.





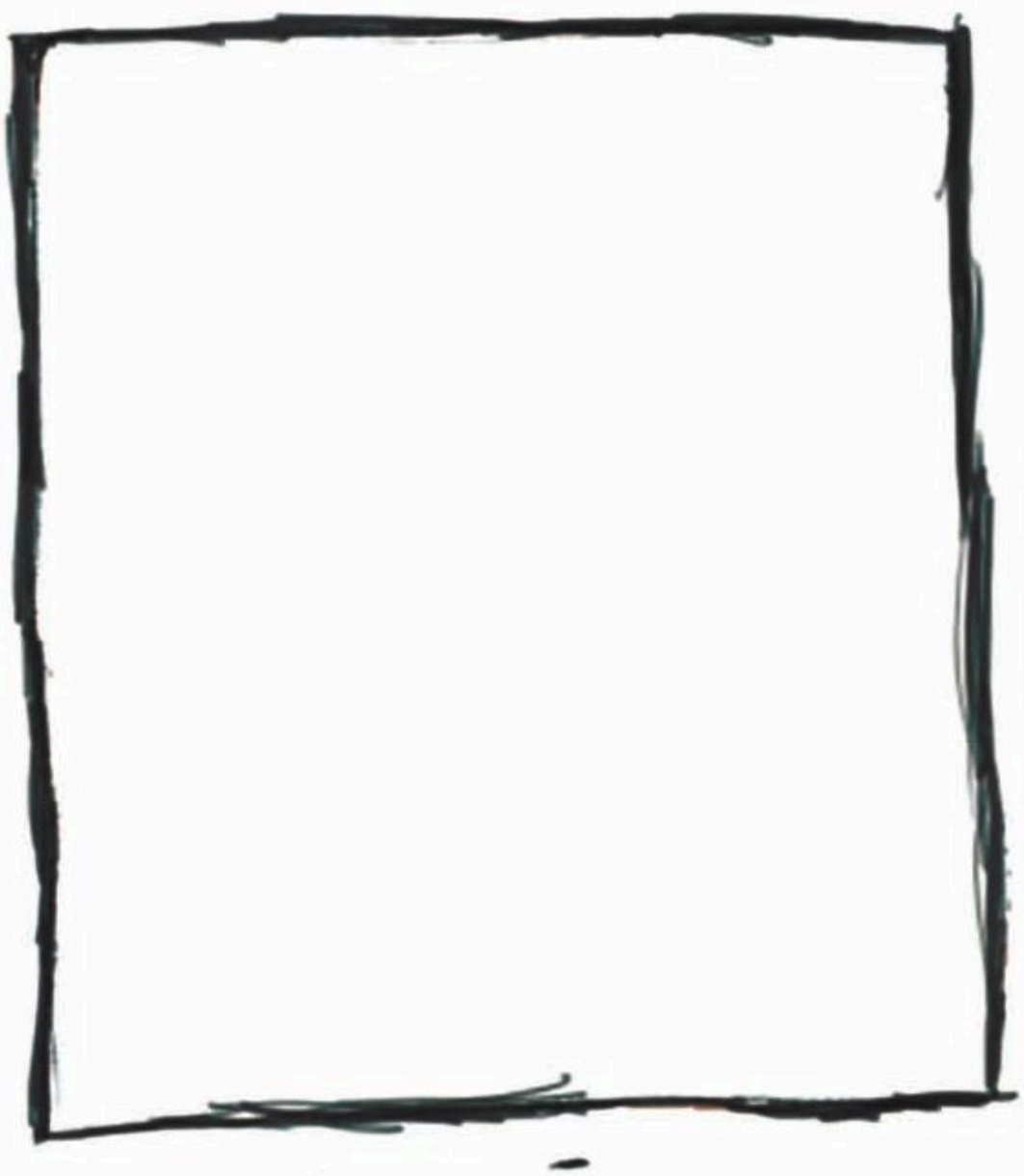




RAIVA

SOLIDÃO

TÉDIO



PAIXÃO

Eu e um amigo cultivamos um hábito há mais de cinco anos: catalogar informalmente os clichês do dia-a-dia. Aquelas frases feitas, chavões, gestos ou atitudes que se proliferam como vírus por meio do tecido social e se estabelecem no repertório popular de forma tão duradoura que chega a ser assustador.

Não é um trabalho com qualquer rigor investigativo. É bem provável que existam livros, sites e farto material a respeito do assunto "clichê" (ou algo parecido). Mas nós procuramos evitar mergulhar muito nisso por três motivos. O primeiro, preguiça. Em segundo lugar, pra não matar a espontaneidade do trabalho. E, por fim, porque tínhamos medo de descobrir que já existia um compilado como esse, que um dia pretendemos publicar.

Enfim, o fato é que nossa coletânea é fruto da mera observação direta e despretensiosa do cotidiano que nos rodeia, das conversas que ouvimos ou de que participamos e de conclusões rápidas nascidas em bate-papos e trocas de e-mails. Até mesmo uma ligação furtiva do banheiro de uma festa tediosa foi necessária para o registro exato de um clichê em andamento. Tudo pela ciência.

Pode haver uma boa dose de sarcasmo aqui, mas precisamos deixar claro que temos absoluto respeito pelos clichês. Eles são vetores básicos de comunicação. São um fator de sobrevivência social. Nos ajudam a conviver com nossos pares, a manter ligações essenciais entre seres humanos nas mais diversas situações, especialmente aquelas em que não existe a possibilidade de contato mais profundo. Nos relacionamentos mais próximos, por outro lado, os clichês são capazes de resgatar uma certa leveza geralmente perdida na convivência baseada na rotina.

Os clichês nos ajudam a conversar sem ter assunto. O que seria da raça humana sem temas universais como a metereologia? "Será que chove hoje?" não é uma pergunta para ser respondida com conteúdo, mas sim com o mínimo suficiente de atenção para que um ser humano se descubra um pouco menos sozinho no universo.

Os clichês oferecem conforto psicológico. Enquanto jogadores de futebol disserem que vão dar o melhor de si e fazer o que o professor disser, o mundo ainda é aquele que achamos que conhecemos.

Por **Gustavo Mini** . Ilustração por **Tiago Lacerda** / el-el-cerdo.blogspot.com

Os clichês revelam a infinita capacidade do ser humano de ser imprevisível. Quando alguém descobre que o vizinho é um maníaco assassino e despeja a tradicional fala "Mas ele era um rapaz tão quieto e educado", não está comentando sobre aquele assunto específico, mas recorrendo a um código comum de estupefação com a capacidade do ser humano de surpreender seus iguais.

Acima de tudo, os clichês são ecológicos: economizamos muita energia com eles, não perdendo tempo tentando criar diálogos mirabolantes em situações onde a lubrificação social é mais importante do que o conteúdo.

Então. Será que chove hoje? **Pode ser.** O tempo anda tão maluco que a gente não sabe mais se sai de casa com manga curta ou com blusão. Coisa de louco. **Não há saúde que resista desse jeito.**

Gustavo Mini escreve em
www.oesquema.com.br/conector

DIAS de um FANTASMA SUICIDA Ep. 9

TRILHA SONORA:
CRAZY
AFGHAN WHIGS

FELIZ PORQUE EU VOLTEI?

NÃO MUITO, VOCÊ ME TRANSTORNAVA UM POUCO...

QUE PENA, PORQUE EU GOSTO DE VOCÊ, E GOSTO DE REFRIGERANTE DE UVA.

E ERA ISSO QUE EU GOSTAVA DE VOCÊ... ESSAS SUAS PECULIARIDADES.

E COMO VOCÊ NUNCA ME FALOU ISSO?

VOCÊ ME FEZ SAIR DA SUA VIDA ANTES!

FIM

+ENDEREÇOS

Dubas Música .
www.dubas.com.br

Choque Cultural .
Rua João Moura . 997
Pinheiros . São Paulo . SP
www.choquecultural.com.br

Läjä Rekords .
www.laja.com.br

Seven Eight Life .
www.seveneightlife.com

Conrad Editora .
www.conradeditora.com.br

Studio SP Espaço Cultural .
Rua Augusta . 591
São Paulo . SP
www.studiosp.com

Nike .
Rua Oscar Freire . 969
Jardins . São Paulo . SP
www.nikesportswear.com

Element/Nixon .
Rua Oscar Freire . 909
www.elementskateboards.com

Plastik .
Rua Melo Alves . 459
Jardins . São Paulo . SP
www.plastiksp.com

Sub Pop Records .
www.subpop.com

Volcom .
Alameda Lorena . 1835
Jardins . São Paulo . SP
loja@volcom.com.br

Cia de Foto .
www.ciadefoto.com.br

Slag Records .
blog.slagrecords.com

Verge Records .
www.vergerecords.org

Drag City .
www.dragcity.com

Carpark Records .
www.carparkrecords.com

Galeria Virgílio .
Rua Dr. Virgilio de Carvalho Pinto . 426
Pinheiros . São Paulo . SP
www.galeriavirgilio.com.br

Pitchfork Media .
www.pitchforkmedia.com

Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães - MAMAM .
Rua da Aurora 265 . Boa Vista
Recife . PE
www.mamam.art.br

Revista Samba .
revistasamba.blogspot.com
revistasamba@gmail.com

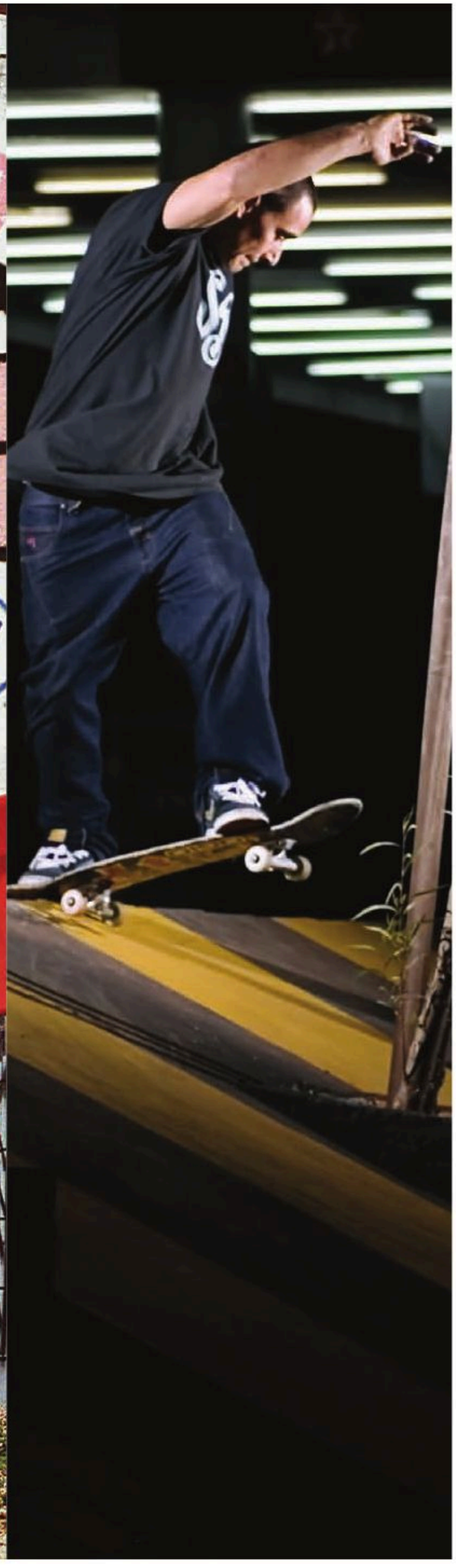
Zarabatana Books .
www.zarabatana.com.br

Editora Hedra .
Rua Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
Vila Madalena
São Paulo . SP
www.hedra.com.br

Auditório Ibirapuera .
www.auditorioibirapuera.com.br

Submarine Records .
www.submarinerecords.net

Detalhe Desenho: Bruno Kurru



RODRIGO PETERSENTHE WALKMAN DUNK

FABIO CRISTIANOTHE K7 DUNK

CEZAR GORDOTHE HEADPHONE DUNK

BRASIL CUSTOM SERIES 3

NIKE SB

CADA MÚSICA MARCA UMA SESSÃO.
O SKATE DE RODRIGO PETERSEN, FABIO CRISTIANO
E CEZAR GORDO INTERPRETADO POR PARTEUM
EM TRÊS FAIXAS INÉDITAS. BAIXE AS MÚSICAS,
CONHEÇA OS PLAYLISTS QUE INSPIRAM SUAS
SESSÕES ATÉ HOJE E SAIBA MAIS SOBRE A
3ª SÉRIE DO PROJETO BRASIL CUSTOM SERIES EM

▸PLAY

PLAYCUSTOMSERIES3.COM.BR

+SOMA
"NOVOS TALENTOS DA FOTOGRAFIA"

APOIO:

NIKE
SPORTSWEAR